

GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM **DEPOIS** NA FALA CARIOCA: uma abordagem funcional

Jaqueline da Silva Gonçalves

Faculdade de Letras / UFRJ

2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM **DEPOIS** NA FALA CARIOCA: uma abordagem funcional

Por

Jaqueline da Silva Gonçalves

Faculdade de Letras / UFRJ

# FOLHA DE APROVAÇÃO

Jaqueline da Silva Gonçalves

GRAMATICALIZAÇÃO DO ITEM **DEPOIS** NA FALA CARIOCA: uma abordagem funcional

Rio de Janeiro, 23 de Março de 2007.

---

Professora Doutora Maria Maura da Conceição Cezario – UFRJ

Orientadora

---

Professora Doutora Mariangela Rios de Oliveira - UFF

---

Professor Doutor Mario Eduardo Toscano Martelotta – UFRJ

---

Professora Doutora Christina Abreu – UFRJ

Suplente

---

Professora Doutora Violeta Virgínia Rodrigues – UFRJ

Suplente

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, autor e consumidor da minha fé, pois sem ele não seria possível o desenvolvimento desse trabalho.

Ao meu marido Luciano, pelo incentivo e pela paciência no decorrer de todo o curso.

À minha orientadora Maria Maura pela sua grande contribuição à minha vida acadêmica e pela sua paciência comigo.

Ao professor Mário Martelotta, por ter me apresentado ao funcionalismo, por ter me sugerido esse tema e por ter me ajudado ao longo desse trabalho;

À professora Mariângela, pelo seu grande incentivo e também pela confiança depositada em mim;

Às alunas Priscila e Gaia (D&G), pela valiosa ajuda nesse trabalho.

Aos colegas do D&G e, em especial, Carolina, Filipe e Roberto.

Aos meus familiares e amigos que estiveram envolvidos direta ou indiretamente comigo, incentivando-me ao longo do trabalho.

# SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS .....	7
INTRODUÇÃO .....	9
Objetivos .....	10
Hipóteses .....	11
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS .....	14
1.1 Funcionalismo americano.....	14
1.2 Gramaticalização .....	15
1.3 Iconicidade .....	21
1.4 Planos discursivos.....	23
2 REVISAO DA LITERATURA .....	26
2.1 A classe dos advérbios nas gramáticas tradicionais .....	26
2.2 A classe dos advérbios nas gramáticas não-tradicionais .....	27
2.3 O elemento <b>depois</b> .....	30
2.4 A classe dos conectivos .....	32
3 ESTUDOS FUNCIONALISTAS SOBRE OS ADVÉRBIOS DE TEMPO.....	37
3.1 <b>Depois</b> em textos escritos para crianças e escritos por crianças .....	37
3.2 O advérbio <i>então</i> sob a ótica de Pezatti .....	43
3.3 A prototipicalidade e funcionalidade de <i>agora</i> .....	46
3.4 Os operadores argumentativos: <i>aí</i> , <i>logo</i> , <b><i>depois</i></b> , <i>então</i> , <i>já</i> e <i>ainda</i> .....	48
4 METODOLOGIA .....	57
4.1 <i>Corpora</i> em análise.....	59
5 ANÁLISE DOS DADOS.....	63
5.1. Classificação semântica do <b>depois</b> .....	63
5.2 Morfossintaxe do <b>depois</b> .....	75
5.3 Posição do item <b>depois</b> na cláusula .....	78
5.4 Figura e fundo.....	80
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	86
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	89

ANEXOS .....	95
<i>Corpus</i> do NURC e do VARPORT .....	96
<i>Corpus</i> do PEUL .....	109

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Classificação semântica do <b>depois</b> .....	73
Tabela 2a: Classificação morfossintática do <b>depois</b> .....	75
Tabela 2b: Classificação semântica em relação à classificação morfossintática do <b>depois</b> .....	76
Tabela 3a: Posição do <b>depois</b> na cláusula .....	79
Tabela 3b: Classificação semântica do <b>depois</b> em relação à posição na cláusula .....	79
Tabela 4a: Planos discursivos .....	83
Tabela 4b: Planos discursivos em relação à classificação semântica do <b>depois</b> .....	84



## INTRODUÇÃO

Este trabalho é uma análise funcionalista do item **depois** no que diz respeito aos processos de mudança lingüística que o levam à gramaticalização. Sabemos que a classe dos advérbios é bastante complexa e pouco explorada pelos compêndios gramaticais tradicionais, que apresentam os advérbios apenas por suas características de circunstanciadores, como tempo, modo, dúvida, intensidade, entre outros, porém não dão conta de todas as especificidades dessa classe.

Além da característica adverbial, o item **depois** aparece nas gramáticas tradicionais como uma conjunção temporal, porém estudos funcionalistas como o de Martelotta (1994) mostraram que esse item assume o valor de conector, funcionando como um organizador do discurso, um seqüencializador textual.

Propusemo-nos a fazer a análise de um fenômeno que se observa no uso do item **depois** no que tange ao português falado: a gramaticalização. De acordo com Heine (2003): “gramaticalização é um processo que leva itens lexicais a se tornarem itens gramaticais e itens gramaticais a se tornarem elementos mais gramaticais”. Pretendemos demonstrar que o item **depois** está sofrendo um processo de gramaticalização no sentido de apresentar usos mais gramaticais que derivam do seu uso tradicional como advérbio.

O processo que leva o item **depois** a sofrer gramaticalização está relacionado à trajetória metafórica *espaço > tempo > texto*. Essa trajetória diz respeito a três estágios metafóricos de mudança que fazem com que itens como o **depois** sofram gramaticalização. O item **depois** cuja origem latina é espacial (uso mais concreto), através de um processo metafórico, passa a indicar o espaço no tempo (uso intermediário) e completa essa trajetória culminando num uso mais abstrato que é o espaço no texto, ou seja, ele passa a organizar o discurso.

A gramaticalização do item **depois** é observada, na maioria das vezes, em registros típicos da oralidade, nos quais falantes do português tendem a fazer usos como:

a) F- [é o quê?] [a Maré?] não, a Maré é **depois** da principal. Seguindo em frente aqui, (est) aí você vai dar numa rua transversal lá, a Maré, é bem dizer, é dali para frente, (est) não é? (est) Maré, é bem dizer, era isso aqui tudo. (PEUL)

b) E- Passei um grande tempo (inint), sabe? (est) sem sair com ninguém. Voltava no quartel, tinha uma garotinha ali da Teixeira que vinha atrás de mim aí, eu não queria papo. **Depois** que eu caí na real, eu falei: "pô"! Porque que eu vou ficar nessa? Eu vou é curtir com a cara delas e-" como é que é? (riso de f) (PEUL)

c) F- Aí, ela vai me dizendo e aí é que eu sigo um pouquinho, porque do contrário de repente, eles resolvem e terminam e, aí, acontece tudo. É casamento no mesmo dia é o nascimento da criança e- aí, eu prefiro não assistir. E **depois**, também, a <o->- a hora da novela é a hora que eu estou vendo janta, não é? Essas coisas assim. não me prendo mesmo. (PEUL)

No exemplo (a), o **depois** indica um lugar no espaço; no exemplo (b), o **depois** se apresenta como advérbio temporal, em seu uso prototípico; e no exemplo (c), o **depois** aparece gramaticalizado, funcionando como um conectivo.

## OBJETIVOS

Um dos objetivos principais deste trabalho é descrever o processo da metaforização *espaço > tempo > texto* ocorrido com o item **depois** na fala do português carioca, a partir da análise dos dados de três *corpora*: o Projeto Norma Lingüística Urbana Culta (NURC), o Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português (VARPORT) e Programa de Estudos sobre os usos da língua (PEUL) e observar se as diferenças de usos semânticos que esse item apresenta estão relacionadas à morfossintaxe, à posição que ele ocupa na cláusula e/ou ao plano discursivo em que ele está inserido. Não utilizamos para essa análise o *corpus* Discurso & Gramática pelo fato de ele já ter sido analisado por Martelotta em sua tese.

Elaboramos, para este trabalho, os seguintes objetivos específicos:

- a) observar a trajetória *espaço > tempo > texto* nos textos da modalidade oral escolhidos para o desenvolvimento do trabalho a fim de investigar sua relação com o fenômeno em questão, bem como os usos que o **depois** pode assumir em decorrência da frequência e da gramaticalização;
- b) verificar se o contexto morfossintático do **depois** está relacionado a um determinado valor semântico desse item;
- c) observar se a posição do **depois** nas cláusulas é consequência da gramaticalização, uma vez que um elemento gramaticalizado tende a ocupar posições mais fixas na cláusula;
- d) verificar se o plano discursivo em que o **depois** se encontra está vinculado a um determinado uso e se este é gramaticalizado.

## HIPÓTESES

Para o desenvolvimento do trabalho, partimos das seguintes hipóteses:

- a) Em determinadas ocasiões de fala, o item **depois**, através da trajetória metafórica *espaço > tempo > texto*, tende a

enfraquecer os valores indicativos de tempo e espaço, o que deve levar o item a assumir funções mais gramaticais (conectores), ou seja, em decorrência da frequência de uso, o item **depois** deve apresentar novos usos diferentes do prototípico (advérbio);

b) de acordo com o princípio da iconicidade, as formas diferentes costumam expressar sentidos diferentes. Assim, esperamos que os diferentes contextos morfossintáticos do item **depois** expressem os sentidos variados desse item;

c) uma das características da gramaticalização é a tendência à fixação de um determinado item numa posição. Dessa forma, levantamos a hipótese de que o item **depois** gramaticalizado passa a assumir posições mais fixas nas cláusulas, posições essas típicas de conectores;

d) segundo Martelotta (2007), baseado em Givón (1979), em suas pesquisas sobre os usos do itens *bem* e *mal*, as cláusulas mais gramaticalizadas (hipotáticas e subordinadas) apresentam esses advérbios em posição pré-verbal, o qual reflete registros mais antigos da língua; enquanto as cláusulas menos gramaticalizadas, que são menos conservadoras, já apresentam uma tendência de ordenação mais nova: ocorrem em posição pós-verbal. Com base nessas pesquisas, extendemos essa perspectiva para o valor semântico do item **depois** e trabalhamos com a hipótese de que o uso adverbial desse item (uso mais antigo) deve aparecer mais em contexto de fundo (que normalmente contém cláusulas mais gramaticalizadas), enquanto os usos mais polissêmicos (usos mais novos) devem aparecer no plano figura, já que este plano contém cláusulas mais independentes semântica e sintaticamente (paratáticas).

Este trabalho está dividido em: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, em que apresentaremos as teorias que servirão de base para a análise do fenômeno em questão; A REVISÃO DA LITERATURA, em que faremos uma breve revisão de como o **depois** é abordado nas gramáticas tradicionais e não-tradicionais; ESTUDOS FUNCIONALISTAS SOBRE OS ADVÉRBIOS DE TEMPO, com abordagens dedicadas às análises funcionalistas acerca de advérbios temporais; METODOLOGIA, que compreende procedimentos metodológicos de coleta e de codificação de dados e da apresentação dos *corpora* selecionados para a análise; ANÁLISE DOS DADOS, que contém os resultados encontrados sobre o fenômeno investigado. E, por fim, as CONSIDERAÇÕES FINAIS, em que apresentamos a conclusão do que analisamos neste trabalho.

# 1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O presente trabalho baseou-se fundamentalmente no funcionalismo americano. Essa perspectiva teórica observa a mudança lingüística no que diz respeito à gramaticalização e a outras mudanças relacionadas a esse fenômeno. Observaremos, portanto, alguns pressupostos que foram utilizados para dar conta da gramaticalização do item **depois**.

## 1.1 O funcionalismo americano

A visão funcionalista da linguagem, diferentemente da estruturalista, propõe tratar a língua como um processo de contínua transformação, visto que visa à interação entre língua e fala e não aquela em detrimento desta como objeto de estudo, conforme postulou Saussure na definição de *langue x parole*. O interesse dos funcionalistas, no entanto, é ressaltar a importância do processo de comunicação nas possibilidades de construção de enunciados, isto é, considerar que a função determina a forma. Conforme Martelotta & Áreas (2003, p. 20) “a língua não pode ser analisada como objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical”.

O funcionalismo nos Estados Unidos ganhou força a partir da década de 70, como tema de trabalho para Sandra Thompson, Paul Hopper e Talmy Givón, que passaram a adotar uma lingüística voltada para o uso, observando a língua do ponto de vista do contexto lingüístico e da situação extralingüística.

Por fim, de acordo com essa proposta, o foco de investigação centrou-se nas motivações para as construções sintáticas em decorrência do seu uso. O texto pioneiro nessas análises foi o “The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives” de Gillian Sankoff e Penelope Brown em 1976 e em 1979, Talmy Givón, influenciado pelas descobertas de Sankoff, escreveu “From discourse to syntax: grammar as a processing strategy”.

Tomamos, nesta Dissertação, como perspectiva teórica o funcionalismo americano na análise do item **depois**, por observarmos que as mudanças lingüísticas ocorridas neste item estão relacionadas à função que a língua exerce e esta é determinada pelo uso que os falantes fazem da mesma. Desta forma, o item **depois**, num determinado contexto comunicativo, pode assumir usos distintos de sua característica adverbial, o que pode culminar na sua gramaticalização, ou seja, configurando-se como elemento mais textual e, portanto, mais gramatical.

## 1.2 Gramaticalização

Nesta seção, faremos uma pequena apresentação da história sobre os estudos acerca da gramaticalização, apresentando as características do fenômeno, a forma como esse fenômeno é concebido pelos estudiosos envolvidos com a teoria funcionalista e como ele é visto por lingüistas não-funcionalistas. O texto base para este levantamento histórico é o de Heine (2003).

Veremos, nesta abordagem, que a gramaticalização é um processo de mudança lingüística que leva itens lexicais a assumirem características gramaticais e elementos gramaticais a se tornarem mais gramaticais, a partir do uso desses itens.

Os estudos acerca da gramaticalização envolvem três fases históricas divididas da seguinte forma: i) filósofos franceses e ingleses do século XVIII, tais como: Etienne Bonnot de Condillac e John Horne Tooke; ii) lingüistas alemães do século XIX e início do século XX, Franz Bopp e Meillet e iii) década de 70, cujo principal representante foi Talmy Givón.

Na primeira fase, Condillac afirma que a complexidade gramatical e o vocabulário abstrato derivam historicamente de lexemas concretos e também ressalta que morfemas verbais provêm de palavras independentes. Tooke, por sua vez, propôs que a língua em seu “estado original” é concreta e que fenômenos abstratos são derivados dessa. Propôs também os termos “mutilação” e “abreviação” como noções chave e que nomes e verbos são palavras necessárias, enquanto advérbios, preposições e conjunções são derivados daquelas palavras através dos processos de mutilação e abreviação.

Na segunda fase, Bopp considera a passagem de uma forma lexical para gramatical como um aspecto essencial da gramática comparativa. Após Bopp, outros lingüistas, que se dedicaram ao estudo de aspectos relativos a mudanças lingüísticas, surgiram ao longo do século XIX, como Meillet, que introduziu o termo gramaticalização.

Já na terceira fase, os estudos sobre gramaticalização se intensificaram e os estudiosos adotaram inicialmente o paradigma do localismo de Anderson (1971, 1973), cuja definição é a de que elementos espaciais são mais básicos do que os outros e que aqueles servem de base para estes.

Talmy Givón destacou-se, nesta terceira fase, por seu trabalho desenvolvido e pela famosa frase: “A morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”. E a sintaxe de hoje é o discurso de ontem. Nesse contexto tem-se a seguinte trajetória:

DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFOFONÊMICA > ZERO

Essa trajetória revela a mutabilidade da língua; o que estava no discurso, em decorrência da frequência e de outros fatores, fixa-se gradualmente e se torna item da gramática. Esse item, ao longo dos anos, pode se tornar parte de uma outra palavra ou até mesmo desaparecer.

No decorrer dos anos 70 e 80, muitos estudos voltaram-se para as mudanças morfossintáticas e basearam-se nos seguintes aspectos:

- a) a língua é um produto histórico e deve ser estudada primeiramente em referência a forças históricas que são responsáveis pelas estruturas atuais;
- b) achados de gramaticalização oferecem mais explicações para determinados fenômenos linguísticos do que os achados associados a análises sincrônicas;
- c) o desenvolvimento das categorias gramaticais é unidirecional, isto é, parte do concreto para o mais abstrato.

Muitos outros autores desenvolveram trabalhos sob a perspectiva da teoria da gramaticalização e a partir disso, algumas contribuições emergiram. Dentre elas estão:

- a) Traugott (1980), que oferece subsídios para a reconstrução da mudança semântica;
- b) Bybee (1985), que descreve e explica a estrutura de categorias gramaticais em outras línguas;
- c) Hopper (1987), que afirma que estratégias recorrentes são usadas para construir discursos e envolve um movimento contínuo para a estrutura.
- d) Heine (2003), que afirma que a principal motivação que norteia a gramaticalização é a comunicação satisfatória.

Segundo Heine (2003), para que haja sucesso na comunicação, os falantes devem partir do uso de expressões de características mais concretas e mais acessíveis a eles, para serem usadas em contextos mais específicos, com características mais abstratas.

A gramaticalização de expressões linguísticas envolve quatro mecanismos básicos:

- a) Dessemantização (bleaching) – trata-se da perda semântica que uma expressão sofre num determinado contexto. Formas mais concretas são reinterpretadas em outros contextos com características gramaticais mais abstratas.
- b) Extensão – é o uso de uma expressão em diferentes contextos. Há novos contextos para uma mesma expressão ser usada.
- c) Decategorização – é perda de propriedades morfossintáticas, incluindo perda de status de palavra independente (chamado cliticização, afixação).

d) Erosão (phonetic reduction) – é a perda de substância fonética.

O processo de gramaticalização tem um modelo chamado *overlap model*, segundo Heine (2003):

- I. Há uma expressão lingüística A que é recrutada para a gramaticalização;
- II. Essa expressão adquire um novo uso B, havendo ambigüidade entre A e B;
- III. A é perdido, havendo somente o uso B.

Nos estágios acima, observamos o processo que leva à gramaticalização. Porém, Heine sinaliza que nem todas as expressões lingüísticas chegam ao uso B, contudo há a tendência de que o novo uso venha a se convencionar e a fazer parte da gramática. Para exemplificar, observaremos abaixo a trajetória de gramaticalização do verbo *taka* (querer) na língua Swahili segundo o *overlap model*:

I.        A            *TAKA*    KU    JA    (“He *wants* to come.”)  
          C I – PRES    WANT    INF    COME

II.    A    *TAKA* – YE        KU    JA    (“he who will come.”)  
          C I FUT C I – REL    INF    COME

III.    A     TA        KU        JA        (“He will come.”)  
          C I    FUT        INF        COME

Como vimos acima, o verbo *taka* passou pelos três processos do *overlap model* de Heine; esse verbo era volitivo, principal (I), sofreu decategorização, pois perdeu seu status de palavra independente e suas propriedades características, tornando-se um prefixo do verbo principal (II). Finalmente, *TAKA* se gramaticaliza e sofre erosão fonética, reduzindo-se a um –TA marcador de futuro (III).

Heine (2003) informa que a teoria da gramaticalização vem sofrendo críticas como as seguintes:

- 1) Nem todos os exemplos de mudança gramatical dizem respeito à gramaticalização;
- 2) Gramaticalização não é unidirecional;

- 3) Gramaticalização não é um processo distinto;
- 4) A teoria da gramaticalização não é uma teoria.

Há estudiosos que contestam o fato de gramaticalização ser considerada como um processo distinto, visto que os mecanismos utilizados por ela podem ser encontrados em outros fenômenos distintos da gramaticalização. No entanto, Heine mostra que os mecanismos como dessemantização, decategorização, erosão e extensão, na gramaticalização, estão inter-relacionados, e é o conjunto que determina a gramaticalização. Ele conclui dizendo que gramaticalização é um processo distinto, conduzindo ao aumento e desenvolvimento de novas formas gramaticais.

O autor informa que o modo como estudiosos lidam com o processo pelo qual formas linguísticas expressam experiências humanas varia bastante. Uma das abordagens surge do conhecido modelo de transferência. A partir desse modelo, parte a idéia de uma transferência conceptual do domínio mais concreto para o menos concreto da experiência humana. Uma extensão dessa transferência de domínio é aquela que se refere à transferência de conceitos espaciais para expressar funções gramaticais no domínio do texto. Essa transferência pode ser observada no esquema de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991):

ESPAÇO > TEMPO > TEXTO

Nessa trajetória, um elemento espacial com características mais básicas e mais concretas transfere essa noção a um elemento temporal cujas características são mais básicas e mais concretas do que a textual, no processo que vai do +concreto para o –concreto.

Gramaticalização, portanto, não faz somente reconstruções históricas, mas também está conectado com o futuro, com as mudanças que podem ocorrer com itens gramaticais. Dessa forma, a gramaticalização pode ser interpretada, nas palavras de Heine (2003, 599): “um dos fatores que determinam a história e o desenvolvimento da gramática”.

Em relação a essa interpretação de Heine, podemos tomar como exemplo, o processo de gramaticalização do item **depois**, que de uma origem espacial, indicando espaço físico, através da trajetória metafórica espaço > tempo > texto e, em decorrência do uso, parece perder essas características espaciais e temporais, assumindo uma característica textual, ou seja, como conectivo.

Para o estudo e análise das mudanças que o item **depois** vem sofrendo, através do uso, adotamos como base teórica a gramaticalização. Cabe salientar que nem todos os fenômenos abarcados por essa teoria são utilizados neste trabalho. Sobretudo decategorização, dessemantização, extensão e reanálise constituem fatores importantes para a análise da gramaticalização do item **depois**.



### 1.3 Iconicidade

Com o intuito de se analisar como se constroem os enunciados, lingüistas funcionalistas observaram que há uma estreita relação entre forma e função, ou seja, entre significante e significado. Essa relação é denominada iconicidade, que, nas palavras de Cunha, Costa e Cezario (2003: 29), é definida como “a correlação natural entre forma e função entre o código lingüístico (expressão) e o seu designatum (conteúdo)”. Os funcionalistas estabelecem três subprincípios para a iconicidade:

- a) subprincípio da quantidade: este subprincípio indica que quanto maior a quantidade de informação, maior é a quantidade de material fônico a ser usado; e quanto menor a quantidade de informação, menor a quantidade de material fônico;
- b) subprincípio da integração: este subprincípio prevê que quanto mais integrado o enunciado cognitivamente, mais integrado o será sintaticamente (o contrário também se verifica);
- c) subprincípio da ordenação linear: os elementos apresentam-se ordenados conforme a sua importância cognitiva, ou seja, o falante seleciona o que deverá ocupar o lugar de tópico, ordenando as partes dos enunciados de acordo com sua importância; ou apresentando os enunciados na ordem de acontecimento no mundo como em “Vim, vi e venci”.

Outro princípio estudado pelos funcionalistas é o princípio da marcação. Os falantes tendem a utilizar mais determinadas construções do que outras, daí a distinção do marcado X não-marcado. O primeiro diz respeito a estruturas menos freqüentes, e, portanto, marcadas; já o segundo diz respeito a estruturas muito freqüentes e sendo assim, não-marcadas.

Este princípio estabelece três critérios para que seja possível estabelecermos as diferenças entre marcado X não-marcado:

- a) complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa que a não-marcada;
- b) distribuição de freqüência: a estrutura não-marcada tende a ser mais freqüente que a marcada;
- c) complexidade cognitiva: a estrutura marcada tende a ser mais complexa cognitivamente que a não-marcada, pelo

fato de se exigir do falante maior esforço mental, atenção, etc.

No entanto, estudiosos afirmam que mais de um critério pode aparecer junto numa mesma estrutura, como por exemplo: uma estrutura marcada por ser menos freqüente (distribuição de freqüência) torna-se mais complexa estruturalmente (complexidade cognitiva).

Givón faz uma observação importante acerca da marcação. Ele afirma que um elemento pode ser marcado num contexto e não-marcado em outro, sendo assim, o que está em foco são fatores comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos.

Na análise do item **depois**, observamos que alguns fatores de ordem icônica podem influenciar no processo de gramaticalização deste item, dentre eles estão: o subprincípio da ordenação linear e a marcação; desta última, utilizamos a distribuição de freqüência. Um tema bastante relacionado à iconicidade é o que se refere aos planos discursivos, que abordaremos a seguir.

#### 1.4. Planos discursivos

De acordo com Hopper e Thompson (1980), *figura e fundo* estão estreitamente relacionados à transitividade, isto é, à maneira como os falantes organizam seu discurso apresentando de modo diferente o que está na linha principal da seqüência em contraste com as informações periféricas. Sendo assim, o emissor transmite ao receptor a diferença entre o que é central e o que é periférico. A essa centralidade do enunciado dá-se o nome de *figura* e ao que é periférico, denomina-se *fundo*.

A função de *figura* corresponde à parte do texto narrativo com eventos concluídos, normalmente se apresenta em cláusulas coordenadas e com verbos no perfectivo. Essa função apresenta-se como foco central da mensagem emitida.

Por outro lado, a função de *fundo* corresponde aos elementos “acessórios” do texto, tais como: descrição de lugares, de pessoas, além de eventos ou observações avaliativas do falante. Trata-se, portanto, de informações complementares, responsáveis pelo enriquecimento do texto narrativo.

O fundamento cognitivo que norteia o plano discursivo e que origina as funções *figura* e *fundo* baseia-se na gestalt: identificamos mais prontamente as entidades que se apresentam em primeiro plano, como figuras bem-recortadas e focalizadas, em oposição a tudo o mais, que passa a ser percebido contrastivamente como plano de fundo, segundo Cunha, Costa e Cezario (2003: 40).

Essa perspectiva gestalista sintetiza os dois processos: *figura* e *fundo*, deixando implícito que uma complementa a outra. A primeira é mais clara e necessária para o falante e o ouvinte no processo comunicativo, enquanto a segunda apresenta elementos que auxiliam e detalham a primeira, atribuindo-lhe características que contribuem para a eficácia da mensagem.

Embora *figura* e *fundo* tenham sido tratados predominantemente em textos narrativos, tais fenômenos podem ocorrer em outros tipos de construções textuais, tais como: descrição, relatos de procedimento ou de opinião. Podem também ocorrer casos em que um texto narrativo venha a funcionar como fundo em textos não-narrativos maiores.

Pretendemos observar, nos *corpora*, os planos discursivos em que o item **depois** aparece, se há planos discursivos específicos para cada uso e se esses planos estão ligados de algum modo à gramaticalização do item **depois**.

Como dissemos na apresentação das hipóteses, acreditamos, com base em Martelotta (2007) e em Givón (1979), que as cláusulas menos gramaticalizadas (cláusulas do plano figura, no caso da nossa pesquisa), por estarem a serviço do discurso, apresentam usos mais novos do item **depois**, enquanto as cláusulas mais gramaticalizadas (no nosso caso, as cláusulas do plano fundo) apresentam os usos mais tradicionais.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

O item **depois** pode ser considerado advérbio ou conectivo, dependendo do contexto, deste modo, resumiremos o que os autores dizem sobre as duas classes, focalizando sempre o item **depois**. O objetivo desta revisão é comparar o que os diversos textos, tais como compêndios gramaticais tradicionais, gramáticas didáticas, gramáticas não-tradicionais e dicionários, dizem acerca do item **depois**, para compararmos com os usos encontrados nos *corpora* analisados nesta dissertação.

Com relação à classe dos advérbios, uma revisão da literatura mais completa pode ser lida em Martelotta (1994), Andrade (2003) e Freitas (2003).

Dos compêndios gramaticais tradicionais selecionamos: Bechara (2003); Celso Cunha & Lindley Cintra (2001) e Rocha Lima (2002). Das gramáticas escolares selecionamos Terra (1993).

Também consultamos autores não vinculados à tradição gramatical, dentre esses pesquisamos: Neves (2000); Azeredo (2000); Perini (2000).

Finalmente, os dicionários que observamos foram Holanda (2004) e Cunha (1982).

Como o item **depois** pode ser considerado advérbio ou conectivo, dependendo do contexto, iremos resumir o que os autores consultados dizem a respeito dessas duas classes, sempre focalizando o item objeto de estudo.

### 2.1 A classe dos advérbios nas gramáticas tradicionais

O conceito “advérbio” é tratado nas gramáticas tradicionais como elemento modificador que indica circunstância. Tal constatação, entretanto, não abarca as inúmeras particularidades encontradas nessa categoria no âmbito funcional.

Estes compêndios apresentam ainda a que classes gramaticais o advérbio pode se referir: a) a um verbo; b) a um adjetivo; c) a um outro advérbio; d) a uma oração inteira.

Tomamos como exemplo o que Bechara (2003: 288) diz acerca de advérbio, a fim de sintetizá-lo assim como as demais gramaticais tradicionais:

- (1) José escreve *bem*. (advérbio modificando verbo);
- (2) José é *muito* bom escritor. (advérbio modificando adjetivo);
- (3) José escreve *muito* bem. (advérbio modificando advérbio);
- (4) *Felizmente*, José chegou. (advérbio modificando toda declaração: José chegou; o advérbio deste tipo geralmente exprime um juízo pessoal de quem fala e constitui a cláusula comentário).

No exemplo (1), o advérbio aparece em sua posição prototípica, isto é, ao lado do verbo; no exemplo (2), o advérbio está se referindo ao adjetivo; no exemplo (3), o advérbio funciona como um intensificador de outro advérbio e em (4), o advérbio aparece deslocado, modificando toda a oração. A apresentação dos advérbios nas gramáticas tradicionais não dá conta dos diversos usos que esta classe pode ter em decorrência do discurso oral.

Uma revisão dos compêndios tradicionais pode ser visto em Freitas (2004) e Rodrigues (1994).

## 2.2 A classe dos advérbios nas gramáticas não-tradicionais

A questão acerca de advérbio é bastante polêmica, tanto que em compêndios não-tradicionais a abordagem dessa categoria também apresenta dificuldades no que diz respeito a sua categorização. Perini (2002) chega a questionar a existência dessa classe gramatical, pelo fato de ela apresentar características também encontradas em outras classes.

Perini postula que as “circunstâncias” atribuídas aos “advérbios” são insuficientes e não enquadram adequadamente os elementos que compõem essa classe. Ele afirma ainda que a análise semântica (classificação das circunstâncias) deve ser feita separada da sintática, porém devemos observar o comportamento dos chamados advérbios no seu efetivo uso, no discurso.

A título de exemplo, Perini apresenta cinco advérbios e faz uma breve análise, mostrando a lacuna deixada pela gramática tradicional com relação a essa classe. São eles: *não* (negação), *rapidamente* (modo), *completamente*, *muito* e *francamente* (intensidade).

Ele faz a seguinte análise (2002: 339):

### (5) **Negação verbal:**

Seu tio *não* apareceu na estação.

### (6) **Intensificador:**

Almeida é *muito* magro.

Almeida estava *completamente* bêbado.

Essa proposta é *francamente* ilegal.

### (7) **Adjunto circunstancial:**

Ela ri *muito*.

### (8) **Atributo:**

Terminamos a pintura *rapidamente*.

Ela me revelou tudo *francamente*.

A partir dessa breve análise, Perini afirma que existem mais funções exercidas pelos advérbios acima que a gramática tradicional não apresenta e que os mesmos podem ter funções sintáticas bastante diferenciadas também (no caso, os advérbios de modo: *rapidamente, francamente e completamente*).

Já Azeredo (2000) apresenta outra visão acerca dos advérbios. A classe adverbial, assim como outras classes, é classificada por Azeredo como SAdv (sintagma adverbial) através do processo de transposição, que segundo ele (2000: 45), “constitui um meio de relacionar estruturas sincrônicas entre si e atuantes na língua”, tendo como núcleo geralmente um advérbio, podendo vir paralelamente ao SAdj (sintagma adjetivo). Os sintagmas adverbiais podem vir na forma de advérbio, de gerúndio e até de orações, servindo de modificadores de sintagma nominal (SN).

Essa reflexão acerca de advérbio, que Azeredo propõe, assemelha-se a de Perini ao atribuir a outras classes a função modificadora e não somente as palavras consagradas pela gramática tradicional como advérbios.

Azeredo analisa o SAdv e afirma que este sintagma pode vir antecedido de determinante (*muito cedo*), precedidos de modificador (provavelmente *bem*) ou seguidos de modificador (**depois da cidade**). Como o SAdj, o SAdv pode exercer a função de predicador ou de modificador; como predicador vem introduzido pelo transpositor *ser* (O acidente *foi* ontem.); como modificador pode vir junto à oração (*Finalmente, eles saíram.*), junto ao adjetivo (*profundamente* magoados), junto ao verbo (sairão **depois**), junto a outro advérbio (incrivelmente *depressa*) e finalmente, junto a um substantivo (um cafezinho *agora*). Deste último, a gramática tradicional não trata.

E finalmente, Neves (2000) apresenta a classificação adverbial voltada exclusivamente para o discurso. Ela conceitua a classe dos advérbios sob dois prismas: o morfológico e o sintático ou relacional. No primeiro, a classe advérbio é nomeada como invariável, apresentando, entretanto, casos em que o advérbio pode se flexionar em gênero e número, classificados pela autora como quantificadores e, segundo ela, considerados “erros” pela gramática, podendo ser exemplificados deste modo: *Estou **meia** cansada. / Há **menas** meninas que meninos.*

No segundo, no nível sintático, o advérbio, consoante as palavras de Neves (2000 p. 234) é “uma palavra periférica, isto é, funciona como **satélite** de um núcleo”. A referida observação da autora faz menção a elementos gramaticais, tais como: verbo, adjetivo, outro advérbio, numeral, dentre outros, a todo o enunciado periférico (iniciando período) e também presente no discurso periférico, “incidindo sobre todo o enunciado”, Neves (2000, p. 235).

### 2.3 O elemento **depois**

As gramáticas tradicionais consultadas não apresentam uma definição sistemática para as circunstâncias, apenas trazem exemplos para tentar explicar as características circunstanciais. Nesse trabalho, observaremos especificamente a circunstância temporal, focalizando o item **depois**.

A fim de analisarmos o item **depois** e para que seja possível um tratamento dos variados usos do referido item, consultamos também uma fonte etimológica, Cunha 1982: 248: “**Depois**: adv. ‘em seguida’, ‘posteriormente’ XIII. Do lat. **Depost** (que deu origem às ant. vars. **Depos** XIII, **depus** XIII); o –i- ainda não foi suficientemente explicado. Cp. Após, pois”.

Das gramáticas tradicionais consultadas, nenhuma apresenta uma definição sistemática para a referida circunstância. Algumas trazem exemplos para explicar as características circunstanciais.

Do mesmo modo, as gramáticas escolares apresentam classificação para este advérbio muito semelhante a das gramáticas tradicionais. Quase todas atribuem ao advérbio a função de modificador verbal, adjetival, adverbial e também oracional, além de intensificador, indicando as várias circunstâncias expressas pelos verbos, adjetivos, outros advérbios ou orações a que este elemento gramatical faz menção.

Ao consultar os compêndios gramaticais tradicionais, observamos que o tratamento dado ao item **depois** é basicamente o mesmo em todos eles. O **depois** é classificado como advérbio temporal, vindo na sua forma padrão de advérbio, isto é, ao lado do verbo. Outras vezes, o item **depois** vem acompanhado pelo pronome *que* na forma de locução conjuntiva **depois que** cuja classificação é conjunção subordinativa adverbial temporal.

Há um consenso entre os autores tradicionais em classificar o item **depois** como advérbio temporal e em classificá-lo como conjunção temporal, ao lhe acrescentar o pronome (que). O que percebemos, portanto, é a ausência, nesses autores, de menção a outras possibilidades de construção para o item **depois**, uma vez que se trata de norma padrão.

Quanto à classificação temporal, Neves (2000: 256) agrupa esse item como circunstancial, de categoria dêitica, e segundo ela “são categorias que fazem orientação por referência ao falante e ao aqui-agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala”. Nessa classificação, Neves divide os advérbios temporais em duas subclasses: os fóricos e os não-fóricos. Os fóricos indicam circunstância referente ao momento da enunciação, numa escala de proximidade temporal. Já os não-fóricos expressam simplesmente a circunstância de tempo.

Para efeito de exemplificação, ela classifica o advérbio temporal **depois** no grupo dos advérbios que estabelecem relação de posterioridade de um momento ou período com outro. Como no exemplo abaixo:

(9) Carlos resmungou, **depois** brincou que estava certo de que devia haver coisas terríveis escritas contra ele.

Neves (2000: 259) afirma também que, havendo menção fórica ao sintagma, “ela pode ter expressão em um complemento com preposição”:

(10) Efetuei um voo de reconhecimento da pista logo **depois do** desembarque. / **Depois de** limpar a área, o produtor deve preparar a aração e a gradagem.

## 2.4 A classe dos conectivos

As gramáticas tradicionais classificam a conjunção como elemento que liga duas orações ou termos semelhantes que se relacionam entre si. A maioria dos gramáticos tradicionais faz a separação entre as conjunções em coordenadas e subordinadas; desta última, o tipo de conjunção objeto de análise é a temporal, por apresentar o item objeto de estudo desta Dissertação.

Quanto à classificação temporal, poucos compêndios atribuem-lhe alguma definição. Para efeito e exemplificação, tomamos a definição de Bechara (2003 p. 328): “Temporais: quando iniciam oração que exprime o tempo da realização do fato expresso na oração principal”.

Nas gramáticas tradicionais, o **depois** se apresenta como locuções conjuntivas: *depois que*, como podemos observar no exemplo a seguir:

(11) Ainda que estude, terá de aperfeiçoar-se **depois que** se gradue.

O mesmo podemos falar a respeito da gramática escolar: é apresentado o item **depois** como conjunção temporal, na forma da locução conjuntiva *depois que*.

Os lingüistas já vêm registrando novas possibilidades de uso que o item **depois** pode assumir no processo de comunicação, dentre eles destacam-se: Neves (2000), Azeredo (2000) e Perini (2002) que atribuem ao item **depois**, construções diferentes das apresentadas pelas gramáticas tradicionais.

Azeredo (2000), ao tratar da classe adverbial, atribui a classificação *oração adverbial* à transposição dos SAdvS por intermédio das conjunções. O que ele destaca, em sua análise, é a não-criteriosidade por parte das gramáticas tradicionais em que se leve em conta os aspectos formais, distribucionais e semânticos das conjunções. A fim de organizar satisfatoriamente as orações adverbiais, Azeredo agrupou-as da seguinte maneira: situação/movimento; causalidade; modo;



contraste; variações enfáticas da estrutura concessiva; resultado, etc.

A noção temporal, na análise de Azeredo, é a de situação/movimento, em que também se encontram as noções proporcionais (tempo) e locativas (espaço). Essas noções têm uma ligação bastante estreita, segundo o autor, o que justifica a importância da investigação objeto de observação neste trabalho.

A conjunção *depois que* para esse autor (2000, 99) é classificada como posterior/durativa, como se pode observar no exemplo abaixo:

(12) Eles vivem na capital *depois que* receberam a herança.

Ou como posterior/pontual, conforme o exemplo abaixo:

(13) Eles se mudaram para a capital (logo) *depois que* receberam a herança.

Perini (2002) apresenta uma outra possibilidade de análise para a conjunção, ou melhor, para um grupo a que ele atribui essa nomenclatura, visto que ele nomeia as preposições e as conjunções da gramática tradicional como conjunções. Segundo o autor (2002: 333): “elas funcionam como elementos de conexão entre constituintes”, por essa razão são chamadas conectivos.

Ele divide a classe dos conectivos em duas subclasses: a dos conectivos subordinativos e a dos conectivos coordenativos. Na categoria dos conectivos subordinativos, há ainda outra subdivisão: preposições e conjunções, entretanto, voltamos o foco apenas para as conjunções.

As conjunções que segundo Perini (2002: 334) são “palavras que precedem a uma oração, formando o conjunto um SAdv ou um SN”, constituem-se de palavras que se acrescentam a orações, formando SAdv ou SNs. Essa categoria é exemplificada da seguinte forma por Perini:

(14) Miriam saiu *quando* começou a chover.

Nesse exemplo, o constituinte formado por *quando* mais *começou a chover* forma um SAdv.

Já a categoria dos conectivos coordenativos tem como função sintática juntar dois (ou mais) constituintes de mesma classe, formando o conjunto um constituinte maior, que pertence à mesma classe dos constituintes conectados, constituindo novos sintagmas. Por exemplo, pode-se unir um SAdj a outro de igual categoria, formando um SAdj maior, o mesmo podendo ocorrer com um SN ou um SAdv. Como exemplificados pelo autor (2002: 335):

(15) Casas de muros brancos *e* de telhado vermelho.

(16) Já morei em Fortaleza e *em* Natal.

Os elementos *e* e *em* formam, respectivamente, novo SAdj. e novo SAdv.

Já Neves (2000: 601) afirma que determinadas palavras participantes do que a autora chama de *relações e processos* atuam na junção dos elementos do discurso, isto é, “ocorrem num determinado ponto do texto indicando o modo pelo qual se conectam às porções que se sucedem”.

A autora explicita também que, na perspectiva de uma gramática de usos, as relações entre as orações nucleares e uma oração adverbial são interpretadas, nas suas palavras, como “análogas às relações retóricas que constroem o texto”, isto é, as orações adverbiais, tradicionalmente classificadas como subordinadas, não se apresentam tão imprescindíveis às orações nucleares, diferentemente das substantivas ou das adjetivas. Tal observação revela que, quando se anuncia *preciso de*, instantaneamente percebemos a necessidade de acrescentar a essa oração uma informação que a complementa, o que não ocorre com as subordinadas: *Eu saí quando você chegou*.

No que diz respeito à construção temporal, tal estrutura é expressa por um período composto, constituído por um conjunto de oração nuclear e uma temporal, podendo vir anteposta ou posposta à nuclear.

Neves também enfatiza que algumas conjunções temporais são compostas pelo que a gramática tradicional classifica como locução conjuntiva, tendo no final o elemento *que*, envolvendo dentre outros: um advérbio, como *antes*, *depois*, *logo*, *assim*. Como a autora (2000: 789) exemplificou:

(17) É aqui que é a sua casa, aqui é que você deverá ficar, **depois que** me tiver ido.

(18) Levantei-me para servi-la, e **depois que** ela partiu, procurei dormir mais um pouco.

Esta revisão trata de questões relacionadas à classe dos advérbios, apresentando desde a concepção desses circunstanciadores numa perspectiva tradicional até estudos não ligados à tradição. Estes estudos dão um novo enfoque aos advérbios, ressaltando que eles podem assumir novas funções, diferentes das postuladas pelos compêndios gramaticais até então. É sob essa ótica que baseamos este trabalho, ou seja, pretendemos analisar o item **depois**, levando em conta todas as suas possibilidades de uso a partir de um recorte de uso da língua portuguesa sob a ótica funcionalista.

### 3 ESTUDOS FUNCIONALISTAS SOBRE OS ADVÉRBIOS DE TEMPO

Os trabalhos a seguir, segundo a perspectiva funcionalista, observam o uso de advérbios e a gramaticalização destes, levando-os a assumir novos usos como conectivos. Optamos por analisar esses textos, pois tratam da observação de fenômenos funcionalistas relativos a advérbios. Ressaltamos, ainda, o aproveitamento de metodologia utilizada na análise dos advérbios nos trabalhos observados.

Os textos são os seguintes: Souza (1996), que trata do **depois** em textos para crianças e escritos para crianças; Pezatti (2001), que observa a possível gramaticalização do *então*; Rodrigues (2002), que observa a prototypicalidade e funcionalidade do *agora*; e Martelotta (1994), que analisa advérbios temporais, tais como: *aí*, *logo*, **depois**, *então*, *já* e *ainda* sob a ótica da gramaticalização.

#### 3.1 **Depois** em textos escritos para crianças e escritos por crianças

No trabalho de Souza (1996) sobre o **depois** em textos para crianças e por crianças, o **depois** é visto como um adverbial anafórico, quer dizer, ele retoma um item para localizar outro.

A autora ressalta que o **depois** é, sem dúvida, o adverbial mais utilizado pelas crianças nos textos analisados. Ela afirma ainda que, nas gramáticas tradicionais de Língua Portuguesa, a descrição do **depois** é a de um advérbio temporal, porém outros autores consultados sugerem que este advérbio possui outros sentidos diferentes da classificação tradicional.

Nos textos observados por Souza, foram encontrados três valores para o **depois**: *marcador discursivo*, *marcador temporal* e *marcador temporal-nocional*.

O **depois**, como marcador discursivo, é usado nos textos de crianças como marca da narração. Marca a ligação entre os enunciados, funcionando como um recurso coesivo. A autora enfatiza que, ainda como marcador discursivo, o **depois** pode assumir funções narrativas, tais como: marcação entre eventos de primeiro e segundo planos ou articulando momentos diferentes da história. Esse uso do **depois** pode ser dividido em dois contextos diferentes: **depois adverbial autônomo**, e a construção *e depois*.

Ao atribuir a nomenclatura *autônomo* a **depois**, Souza diz que essa autonomia é em relação ao momento da enunciação origem e em relação à referência temporal da oração anterior. Em suma, ela pretende analisar a co-ocorrência do **depois** com os adverbiais autônomos e se aquele apresenta o mesmo valor destes. Nos exemplos que seguem, destacamos casos de adverbiais autônomos:

(1) Então aquela coisa... aquela coisa e deu-lhe o pote mas **depois** *um dia* o outro senhor roubou

(2) (um dia o outro senhor roubou) e **depois** quando tava longe da aldeia e ele fez a magia mágica

Nesses exemplos, os advérbios *um dia* e *quando* estabelecem uma nova referência temporal e marcam uma nova fase de desenvolvimento da narrativa. *Um dia* e *quando* marcam a construção de um espaço temporal entre os dois eventos. Deste modo, o **depois** poderia ser omitido sem que houvesse alteração da mensagem apresentando-se como marca de narração, isto é, define que dois enunciados se seguem no tempo de contar, reforçando a relação de ordem entre os eventos.

Nos exemplos a seguir, Souza enfatiza que o **depois** não é empregado como temporal, porém isso não significa que as orações sejam atemporais já que entre elas existe uma relação cronológica dos fatos; ela deixa bem claro que isso decorre do próprio tipo de texto e não do aparecimento do **depois**:

(3) (e **depois** as pessoas compram e **depois** fazem coisas com o sal) **depois** quando as pessoas vão à praia o mar tem muito salgado.

(4) porque tem sal e **depois** muitas pessoas quando estão com frio saem do mar

No exemplo 4', Souza mostra que o **depois** poderia ser substituído por *acontece que*:

(4') (o mar tem muito salgado) porque tem sal e (*acontece que*) muitas pessoas quando estão com frio saem do mar

Apresentando-se como a construção *e depois*, o item **depois** marca a transição, a ruptura entre duas situações que acontecem em momentos diferentes da narrativa, tendo, dessa forma, a função de articulador da narrativa.

(5) ele procurou uma coisa para viver qualquer e **depois** no dia seguinte o cavalo tava morto e ele teve que ir a puxar...

O **depois** marca a ordenação dos termos, introduzindo o último termo da série. Segue um exemplo da autora com o **depois** na construção *e depois*:

(6) os lobos foram atrás do lobo grande branco *e depois* o menino foi tratar

Nesse exemplo, o **depois**, segundo a autora, é marca de narração, marca a construção dos dois intervalos como ligados apesar de separados e também o fato de ele pertencer a mesma seqüência. Souza conclui dizendo que o **depois**

não marca o tempo da história, mas o tempo da própria narração, ou seja, marca a justaposição das orações em função da linearidade do discurso e que o *e* marca o fechamento do domínio cujo interior é constituído pelos termos que o precedem no texto.

Outro uso do **depois** encontrado na análise de Souza é o **depois** em situação imperfectiva, que apresenta o referido item como um elemento que co-ocorre em situações imperfectivas, sendo um marcador de imperfectividade que a autora chama IMP. Para ela, não existe a relação anterioridade / posterioridade:

(7) há muito tempo o sal não existia **depois** uma família estava pobre

Nesse exemplo, a autora mostra que não há a possibilidade de substituir o **depois** por outra expressão temporal que lhe seja equivalente e ainda, sendo as situações dos dois primeiros enunciados concomitantes, a presença do **depois** não faz sentido, isto é, o **depois**, nesses enunciados, possui função narrativa e está responsável pela articulação macro-estrutural da mesma.

A autora observou casos em que o **depois** pode ser marcador temporal da narrativa ou simplesmente um marcador temporal, este último (marcador temporal elíptico: *depois disso*).

(8) ele vendeu o sal e **depois** o outro descobriu o segredo (*mais tarde*)

(9) ele pediu sal **depois** foi a casa do irmão

(10) foi a casa do irmão **depois** foi levou o pote para o barco

(11) desmontou a tenda e foi **depois** veio a tempestade e ele abrigou-se num sítio (*mais tarde*)

O **depois**, de acordo com a autora, marca a ligação entre dois intervalos separados. Retoma as coordenadas da situação antecedente para, a partir delas, construir uma outra situação em relação de ruptura com a primeira. O marcador delimita a distância entre os intervalos que representam as situações no texto. Sem o item **depois**, os intervalos associados às situações pareceriam tocar-se:

(11`) desmontou a tenda e foi veio a tempestade e ele abrigou-se num sítio...

Nesse uso, Souza observa que o marcador **depois** pode ser substituído *por mais tarde, posteriormente*, e retoma as coordenadas temporais do termo antecedente (anáfora) e, ao mesmo tempo, marca também a ruptura com as mesmas coordenadas projetando um novo momento na narrativa.

(12) lá vêm os outros lobos a dizerem que não saem daqui e **depois** disso puseram-no no trenó.

Ao observar os usos encontrados, Souza faz algumas observações a respeito desses usos:

1. **Depois** seguido de participípio passado e a preposição *de* marcam relação catafórica:

*ele vendeu o sal **depois** ele foi... **depois** de toda a gente se ter ido embora ele tava a dizer palavras mágicas;*

2. A posição não inicial e o contexto lingüístico (antecedido de *para*) de **depois** são importantes na construção temporal;
3. Quando o **depois** é seguido da preposição *de* ou não ocorre em posição inicial, o valor temporal torna-se predominante.

Já em textos para crianças, Souza encontrou dez ocorrências de **depois** e todos com valor temporal. Como temporal há dois usos: **depois** marcador de relação temporal interlexis e **depois** marcador de referência temporal, segundo os esquemas: 1º) p **depois** q; 2º) **depois** de p q.

No primeiro caso, o **depois** estabelece uma relação anafórica entre as orações; primeiro p em seguida q:

(13) como tenho sido egoísta! – disse. – Agora percebo porque é que a Primavera não queria aparecer. Vou ajudar o menino a subir à árvore e **depois** deitarei o muro abaixo.

A autora afirma que esses dois acontecimentos não são do domínio do realizado, mas do domínio de o realizar e o futuro é marcador de ruptura neste caso.

Em seguida, a relação **depois** de p q. O **depois** é tratado por Souza como marcador temporal anafórico. Ele é especificador de localização marcada por um outro termo do co-texto:

(14) é preciso fugir mas não o podemos fazer antes da meia-noite e nem **depois**, porque até à meia-noite pode minha mãe usar do seu poder de feiticeira e saberia para onde íamos, e ao dar da meia-noite, virá meu pai matar-nos.

Nesse enunciado, o localizador temporal é *meia-noite, antes e **depois***, co-ocorrendo com o exclusivo *não...nem*, são especificadores da referência temporal. O **depois** é um localizador temporal construído por anáfora, retomando expressão anterior do texto e funcionado do mesmo modo a expressão *antes da meia-noite*.

Souza apresenta mais observações de certa relevância para a análise do fenômeno de gramaticalização do **depois**:

- a) Em textos de crianças, **depois** é, predominantemente, marcador discursivo e os usos como marcador nocional e marcador temporal são pouco significativos;

- b) Nos textos para criança, **depois** possui apenas valor temporal;
- c) Como marcador, **depois** possui valor relacional, marcando sequencialização;
- d) Como marcador temporal em textos para crianças, o **depois** tem valor referencial comportando-se como verdadeiro adverbial.

O trabalho apresentado traz uma descrição detalhada dos usos do **depois** na escrita do português de Portugal, mas os exemplos dados muitas das vezes são descontextualizados e não são ilustrativos.

O intuito de apresentarmos essa resenha acerca do trabalho de Souza (1996) foi o de observar como o **depois** se comporta em textos narrativos do Português de Portugal para crianças e por crianças, isto é, se o **depois** assume novos usos, assim como os do Português do Brasil. Após essa leitura, constatamos que o item **depois** também se comporta diferentemente da sua característica adverbial temporal, assumindo usos mais discursivo-textuais, assim como nos *corpora* neste trabalho analisados. Outro intuito seria o do aproveitamento da metodologia utilizada pela autora para descrever os processos através dos quais o item **depois** assume novos usos.

### 3.2 O advérbio *então* sob a ótica de Pezatti

Em seguida, partimos para a análise de Pezatti (2001) que trata do advérbio **então** e cujo objetivo principal é verificar se esse advérbio já se gramaticalizou como conjunção.

A autora sinaliza algumas lacunas no que diz respeito à definição de conjunção quando se refere ao nexos conclusivo e à falta de correspondência semântica e sintática da mesma. Ela questiona se a relação se estabelece entre uso de advérbios ou de verdadeiras conjunções.

Sendo assim, para investigar com clareza e precisão se a noção conclusiva do **então** é efetuada por uma verdadeira conjunção, a melhor maneira encontrada por Pezatti é verificar o comportamento sintático-semântico desse item, mediante alguns critérios que definem a conjunção. O objetivo final da pesquisa é fornecer indicações funcionais das expressões com **então** no português falado que manifestem o nexos conclusivo.

Como hipóteses, a autora propõe que um conectivo pode desenvolver um valor tipicamente argumentativo em paralelo a um valor denotativo definido sobre uma realidade externa à linguagem. Um exemplo disso é o **então**, que geralmente anuncia não só uma consequência factual, mas também uma conclusão do falante.

Outra hipótese elaborada pela autora baseia-se em Hopper & Traugott (1993), no caso de conjunções,

especificamente as conclusivas, é que poderia ocorrer um subtipo de gramaticalização denominado recategorização sintática, processo mediante o qual um item lexical muda as propriedades gramaticais que o incluem numa determinada classe para integrar-se em outra, conforme a seqüência: CATEGORIA MAIOR (Nome, Verbo, Pronome) > CATEGORIA MEDIANA (Adjetivo, Advérbio) > CATEGORIA MENOR (Preposição, Conjunção).

Um outro objetivo traçado por Pezatti é verificar se o conector **então** manifestado no *corpus* analisado finalizou o processo de gramaticalização, mencionado por Carone (1988).

Ela utilizou o *corpus* do Projeto de Gramática do Português Falado, composto por três tipos de inquérito: Elocuções Formais (EF), Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Diálogo entre dois Informantes (D2).

Um fator relevante para o desenvolvimento da pesquisa de Pezatti é a ligação que ela faz, ao formular a hipótese de que se *logo* é considerado conjunção conclusiva por excelência, há a possibilidade de o conector **então** se alternar, na mesma posição, com esse conector prototípico, mantendo a identidade semântico-discursiva da relação entre as orações.

A autora observou que o **então** se compara com as conjunções e advérbios dêiticos locativos ou temporais. Move-se da frase para o texto com considerável flexibilidade e pode escorar ou articular porções discursivas de diferentes proporções.

Pezatti conclui dizendo que, se se tentar traçar uma escala entre as duas etapas do processo, de advérbio à conjunção, é possível colocarmos *logo* num pólo, como a mais típica das conjunções conclusivas, ficando **então** na faixa média do processo de transição, de acordo com o *continuum* proposto por ela::

Advérbio-----Conjunção  
*por isso* > *então* > *portanto* > *logo*

Sobre *logo*, ela afirmar que, na função de operador discursivo, já deixou o estatuto de advérbio e se gramaticalizou como conjunção, o que significa que ele exerce apenas a função de relacionar mediante um valor conclusivo duas proposições constituintes de um argumento. Sua convivência pacífica com a forma original de advérbio indica tratar-se de um caso claro de polissemia. Já **então**, embora não disponha ainda da capacidade de coordenar termos, caminha para gramaticalizar-se como conjunção; a autora ressalta, no entanto, que, mesmo como operador discursivo, mantém ainda o valor temporal e anafórico de circunstancial.

Dessa análise do **então**, percebemos que este, assim como o **depois**, é usado também como conector, embora não tenha deixado sua característica adverbial.

Optamos, ainda, em apresentar um resumo sobre o **então** por este se tratar de um advérbio e que, com o uso, está



assumindo novas configurações, principalmente a de conector. Além disso, na sua análise também está incluída a noção de tempo e a extensão metafórica tempo > texto.

### 3.3 A prototypicalidade e funcionalidade de *agora*

Rodrigues (2002) propõe introdutoriamente que o item **agora** considerado pela tradição como de natureza adverbial temporal, passa a ser usado com outras funções. Esta trajetória evidencia-se, em um primeiro momento, com a ampliação da referência temporal do momento presente para momento futuro ou para o passado. Além desse desdobramento temporal, o termo vai abandonando características de sua categoria prototípica básica, aumenta o seu escopo e passa a exercer uma função mais discursiva como conector clausal ou operador discursivo.

Desta forma, a autora parte das seguintes hipóteses:

- a- O advérbio temporal **agora** passa por um processo de gramaticalização que amplia seu uso temporal presente para referências passadas e futuras, assim como passa a ser utilizado de forma mais discursiva.
- b- A gramaticalização do termo **agora** apresenta um processo de transformações com ocorrências diferenciadas de seu uso canônico presentes em várias sincronias desde o latim, assinalando, assim, uma estabilidade funcional no uso do item.

Ao pesquisar a etimologia de **agora**, a autora observou que ele provém do latim vulgar, com valor de referência temporal, observando-se, no entanto, indícios de ocorrência de um processo de gramaticalização do termo.

A autora atentou para um forte indício de que a mudança que realmente ocorre é a própria origem, já que **agora** significava *neste momento* e, nessa estrutura, não se pode deixar de observar a referência dêitica do pronome demonstrativo *neste*. Logo, o termo já se relacionava a uma função locativa temporal no seu uso latino. Posteriormente, em português, **agora** remete, principalmente, ao momento presente. Rodrigues observou também, a evolução do termo para o campo discursivo. Neste contexto, **agora** exerce função de conector ou operador discursivo, confirmando-se, com isso, a trajetória básica da gramaticalização: espaço > tempo > discurso.

Outra característica da trajetória deste item é o seu uso de forma cada vez mais abstrata e mais fixa na língua. Ocorrendo com função discursiva, o item **agora** perde algumas restrições de sua categoria prototípica, por exemplo, a possibilidade de movimentação no enunciado. Com isso, passa a ocorrer na posição mais freqüente dos conectivos, ou seja, servindo de elo entre as idéias apresentadas no contexto em que está inserido.

As propostas que nortearam o trabalho de Rodrigues giram em torno de que o termo **agora**, ao deixar de ser circunstanciador, pode migrar para duas classes: a dos *conectores*, formando um grupo de recursos voltados para a conexão de idéias no enunciado que, equivalendo-se às tradicionais conjunções, exercem como estas, função adversativa, aditiva e/ou conclusiva; ou a dos *operadores discursivos*, numa função mais pragmática, voltada para a construção textual-interativa.

Em relação aos *conectores* utilizados para o estabelecimento de relações lógico-semânticas do enunciado, podem ser identificados os seguintes tipos, assim encontrados no trabalho da autora:

- 1) conectores de seqüencialização - marcam tanto a seqüência do discurso quanto a adição de fatos que propiciam a continuidade do texto;
- 2) conectores de contrajunção - ligam idéias, segmentos ou estruturas que de certa forma se opõem;
- 3) conectores de causalidade - dão um fecho à idéia desenvolvida pelo falante, apresentando uma conclusão ou consequência para o discurso apresentado.

A partir da verificação da origem dêitica espacial na estrutura *nunc* (“neste momento”), seu uso posterior como advérbio de tempo e sua utilização atual como marcador discursivo, Rodrigues pôde observar, portanto, a evolução espaço > tempo > discurso do item **agora**.

O que observamos na análise de Rodrigues e que se assemelha à análise do **depois** reside no fato de ambos serem advérbios temporais (e também apresentando características dêiticas espaciais) e, com o uso, passarem a assumir outros valores. Além disso, ambos, através da gramaticalização, assumem a função de conector, ou seja, passam a funcionar como organizadores discursivos, dando seqüencialidade aos acontecimentos narrados.

### 3.4 Os operadores argumentativos: *aí*, *logo*, **depois**, *então*, *já* e *ainda*

Martelotta (1994) analisou os operadores argumentativos que podem, em algumas circunstâncias, expressar tempo: *aí*, *logo*, *depois*, *então*, *já* e *ainda* de acordo com os processos de gramaticalização e de degramaticalização.

O primeiro operador analisado por Martelotta foi o **aí**. Ele afirma que, conforme outros operadores, este se desenvolve a partir das camadas de uso obedecendo à trajetória gramaticalização/degramaticalização. Os usos do **aí** em português atual encontrados são os seguintes: a) **aí** dêitico; b) **aí** anafórico; c) **aí** seqüencial; d) **aí** introduzindo informação

nova; e) **aí** conclusivo; f) **aí** como elemento modificador de substantivos e g) **aí** em degramaticalização. Como elemento dêitico, Martelotta diz que o **aí** apresenta os três elementos da trajetória espaço > (tempo) > texto, isto é, apresenta-se como um marcador espacial, como marcador temporal e marcador textual. O autor afirma ainda que, dos operadores analisados, o **aí** é o único que apresenta essa trajetória completa e a degramaticalização.

A partir do pressuposto de que **aí** é um advérbio, o autor pôde apreender as demais camadas que este elemento pode adquirir ainda como advérbio. Ele apresenta algumas: **AQUI** – próximo ao falante; **AÍ** – próximo ao ouvinte; **ALI** – distante do falante e do ouvinte e **LÁ** – mais distante do falante e do ouvinte.

Para exemplificar, Martelotta apresenta o **aí** na sua forma dêitica espacial:

(1) I: Bom, então eu vou dar, heim! Vê lá heim! Uma lata de leite condensado... mas não vai escrever pelo menos, ora? Lógico, pega **aí** o lápis, Tereza.

Para mostrar a trajetória de gramaticalização, o **aí** apresenta-se de duas formas: como seqüencializador e como anafórico. Os elementos dêiticos espaciais tendem a ser de natureza anafórica, como no exemplo a seguir:

(2) I: Eu sonho com muitas viagens, não é? Eu gostaria sim de viajar, ir a Europa, passear, não é? Correr... conhecer o mundo **aí** afora. Isso no caso que o dinheiro desse.

Os seqüenciais conferem aos eventos narrativos e não-narrativos tal característica. Segundo Martelotta, o mecanismo que origina esta seqüencialidade é o da pressão de informatividade de Traugott e König (1991), cujo mecanismo de mudança tem a ver com um processo que envolve implicaturas conversacionais em que um elemento passa a assumir um novo valor oriundo de contextos em que esse sentido novo pode ser inferido do anterior.

O autor afirma que o **aí** com o seu novo status de seqüencializador de base temporal, adquire função semântico-gramatical que é característico de circunstanciadores temporais: [+ perfectivo].

(3) I: Era uma vez uma formiguinha que estava andando. **Aí** a cigarra tocava violão. **Aí** ele falou assim: "vai vim o inverno **aí**, cigarra, por que você não procura comidinha para você?". **Aí** ela: "Ah, não, o inverno está muito longe. Não vou procurar não, porque eu não vou ficar perdendo tempo.

O **aí** introduzindo informações novas não é necessariamente usado para dar seqüencialidade a eventos perfectivos, mas introduzir aos textos sentenças com informações novas. Como se pode observar no exemplo abaixo:

(4) E: Você não gosta não? Vai fazer o que? Vai brincar?

I: É. **Aí**, quando começa a novela, eu venho... e vejo um pouquinho, depois vou brincar.

Segundo o autor, pode haver casos em que o **aí** não aparece em eventos não-perfectivos, introduzindo, pela pressão de uso, qualquer tipo de informação nova, funcionando como um seqüencializador. Conforme o exemplo a seguir:

(5) I:... então ela... ela ficou feliz que teve nenen. Então, o menino era... era muito ruim. **Aí**, que ela... que ela fazia coisa ruim, coisa boa pra ele, comprava, **aí** ele fazia coisa ruim para ela. **Aí** era o padre que ficava falando para o moço que ele era filho do diabo. **Aí** ele não acreditava e ficava rindo...

O **aí** conclusivo inicia sentenças que expressam consequência em relação ao que vinha sido tratado na oração anterior. Nesse uso, evidencia-se a trajetória espaço > (tempo) > texto e a pressão por informatividade, que ajudam a dar o nexos conclusivo à oração, contudo, esta última é a mais predominante nesse uso pelo fato de manter relação estreita entre seqüência e conclusão. Como pode ser observado no exemplo:

(6) E: Da Emília, por quê?

I: Porque ela é mais engraçada, porque ela fala as coisa muito bonitinha, **aí** eu gosto mais dela.

Como elemento modificador de substantivos o **aí** perde a indicação de proximidade espacial do falante em relação ao ouvinte que o distingue dos demais circunstantes. O **aí** não deixa de ser um dêitico/anafórico, a noção espacial apenas torna-se mais enfraquecida.

(7) I:... vai na casa de um filho: "não, papai, eu vou sair, vou para... para casa do meu sogro, vou para a casa do não sei quê, e tal. O senhor vai onde?" Eu digo: "eu vou para uma festa **aí**. Está tudo legal, eu vou". Mas eu não vou a festa nenhuma...

Martelotta fala que o percurso da gramaticalização do elemento **aí** se dá pela perda semântica da proximidade entre o falante e ouvinte e a função dêitica/anafórica passa a não mais se referir à noção espacial. Em oposição a essa constatação, o autor observa que o elemento **aí** perde a mobilidade típica dos advérbios, penetrando no sintagma nominal com função modificadora. Como no exemplo abaixo:

(8) I: Às vezes eu saio para Copacabana, Ipanema, esses lugares assim, então, chego lá: confeitaria e padarias e não sei o quê. Tudo, doce, salgadinhos e tal. Eu sento numa mesa, tomo um chope, como um negócio daquele e tal. **Aí** venho correndo por aqui. Parece que eu tenho de encontrar com alguém, não é?

Martelotta analisou o **depois** e, segundo o autor, esse item tem origem espacial, indicando espaço físico. Entretanto, no português arcaico também foi possível encontrá-lo como elemento temporal. Evidencia-se, portanto, que as duas características se confundem.

Martelotta ressalta que essa construção (**depois**) deriva de uma sucessão de elementos que acompanhavam a forma primitiva *post, pós, pois*. A forma *pós* tornou-se uma preposição e a partir do uso, outras preposições se agregaram a ela, formando: *após, empós e depós*. Esta última passou a ser mais usada para indicar sucessão temporal, porém com o tempo veio a desaparecer.

A forma **depois** origina-se da preposição *de* + a conjunção *pois* que era utilizada ora para indicar sucessão no espaço, ora indicava sucessão no tempo, conforme Magne (1944). Como nos exemplos abaixo:

(9) Eu vou **depois** uu cavaleiro. (espacial)

(10)... e **depois**, a cabo de tempo, morreo Dom Diego Lopes e ficou a terra a seu filho, Dõ Enheguez Guerra. (temporal)

Martelotta afirma que, no português atual, essas formas ainda são encontradas e que a partir do uso, novas formas surgiram. Teríamos, então, as seguintes formas do **depois**: a) **Depois** espacial; b) **Depois** temporal; c) **Depois** seqüencial e d) **Depois** aditivo.

O autor esperava encontrar ocorrências em que se evidenciasse a noção espacial propriamente dita como: *encontro você **depois** da esquina*, contudo, o que ele encontrou foram casos de localização espacial mais abstrata.

(11) I: Ah, uma professora que eu gosto... a professora que eu gosto é a... que eu gosto mesmo é a dona Regina. **Depois** a dona Inês.

Em relação à preferência da informante, a professora Inês vem ocupando a posição posterior à professora Regina, quer dizer, uma é melhor do que a outra. Segundo Martelotta, esse tipo de ordenação é por processo metafórico da localização espacial.

O autor observa que o **depois** também pode apresentar valor temporal, ou seja, indicando sucessão no tempo e não no espaço. Como no exemplo a seguir.

(12) I: É, não tem dinheiro. "Está ruim, **depois** eu pago".

Partindo da proposta de Heine et alii (1991: 182) de que existe o fenômeno da gramaticalização espaço > (tempo)

> texto, via função ideacional > função interpessoal > função textual, pode-se entender o **depois** como um elemento espacial, que adquire a capacidade de expressar noções temporais em determinados contextos e, em seguida, passa a assumir funções textuais referentes à organização das informações.

Em alguns contextos, as noções de espaço e tempo tornam-se muito próximas e acabam se confundindo entre si e com outras noções argumentativas também muito próximas do ponto de vista semântico. Dessa forma, configuram-se como os impulsionadores do processo da gramaticalização.

O que o autor chama de **depois** seqüencial é um **depois** temporal que assume funções gramaticais a fim de organizar os elementos no texto. Pode ser encontrado em textos narrativos e não-narrativos. Esse uso indica que um evento continua a partir do outro que se concluiu. Isso pode ser observado no exemplo a seguir:

(13) I: ... Não houve nada, que era um barranco muito próximo, então só deu aquele impacto e tudo bem. **Depois** saímos dali, chegamos no quartel todo mundo frio.

O uso seqüencial de **depois** é o resultado da trajetória circunstanciador > operador argumentativo, pois, ao contrário do seu uso espacial/temporal, ele assume posição mais fixa e uma função típica de conectivo: inicia orações seqüencializando-as no texto, sendo, portanto, típico do discurso de figura.

Martelotta observou que o **depois** seqüencial surge também por pressão de informatividade e pelo mesmo processo são derivadas as formas: *depois que* e *depois de*. Nessas formas o **depois** assume valor relacional.

(14) I: ... porque *depois que* saiu aquilo, no dia seguinte apareceu um senhor lá e ficou me olhando e disse assim: "O senhor é o prefeito daí, não é?"

(15) I: Agora, *depois de* ter a semente, temos que ter o adubo, em seguida, preparar o canteiro – ou os canteiros e, preparando os canteiros, escolhe-se um lugar exposto ao sol – porque nenhuma planta poderá sobreviver sem sol, não é?

O autor destaca que as duas formas apresentam algumas diferenças sintáticas: a) *depois que* inicia períodos dando nexos seqüenciais aos mesmos, isto é, organiza os elementos do texto de modo que se estabeleça um elo de sucessão entre os seus eventos; b) *depois de* ao contrário da primeira locução, pode iniciar tanto sintagmas oracionais quanto não-oracionais. Contudo, as duas formas derivam, por pressão de informatividade, do **depois** temporal.

O último uso para o **depois** na análise de Martelotta é o aditivo. Conforme o autor, esse uso caracteriza-se pela perda da noção espacial/temporal assumindo uma função textual. Nele, coexistem as duas trajetórias: a pressão de informatividade e a metáfora espaço > (tempo) > texto, através dos quais o **depois** acrescenta informações novas a textos

narrativos e não-narrativos, em função fundo e tendo valor aproximado ao de *além do mais*. Como no exemplo:

(17) E: Então você acha bom a mulher trabalhar fora?

I: Acho. Atualmente acho, não pra mim que já estou com uma vida formada, casada há vinte e sete anos já, não, não, não. E **depois** não preciso, graças a Deus...

Martelotta demonstrou que outros elementos passaram pela mesma trajetória, como *logo* e *então*. O circunstanciador **logo** passa pela trajetória espaço > (tempo) texto, pois sai da característica espacial já desaparecida, vai para a temporal e, finalmente, para a de operador argumentativo por pressão de informatividade.

(18) I:... como aliás aqui não temos, engraçado... E aqui se explica por um motivo, não é? Porque você, não sei se reparou a divisa no fundo dessa vila com a amendoeira: essa... essa o... oficina de automóveis enorme que tem aí. Então os muros são muito altos, **logo** não tem saída pelo fundo da vila.

Segundo o autor, o elemento **então** é proveniente do latim *intunc* (in + tunc) em que *tunc* significando **então**, *naquele tempo, depois disso, por outro lado, donde e além disso*. O elemento *ce* é uma partícula demonstrativa comum nas línguas itálicas, que se liga normalmente a pronomes demonstrativos ou a advérbios retirados de temas demonstrativos. Esta origem demonstrativa, que remete a dados espaciais, do elemento *tum* e dos demais elementos de intensificação gera, por metáfora espaço > (tempo) > texto, o valor anafórico, preservados nestes elementos até hoje.

No português atual, o **então** pode apresentar valor temporal e seqüencial, por conta de sua característica anafórica e outros valores, com funções mais pragmático-discursiva. Para o **então**, Martelotta encontrou os seguintes usos: a) **então** seqüencial; b) **então** introduzindo informação nova; c) **então** retomando assunto; d) **então** conclusivo; e) **então** alternativo e f) **então** intensificador.

O autor esperava encontrar usos de valor temporal, no entanto, o que ele encontrou, em termos de temporalidade, foi um uso que ele convencionou chamar seqüencial, por seqüencializar eventos específicos e não-específicos em figura e fundo narrativos ou em figura não-narrativa.

(20) I:... procura-se a laranjeira que se quer fazer o enxerto... encontra-se, nessa laranjeira, um galho que tenha a mesma grossura... do que vai servir de cavalo, quer dizer do que vai surgir dali. **Então**, num ponto onde há um olho, onde vai sair um broto, tira-se ali a casca num pequeno retângulo...

Torna-se necessário fazer a leitura do trabalho de Martelotta (1994) e observar sua análise com o objetivo de auxiliar no desenvolvimento desta Dissertação, de comparar os resultados encontrados nos dois trabalhos, uma vez que o

critério adotado para a nomeação dos usos do item **depois** se baseou na classificação de Martelotta. Além disso, a relevância de se observar a análise desse autor é o fato de seu trabalho ser o pioneiro com relação a estudos sobre gramaticalização em português. Nossa pesquisa partiu dos estudos de Martelotta e vai além, pois procuramos trabalhar com *corpora* mais variados (NURC, VARPORT e PEUL) e procuramos aprofundar a análise de apenas um item.



## 4 METODOLOGIA

Este trabalho constitui-se de uma pesquisa empírica que procura observar e analisar como se dá a gramaticalização do item **depois** na fala carioca. Além disso, visa também analisar os usos encontrados e relacioná-los às teorias adotadas neste trabalho, bem como suas motivações.

Em princípio, tínhamos optado por investigar os fenômenos relacionados ao **depois** contrastando o nível de escolaridade dos informantes, de modo a observar se esses fatores influenciariam os resultados da análise. Entretanto, as hipóteses relacionadas a esses fatores não puderam ser testadas, já que os diferentes usos do **depois** foram encontrados no discurso de pessoas que possuem o ensino fundamental (primeiro e segundo segmentos) e também as pessoas com ensino superior, sem maiores distinções, conforme nos foi possível observar a partir da análise de alguns *corpora* como o Discurso & Gramática.

Para o efetivo desenvolvimento do trabalho, optamos pelo material a ser analisado em *corpora* do português do Brasil, especificamente o do português falado do Rio de Janeiro. Selecionamos três *corpora* para o trabalho: o NURC, o VARPORT e o PEUL.

Coletamos todas as orações que apresentaram o item **depois** nos *corpora* apresentados, como as seguintes:

(1) **Loc** ...O que eles vão fazer **depois** é outra história né, mas que tá sendo feito, tá, né, Brizola tá fazendo coisa pra caramba, a gente tá vendo que ele tá fazendo. (Nurc)

(2) **F**- Gostava! No começo, quando eu entrei para a escola, não gostava muito não, mas, **depois** passado o tempo, comecei a gostar mais estudar, se interessar, meus colegas (hes) daqui mesmo da rua, estudaram junto comigo, faziam muita bagunça. (PEUL)

(3) **Doc.** (?) ... e lá mesmo você querendo reunir alguém você combina lá... no tal lugar... tal hora e vai todo mundo junto pro cinema... vai todo mundo junto pro teatro... **depois** vai todo mundo junto dançar... ou jantar né... alguma coisa assim... então aqui eu acho melhor por isso... (Nurc)

(4) **Loc** ...me arrependo não... eu acho que... minha educação foi boa... e hoje em dia eu não... eu não me sinto... não sinto... na hora a gente fica revoltada porque é moça *mas*...**depois** que a gente casa... tem filhos a gente dava muito valor... a tudo isso que eu... não me arrependo não... se tivesse que começar... talvez começasse tudo de novo... (Nurc)

Em anexo, encontram-se todos os dados identificados com a seguinte identificação: a) o *corpus* a que pertencem; b) o inquirido e c) o número de dados em cada fragmento.

Houve dados que não foram coletados por estarem em contextos isolados, sem que o item **depois** modificasse nenhum sintagma explicitamente, como em:

(5) LOC. ...porque eu viajei... durante uma semana... dentro da Nova Zelândia... cerca de uma semana na Austrália... de sul a norte... ou melhor... de norte a sul... e **depois**... dez dias no sul da África... nenhum desses três regiões eu vi um buraco na estrada... a pavimentação é liv/ LISA... completamente lisa... (Nurc)

Em seguida, codificamos os dados segundo os seguintes fatores:

- a) a classificação semântica do item **depois**;
- b) a morfossintaxe do contexto com o **depois**;
- c) a posição do item **depois** na cláusula;
- d) plano discursivo em que o item **depois** se encontra, se na figura e ou no fundo.

Pretendemos com esses fatores, como já apresentamos na Introdução,

- I. apresentar uma classificação mais definida do item **depois** quanto aos usos que ele apresenta;
- II. observar a morfossintaxe do **depois** em relação a sua gramaticalização;
- III. verificar qual a relação entre a posição do **depois** e a gramaticalização desse item;
- IV. apresentar os planos discursivos em que determinados usos do **depois** aparecem, sobretudo os gramaticalizados.

Após a organização dos *corpora*, passamos à análise dos dados do item **depois**, nos baseando em trabalhos referentes a advérbios e conectores, na teoria da gramaticalização e na observação dos fatores propostos. Esta análise encontra-se no capítulo 6.

#### 4.1 *Corpora* em análise

Para a verificação do fenômeno da gramaticalização do **depois**, procuramos analisar amostras de fala, tendo em vista o fato de que esse fenômeno, dada à funcionalidade da língua, apresenta construções mais recorrentes na linguagem oral do que na linguagem escrita. Tal material possibilita, portanto, uma análise mais abrangente, visto que o banco de dados escolhido oferece inúmeros exemplos do fenômeno analisado.

Levamos em consideração não somente as ocorrências do **depois** dos entrevistados, como também a dos entrevistadores, uma vez que estes são igualmente usuários da língua e da mesma forma utilizam construções com o item **depois** em seus usos distintos.

O primeiro *corpus* escolhido para o trabalho foi o Projeto Norma Lingüística Urbana Culta (NURC) cuja divisão

faz-se através de três faixas etárias e gravado em três situações distintas: 1) aulas e conferências (Elocução Formal / EF); 2) diálogos informais (Diálogos entre dois locutores / D2); 3) entrevistas (Diálogo entre locutor e entrevistador / DID); este último o escolhido, nesta pesquisa, para a análise dos fenômenos em questão. O tipo de texto encontrado na situação escolhida (DID) é, predominantemente, o narrativo.

Utilizamos, do projeto NURC, a Amostra Complementar Comparativa das décadas de 70-90, levando-se em conta somente a década de 90, por se objetivar analisar a gramaticalização do **depois** sincronicamente. O tipo de inquérito é o DID (diálogo entre informante e documentador), separados em três grupos os quais se dividem em: faixa etária e sexo na modalidade culta/informal num total de 12 inquéritos.

O segundo *corpus* é o do Projeto Análise Contrastiva de Variedades do Português (VARPORT). Esse *corpus* divide-se em: Português do Brasil Escrito e Português Europeu Escrito dos séculos XIX e XX separados por fases, havendo em cada uma delas, anúncios, editoriais e notícias; Português do Brasil Oral e Português Europeu Oral divididos em culto e popular, nos quais há três subdivisões: década de 70, década de 90 e por último, o recontado.

Desses materiais, optamos por investigar o do Português do Brasil Oral da década de 90, nos registros culto e também o popular, por se tratar da língua portuguesa mais próxima à da atualidade e também, por objetivarmos analisar, em princípio, os usos do **depois** em classes sociais distintas. Igualmente ao outro *corpus*, os fragmentos a serem analisados são, em sua grande maioria, textos narrativos.

O VARPORT apresenta o mesmo tipo de inquérito do NURC: DID, dividido em popular e culto. Na primeira, há diálogos com pessoas que possuem somente o ensino fundamental, cuja grande maioria é composta por pescadores e carpinteiros; na segunda, pessoas com nível superior completo. Essas faixas são divididas numericamente em: um, dois e três, com dois inquéritos para cada sexo em cada faixa (para o popular) e também dividida em: um, dois e três, com um inquérito para cada sexo em cada faixa (para o culto), totalizando um número de sete inquéritos cultos e 15 populares.

O terceiro *corpus* selecionado foi o Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) que é um grupo de pesquisas inter-institucional composto por professores da UFRJ (sede), UFF e UNB voltados para o estudo da variação e mudança lingüísticas na sociedade. Esse programa conjuga diferentes correntes teóricas aos pressupostos da Sociolingüística Laboviana com o objetivo de dar conta da realidade lingüística brasileira em seu caráter social-geográfico.

O grupo de pesquisadores tinha, no início, o objetivo de analisar fenômenos lingüísticos variáveis e observar os possíveis processos de mudança na modalidade não culta falada na cidade do Rio de Janeiro. Para tal análise, o grupo, com o apoio de vários órgãos, formou uma amostra falada carioca conhecida como Amostra Censo, que tem permitido analisar as diversas variações lingüísticas em diferentes níveis da língua, como fonético/fonológico; morfossintático, sintático

e discursivo a fim de contribuir para o esclarecimento de questões lingüística-sociais e para a construção de um perfil mais completo do universo de variação na fala dos cariocas. Além da Amostra Censo, foram incorporados ao Programa outras amostras de fala (Amostra Alzira, Amostra Gryner, Banco de Dados Interacionais) e de amostras de língua escrita em cartas e jornais.

Desse *corpus*, a amostra que utilizaremos na análise é a Amostra Censo, pelo fato de apresentar vasto material para análise do fenômeno em questão e por se tratar da fala carioca. Foram coletados 35 inquéritos com total de 562 ocorrências do **depois**.

Para a análise, não utilizamos o *corpus* Discurso & Gramática pelo fato de ele já ter sido usado por Martelotta, em trabalhos anteriores sobre advérbios temporais, dentre eles o item **depois**.

## 5 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta de dados, numeramos os trechos em que havia ocorrência do item **depois** em cada *corpus* e, em seguida, fizemos a classificação semântica dessas ocorrências. Encontramos 112 ocorrências do item **depois** em 22 inquéritos do VARPORT, 13 do NURC e 562 ocorrências em 35 inquéritos (informantes) do PEUL, num total de 674 ocorrências desse item. Objetivando a melhor organização do trabalho, enumeramos os dados dos *corpora* ordinalmente e os colocamos em anexo.

Classificamos os dados, com o objetivo de interpretar cada um dos usos do **depois** nos seus casos gramaticalizados e polissêmicos de modo que pudéssemos observar com que frequência eles ocorriam e os contextos discursivos de tais usos. Nesta análise, usamos como base para a classificação os trabalhos de Martelotta (1994) e Gonçalves (2004).

### 5.1 Classificação semântica

Ao analisarmos os dados referentes ao item **depois**, encontramos os seguintes usos para esse item: temporal, contrastivo, espacial, seqüencial e aditivo. Essa classificação semântica revela-se como o fio condutor da análise, pois ela apresenta os usos que o **depois** assume na fala. Levamos em conta somente os fragmentos que apresentavam contexto suficiente para a interpretação dos usos, distribuídos em cinco usos, como veremos a seguir e também na tabela 1.

#### a) Espacial

Nesse uso, o item **depois** aparece em sua forma originária do latim (indicativo de espaço físico) como um dêixis espacial, ou seja, o **depois** não expressa noção temporal, mas localiza um determinado elemento no espaço. Esse uso configura-se como o traço mais concreto da escala metafórica *espaço > tempo > texto*. A partir desse traço derivam-se noções mais abstratas (tempo e texto) num processo de transferência de domínio, isto é, indo do mais concreto para o mais abstrato.

Percebemos que, no uso espacial, o item **depois** sempre vinha seguido por um indicativo de espaço representado por um advérbio locativo, ou por outro especificador espacial, como em:

(1) que era um terreno baldio que era chamado Mère Luísa era inclusive era um homem francês que era o engenheiro e que tomou conta disso aí tudo e fez várias obras aqui e **depois** dali ela então passou aqui pra Avenida Atlântica onde hoje inclusive é esse hotel aqui que era o antigo Cassino Atlântico era aqui no Posto Seis no fim da da Avenida Atlântica aqui no Posto Seis quando então foi fundada aí que ela foi fundada a colônia dos pescadores zê seis ela era zê seis e foi fundada **(Nurc)**

No exemplo acima, a noção de espaço físico vem enfatizada pelo advérbio locativo *dali*, localizando, no espaço, um determinado objeto ou lugar.

(2) #I - e no no meu modo de pensar com com esse tempo de pescaria que eu tenho porque existe regiões que não têm esse esse tipo de lodo né de usina e tem o peixe com mais frequência e até peixe em melhores condições como o robalo a carapeba a tainha né e **depois de Campos** quer dizer só existe a usina Santa Cruz acima dessa usina é onde a gen/ a gente apanha a mais quantidade de robalo de dourado **(Varport)**

Já nesse exemplo, a localidade é expressa pela locução prepositiva *depois de*, seguida por um espaço físico: *Campos*. A locução prepositiva **depois de** aparece junto a um SN e não a um SV como veremos mais adiante em outros usos. O mesmo ocorre no exemplo (3):

(3) ... **depois** da Praça Seca, (f) a kombi- -- esse negócio, eu não entendo muito bem não. Parece que faltou freio, eu não sei o que é- de carro eu não entendo nada. (est) -- eu sei te dizer, minha filha, que o carro não parava de jeito nenhum. **(Peul)**

#### b) Temporal

O item **depois** é, segundo a tradição gramatical, caracterizado como um circunstanciador temporal e essa característica é ressaltada, ora pelo próprio contexto narrativo, ora por indicadores temporais, tais como outros advérbios ou locuções adverbiais.

Nesse uso, observamos que o **depois** passa do primeiro nível da trajetória de Heine et alli (1991) *espaço > tempo > texto* e assume o segundo nível: *tempo*. Ocorre assim uma transferência metafórica em que a noção de espaço físico (lugar) se transfere, num processo mais abstrato de mudança, para o espaço no tempo, como nos exemplos que seguem:

(4) **LOC** - não, foi **depois**, eles sumiram **depois**, porque eu, não eram meus professores na época, mas eles, tiveram um tempo afas ... **(Nurc)**

Nesse exemplo, a posição mais freqüente do item **depois** é não-marcada.

Observamos também que o item **depois** não aparece em sua posição marcada, ou seja, pré-verbal. Ele passa a

iniciar períodos, o que pode ser visto nas ocorrências desse uso. Esta posição, outrora marcada, passa a não-marcada em decorrência do uso. Tal constatação ratifica a hipótese de que este item está no processo de gramaticalização, pois ele vai ocupando lugares mais fixos nas cláusulas como os de uma conjunção. Além disso, observamos que ele aparece na forma de locução conjuntiva (*depois que*) ligando agora orações.

(5) E- É, "**depois** que o filho teve, nunca (est) mais barriga enche," não é? (Peul)

No exemplo a seguir, a temporalidade do **depois** é marcada por uma indeterminação temporal, isto é, não fica explícito no texto quando a ação se realizará, sabe-se somente que ela ficará para um período posterior ao da enunciação.

(6) #L ele não tira o apetite propriamente... ele... vai mexendo parece com/com um hormônio chamado:... éh/ce/éh:: fala aí um hormônio... cerotomina tem esse hormônio ((risos)) eu não sei **depois** você procura saber é um:: negócio assim... e:: então... vai diminuindo... o desejo de comer açúcares... e:: eu fui... (Nurc)

Verificamos que o item **depois** apresentou, nesse uso, uma característica muito peculiar dos advérbios temporais, que é a cronologia dos fatos. Não se trata de ordem do ato de narrar e sim da ordem cronológica dos acontecimentos, justificando o princípio icônico da ordenação linear: os eventos são apresentados no discurso na medida em que de fato ocorreram. O exemplo (7) a primeira ocorrência do **depois** ilustra tal situação:

(7) E- Como funciona aquelas radiografias, como é que sai aquele retrato ali?

F- Bom. Ela é colocada, naquele aparelho, **depois** a gente bate, não é? (est) O raio-x tira. **Depois** dali vai fazer então a revelação, (est) por uma câmara escura, aonde tem aqueles preparados e ali se revela, **depois** põe para secar- (Peul)

(8) Loc - É, mais tranqüilo, mas aí você corre o risco né, desses lugares muito, ermos, essa questão da da própria insegurança né, [ ? ] vai pegar o carro, eu morei, um ano no Grajaú antes de vir pra cá, esse apartamento tava em obras, e, a gente, **depois** de dez horas não tinha mais porteiro né, e era um breu. Então você chegar **depois** de dez horas era um, um medo só né. (Nurc)

No exemplo 8, a noção temporal é enfatizada pela presença de uma expressão indicativa de tempo: *dez horas*. A presença da locução prepositiva *depois de* apresenta-se na grande maioria dos casos, em contextos predominantemente temporais, novamente próximos a um SN.

Conforme os compêndios gramaticais categorizam, o item **depois** se apresenta como conjunção temporal quando aparece na forma de locução conjuntiva *depois que*, introduzindo orações. No exemplo abaixo, apresentamos tal emprego do **depois**, ressaltado pela presença de expressão temporal *há pouco tempo*.

(9) INF ...Nós só viemos a ver o fim da escassez disso, escassez, ora escassez de um produto, ora escassez de outro produto agora, há pouco tempo, **depois** *que* terminou o fim do segundo período, da segunda ditadura que houve e terminado o governo do Sarney. (Nurc)

c) Contrastivo

Ao analisarmos os fragmentos do **depois**, percebemos que esse item apresentava, em alguns casos, certa oposição com outros elementos do texto. O que esse uso apresenta é o contraste que **depois** introduz no discurso. Essa oposição normalmente se encontra nos fragmentos através do conector adversativo *mas*, seguido pelo item **depois**, nas formas: *mas depois*, *mas depois que*, ou **depois** simples. Neste último caso, a oposição se dá entre os elementos do período. A oposição existente entre os elementos do texto independe do aparecimento do conector *mas*, ele serve apenas para ressaltar a idéia de contraste nos fragmentos.

Podemos dizer que esse uso do **depois** é gramaticalizado, pois a noção temporal está enfraquecida e agora ele passa a organizar o discurso em termos de oposição entre os períodos do texto, funcionando como um conectivo. Observamos também que esse uso surge através da pressão de informatividade, derivando do **depois** temporal. Nos exemplos seguintes observaremos fragmentos em que o **depois** apresenta essas características.

(10) F- Inicialmente dá, sabe? Logo assim [no]- no começo, a gente fica meio temeroso, mas **depois** a gente vai se acostumando, aí perde aquele receio todo. A gente faz troço que não deve, por exemplo: fumar. (Peul)

(11) E- Vocês trabalhavam com roupas próprias ou não?

F- Não, não. Até, quando eu entrei, antes de eu- eu entrei em setenta e três (hes) em setenta e dois. Então, quando nós entramos, eu entrei. ("eu fui") Concursado, entrou um grupo. Então, quando nós entramos, o pessoal, todo mundo usava roupa- tinha própria. Era um macacão, um negócio assim, sabe como é? Mas **depois** que nós entramos, aí começou a virar bagunça, sabe? (riso f) [Entrou muito jovem,] revolucionando tudo, aí foi caindo aquela- negócio todinho, aquelas exigências caíram todas quase. (Peul)

(12) ... Da forma que a gente brinca, que <e->- essa classe brinca [é]- é irreal o troço. A gente está se iludindo, pensando que está fazendo alguma coisa de bom, [está]- está extravasando realmente, mas, **depois**, quando cai na realidade, vai ver que foi tudo fantasia. E o carnaval é fantasia mesmo, não é? (riso) (Peul)

O **depois** se apresenta em quase todas as ocorrências deste uso acompanhado do conector *mas*; este reforça a idéia de oposição que se dá no discurso. É possível observar os contrastes existentes: medo X falta de temor (10); organização X desorganização (11); fantasia X realidade (12).



(13) LOC - nós nos reunimos mais ou menos o mesmo grupo... uma vez em agosto numa feira de exposições que teve em Três corações... aí nós nos reunimos... mas **depois** disso nunca mais ninguém conseguiu reunir... ah... foi legal... foi maior bagunça... a... aí reunimos todo mundo na feira.... (Varport)

No exemplo 13, o contraste é apenas realçado com a ajuda do conector *mas*. Tal constatação diz respeito à oposição existente mesmo sem a presença do conector; este somente enfatiza essa idéia: antes se reuniam X nunca mais se reuniram. Consideramos como locução prepositiva a construção **depois** *disso*, uma vez que temos a combinação de *de* + *isso*. Nesse caso, o **depois** se apresenta perto de um pronome dêitico textual. *Isso* remete a uma situação já mencionada no discurso.

(14) LOC - já pratiquei natação, quando eu era mais garoto... jogava xadrez... jogava botão... pingue-pongue... *mas* **depois** *que* eu comecei a trabalhar nunca mais pratiquei nada mesmo... nenhum tipo de jogo...nem baralho... (Varport)

No exemplo 14, o contraste mais uma vez é ressaltado pelo conector *mas* e seguido de uma locução conjuntiva **depois** *que*. Consoante o exemplo anterior, a oposição subjaz à presença do conector ou não, assim temos: antes de trabalhar praticava esportes X começou a trabalhar, nunca mais praticou esportes.

#### d) Seqüencial

Nesse uso, o item **depois** enfraquece a noção temporal de tal modo que adquire uma nova função: a de seqüencializador discursivo. Como seqüencializador, o **depois** confere progressão ao texto narrativo, contribuindo para o detalhamento dos fatos e para a ordem na qual eles se apresentam, o que ratifica a hipótese de que um determinado item pode opacizar um uso em detrimento do surgimento de outro, culminando na gramaticalização. Esse uso aparece por conta do que Traugott e König (1991) chamam de *pressão de informatividade*, ou seja, por força do contexto ela foi de certa forma forçada a aparecer.

O item **depois** apresenta no uso seqüencial o terceiro e último nível da trajetória *espaço > tempo > texto*: o *texto*. Isso significa que a transferência metafórica completou-se e que a noção de espaço agora é transferida para o texto, através da passagem do mais concreto (espaço) para o mais abstrato (texto), como podemos observar nos exemplos seguintes.

(15) **Loc**...foi ali que eu conheci a minha carreira... em sessenta e oito... e em sessenta e nove... eu vim pro Rio e ingressei na Cultura Inglesa... primeiro na Tijuca... **depois** em Caxias e finalmente fui pra Madureira como professor-chefe... onde

eu fiquei dezessete anos... foi uma influência muito boa... eu gostava demais de lá... (Nurc)

Nesse exemplo, há seqüência explícita de fatos: primeiro ele conhece a carreira, em seguida vem para o Rio, ingressa na Cultura Inglesa, primeiro na Tijuca, após Caxias e só então vai para Madureira.

(16) **Aí depois** de manuscrito, ele passou a ser todo feito no mimeógrafo. O colégio me franqueava o mimeógrafo pra rodar os estênceis, né? **Aí** todo mundo ... eu vendia esse jornalzinho, eu e mais dois ou três colegas, a gente vendia pra custear o jornalzinho, não é? Fazia anúncio da cantina, fazia esses negócios assim, né? **Aí** foi uma vida diferente. (Nurc)

Observamos que outros elementos são utilizados próximos ao **depois** para garantir ou enfatizar a noção seqüencial. É o que acontece com a partícula *aí*, exemplo (16), tipo de dado encontrado em boa parte dos fragmentos seqüenciais, que segundo Martelotta (1994) também sofreu processo de gramaticalização assim como o **depois**, ou seja, tinha características espaciais e em decorrência do uso passou a organizar o discurso como um conectivo. Observamos ainda a presença da locução prepositiva *depois de* neste uso. Ela introduz sintagmas nominais assim como nos usos anteriores.

Já no trecho (17), a seqüência vem marcada pelo emprego do conectivo *e*, pelo marcador *aí*, numa espécie de reforço para a seqüencialização dos fatos.

(17) **LOC** - Saía de noite, voltava tarde, de madrugada, não estudava, e ... minha mãe começou a cobrar: tá vendo, último ano, você tinha que tá estudando, agora não tá estudando, não sei o que! E, **depois**, [ *aí* ] eu comecei a ficar com medo: **Pô**, já pensou se eu, realmente não posso (Nurc)

A noção seqüencial expressa pelo item **depois**, nesse uso, é reforçada por elementos, tais como: *e*, *aí*, com a finalidade de enfatizar a noção de seqüência dos fatos narrados e também pelo o contexto envolvido: a conversa informal (oralidade) e o tipo de texto produzido pelos informantes (narrativo).

Observemos agora os exemplos (18) e (19):

(18) F- Não é aquela cidade assim, sabe? Mas progrediu muito. Sabe? Pelo que ela era, não é? Agora é uma cidade. (hes) [Se]- se eu não me engano está em segundo lugar em comércio, **depois** de Madureira, assim, contando para o lado do subúrbio, não é? É uma cidadezinha sim. (hes) Progrediu muito em termo de comércio, de- sabe? De tudo. (Peul)

(19) F- Ah! Eu adorei! [eu]- eu não pude ver esse jogo, eu não sei onde eu estava que eu pude ver o jogo. Eu tinha ido ("um") lugar e (hes) não sei se fui visitar minha mãe. Eu não pude ver o jogo. Eu não sei onde foi que eu estava. E- E **depois** assim do Flamengo, qual é um bom time? (Peul)

Os exemplos (18) e (19) apresentam um tipo de seqüência que difere dos demais. O item **depois** não introduz uma sucessão de eventos no discurso, mas uma ordem de importância para o falante em relação a uma preferência ou outra. Esse tipo de seqüência configura-se em um nível ainda mais abstrato do que os dos exemplos anteriores desse uso.

## e) Aditivo

Esse último uso do item **depois**, conforme o uso seqüencial, também completa a escala espaço > tempo > texto, visto que o referido item sofre mudança categorial, ou seja, deixa totalmente a função adverbial prototípica e assume características mais textuais como um conectivo.

A noção aditiva também se dá por *pressão de informatividade*. Verificamos que esse uso aparece em um plano secundário, num plano de *fundo*, ou seja, ele introduz uma informação complementar que ajuda o falante a enriquecer o seu discurso (cf. tabela 4b). Normalmente indica hesitação ou constatação por parte do falante, apresentando valores aproximados ao de *além do mais* e de *além disso*, como observamos, respectivamente, nos exemplos (20) e (21).

**(20) Loc** ...Pedi a licença pra vir só fazer as provas. Então, levei pau, óbvio né, levei pau porque, apesar dos professores serem ruins, você precisa ter contato, diário, com a matéria, e com os colegas e, até com o professor, embora seja, sejam muito ruins, **depois** eu vi isso quando comecei a assistir aula, vi que não fazia muita diferença, em relação aos professores, mas em relação a, a você tá em contato com a matéria todo dia é importante né, é, levei pau, fiquei com CR baixíssimo, foi um horror. Agora, é foi basicamente isso. **(Nurc)**

Nesse exemplo, o item **depois** não está funcionando como advérbio, ele acrescenta uma informação ao que o falante está proferindo. Em contextos como o ilustrado acima, o **depois** não tem valor de hesitação e sim de constatação sobre aquilo o que se vinha falando. Tem valor de *além do mais*.

**(21) Loc.** não... lá não tem cinema... não tem teatro... a cidade mais próxima que é Três Corações...o cinema virou Igreja Universal... aí pra ir ao cinema a gente tinha que ir à Varginha mas são quarenta quilômetros de Cambuquira da Varginha... então não é... não era sempre que dava pra ir né... porque é longe... **depois** você voltar de lá à noite dirigindo... a estrada não é muito boa... não é bem sinalizada... né...aí não... era difícil a gente ir... **(Nurc)**

O exemplo acima traz a idéia de hesitação com o emprego do *fundo*. A informante hesita em voltar de Varginha à noite por conta da má qualidade da estrada. O valor do item **depois** corresponde ao de *além do mais*.

A tabela a seguir apresenta os usos encontrados nos *corpora* do item **depois**, organizados de acordo com sua classificação semântica.

Tabela 1: Classificação semântica do **depois**

Usos	Ocorrências	%
Temporal	486	72,1%
Contrastivo	26	3,8%
Espacial	13	1,9%
Seqüencial	125	18,5%
Aditivo	24	3,5%
Total	674	100%

Ao analisar as ocorrências, percebemos que o item **depois** não apresenta somente o valor adverbial temporal e espacial, o que está de acordo com as hipóteses propostas: que esse advérbio, com a frequência de uso, tende a se gramaticalizar, passando a assumir funções diferentes daquela que ele desempenha tradicionalmente.

Notamos que o uso temporal prototípico ainda é muito freqüente (72,1%) tendo em vista o fato de os *corpora* serem compostos por textos predominantemente narrativos. Esse uso apresenta características bem definidas como a sucessão de eventos no tempo e verbos, em sua maioria, no perfectivo. Como no exemplo abaixo:

(22) #L-... eu só compro::: margarina LIGHT... também... sem:: com MENOS gordura... possível né... porque eu operei a vesícula... então **depois** desta operação eu passei a comer de tudo né porque:: antes eu não:: eu não podia me alimentar bem/bem NÃO... ahn:: (Nurc)

Em seguida, está o uso seqüencial (18,5%), uso que consideramos gramaticalizado. Embora ainda apresente características temporais enfraquecidas, o **depois** passa a exercer a função de organizador textual dando seqüência aos eventos, introduzindo outros a partir da finalização dos primeiros e percebemos também que ele se fixa numa determinada posição, normalmente no início das cláusulas como uma conjunção, como em (23):

(23) Doc. (?) ... e lá mesmo você querendo reunir alguém você combina lá... no tal lugar... tal hora e vai todo mundo junto pro cinema... vai todo mundo junto pro teatro... **depois** vai todo mundo junto dançar... ou jantar né... alguma coisa assim... então aqui eu acho melhor por isso... (Nurc)

No exemplo acima, o item **depois** não aparece no fim do período, como em seu uso prototípico, mas iniciando o mesmo. Tal constatação evidencia a fixação desse item em determinados lugares das cláusulas, nesse caso, no início, ou seja, posições prototípicas das conjunções, ratificando a hipótese de que um elemento gramaticalizado tende a se fixar numa determinada posição.

O uso aditivo (3,5%) apresenta um traço muito peculiar: o **depois** adiciona uma informação extra àquilo que vem

sendo falado. Trata-se de uma informação complementar, podendo, algumas vezes, ser retirada da sentença sem nenhum prejuízo para o ouvinte. Esse uso, por se tratar de uma informação complementar, ficando um pouco mais na periferia discursiva, aparece em plano secundário, num plano de fundo, uma vez que o item **depois** apresenta comentários do falante ou hesitações de sua parte, e com valores aproximados ao de *além do mais* e de *além disso*.

(24) F- Não gosto, não gosto. (est) Vejo como eles vêm queimado, empolado, às vezes ("já") nem a roupa do corpo não agüenta que aquilo está- (respirando como se estivesse sufocada) (est) assim com- queimado não agüenta. E eu não. Eu não sou. Só em ver me dá nervoso, eu não gosto. (latido) (est) Prazer esporte, não é? Que (est) esporte bobo, se queimar para **depois** não agüentar nem a roupa do corpo! (riso e) Ah! Eu não. Não gosto, nem meu marido, não suporta. ("não") Suporto praia. (est) **Depois** para mim mesmo com a pressão alta, eu não posso apanhar sol, não. Sol assim muito <d->-forte? (est) Pioro, fico ruim da pressão. [tem que] ficar calminha, numa sombra, ("assim")- não posso me agitar muito (PEUL)

No exemplo acima, tomaremos como elemento de análise o segundo **depois**. Esse item aparece como uma informação complementar, introduzindo um comentário do falante em que ele apresenta hesitação em fazer algo, nesse caso, em ir à praia pelo fato de o sol forte aumentar a sua pressão.

O uso contrastivo, por sua vez, também trata-se de um uso gramaticalizado, pois apresenta características de conector, introduzindo oposição àquilo que fora dito anteriormente. Este uso teve pouca representatividade de ocorrências, com somente 3,8%. (Cf. exemplos (10) e (11) deste capítulo). Cabe assim um levantamento maior de dados para ratificar mais um uso gramaticalizado.

O uso espacial, uso original do item **depois**, se apresenta sempre com um locativo espacial e quase não ocorre nos *corpora*, contabilizando apenas 1,9% dos dados. É relevante também ressaltar que, diacronicamente, o item **depois** se origina do latim *de post* e tinha sentido espacial e não temporal. Percebemos, portanto, que esse item inicia da trajetória que o leva à gramaticalização. Essa é a forma polissêmica e marcada do item **depois** em relação à temporal.

## 5.2 Morfossintaxe do **depois**

Ao analisarmos as ocorrências do item **depois** nos *corpora*, observamos a presença de algumas construções morfossintáticas com o referido item e que podem estar envolvidas neste processo de gramaticalização. As construções que encontramos nos *corpora* foram: locução prepositiva (**depois** de), locução conjuntiva (**depois** que) e o **depois** simples:

Tabela 2a: Classificação morfossintática do **depois**.

Locução prepositiva		Locução conjuntiva		<b>Depois</b> (item isolado)		Total	
Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%	Ocorrências	%
80	11,8	96	14,2	498	73,8	674	100

Nessa tabela, percebemos o predomínio do item **depois** de modo simples 73,8%. As construções *depois que* e *depois de* apresentam-se com a seguinte distribuição, respectivamente: 14,2% e 11,8%. Conforme Martelotta (1994), as referidas locuções derivam, por pressão de informatividade, do **depois** simples.

(25) #D - ah é né e e vai marcando e vai cortando e **depois** vai puxando também né? (Varport)

(26) F- Ah! Não sei. Eu não sei muito, porque [eu não]- eu não peguei a novela logo assim nos primeiro capítulo, sabe? ("logo assim, eu") fiquei mais ou menos uma semana [sem]- sem estar vendo ela. **Depois** de uma semana que eu vi. Comecei a <pas->- (inint.) passei a ver. (Peul)

(27) F- Eu senti, eu fiquei muito aflito, sabe? Aí, primeira coisa que eu fiz foi tentar botar a mão [no] no fundo, não é? Aí, **depois** que eu já tinha batido com os peito na areia, que eu fui elevar a mão, aí fui acalmar mais, aí ela me levou até na frente. (Peul)

Para observar se há diferença entre forma de ocorrência e função, verificamos se os diferentes usos semânticos do item **depois** se apresentavam de formas diferentes nos *corpora*. Os resultados encontram-se na tabela 2b.

Tabela 2b: Classificação semântica em relação à classificação morfossintática do **depois**

Valores semânticos	Locução conjuntiva		Locução prepositiva		<b>Depois</b> (item isolado)		Total
	Ocor	%	Ocor	%	Ocor	%	Ocorrências
Temporal	85	88,5	65	81,2	336	67,4	486
Contrastivo	7	7,2	2	2,5	17	3,4	26
Espacial	0	0	8	10	5	1	13
Seqüencial	1	0,8	4	3,2	96	19,2	125
Aditivo	0	0	0	0	24	4,8	24
Total	96	100%	80	100%	498	100%	674

Nesse cruzamento, tanto as locuções prepositivas e conjuntivas quanto a sua forma simples (**depois**) predominaram nos usos temporal (locução prepositiva 81,2%, locução conjuntiva 88,5% e **depois** 67,4%). Entretanto essa constatação não invalida a hipótese formulada para este fator que gira em torno do pressuposto que diferentes formas costumam expressar sentidos diferentes, uma vez que podemos perceber distinções nas formas do item **depois** conforme os usos do mesmo.

O uso espacial apresenta 10% de locuções prepositivas (cf. exemplo (3)), pelo fato de estar mais ligado a sintagmas nominais introduzidos pelo **depois** na forma de locução.

Observamos também que o uso contrastivo apresenta 7,2 % de **depois** como locução conjuntiva. Isso se dá porque o referido uso apresenta características de conjunção e, em função dessas características, ele passa a introduzir orações, função desempenhada tradicionalmente pela locução *depois que*.

Verificamos que no uso seqüencial há 19,2 % dos usos de **depois** simples, pois esse uso caracteriza-se como um organizador do discurso e por essa razão justificamos o predomínio dessa forma morfossintática, como podemos ver em (17).

No uso aditivo, entretanto, não há ocorrências de locuções prepositivas ou conjuntivas. Percebemos que este uso, por conta de suas características semânticas, ou seja, por ele apresentar impressões do falante, hesitações, não é possível o emprego de outra forma do item **depois** a não ser a simples, pois tanto a locução prepositiva quanto a conjuntiva geralmente estão ligadas ou a sintagmas ou a orações (cf. exemplo 20).

Em quase todos os usos semânticos, predomina o uso do **depois** simples, fora de locução, com exceção do uso espacial que apresenta apenas 1% dos dados nesta característica morfossintática.

### 5.3 Posição do item **depois** na cláusula

Outro critério adotado para a análise do item **depois** foi a verificação da posição desse item na cláusula. Pretendemos observar se a sua posição nas cláusulas evidencia a sua fixação, uma vez que uma das hipóteses adotadas neste trabalho gira em torno da premissa de que a posição pode influenciar no surgimento de novos usos do **depois** e de que a fixação de uma posição pode levar à gramaticalização do item. Fizemos a classificação da seguinte maneira:

- 1) posição inicial;
- 2) posição medial;
- 3) posição final.

Os exemplos a seguir ilustram as posições do **depois** encontradas nos *corpora* e organizados na tabela 3a:

(28) F- Está! (falando com a neta) -- [vovô]- vovô está gravando aqui, (ruído) com a moça, está, minha ficha? **Depois** ela também vai gravar a tua voz. Você- o vovô não gravou com você? Não foi? **Depois** eu vou passar aquela gravação para mocinha ver, está? Para escutar!(**Peul**)

(29) F- Bota de molho, minha filha, de um dia para o outro! [A gente põe] de molho, vai tirando aquela água, (est) tira... antes você dormir, você vai tirando aquela água. No outro dia seguinte, você tira aquela água bem e não precisa ferver não. Aí você vai <co->- tirando aquela espinha do meio, (est) não é? Aí você bate aquele creme, põe farinha de trigo, não é? Com ovo, essas coisa, para fazer aquele creme, não é? Aí, você ("**depois**") mistura tudo no liquidificador, (hes) [mistura tudo.] (**Peul**)

(30) F- Fui trabalhar numa loja, em campo grande: (inint): Assim tipo loja americana, sabe? Aí trabalhei na americana

**depois**. Trabalhei em vários ramos de serviço. (pigarro) (**Peul**)

Os resultados estão na tabela 3a.

Tabela 3a: Posição do **depois** na cláusula

Inicial		Medial		Final		Total	
ocorrência	%	ocorrência	%	ocorrência	%	Nº de ocorrências	%
592	87,8	10	1,4	72	10,6	674	100

Podemos perceber que, em um grande número de casos, o item **depois** se apresenta iniciando orações, 87,8%, sinalizando, desta forma, que tal posição seja um fator relevante para o início da gramaticalização do **depois**, pois esse item está ocupando posições mais fixas e típicas de uma conjunção. Contudo, somente é possível afirmar se a posição é um dos fatores influenciadores da gramaticalização do item em análise quando esse fator é cruzado com a classificação semântica. O resultado dessa análise está na tabela 3b.

Tabela 3b: Classificação semântica do **depois** em relação à posição na cláusula

	Inicial		Medial		Final		Total	
	ocorrência	%	ocorrência	%	ocorrência	%	Nº de ocorrências	%
Temporal	416	85,4	9	1,8	65	13,3	487	100%
contrastivo	26	100	0	0	0	0	26	100%
Espacial	11	84,6	0	0	2	15,3	13	100%
Seqüencial	121	96,8	1	0,8	3	2,4	125	100%
Aditivo	22	91,6	0	0	2	8,3	24	100%
Total	592	100	10	100	72	100	674	100%

Em todos os usos, verificamos a presença do item **depois** predominantemente na posição inicial. Sabemos que muitos dos advérbios temporais têm certa mobilidade dentro das cláusulas, podendo ocupar qualquer lugar dentro delas, como acontece com os advérbios temporais e dentre eles o **depois**. No entanto, constatamos que, conforme o item **depois** passa dos usos prototípicos para os gramaticalizados, há uma diminuição dessa distribuição de ocorrência nas três posições. Nos usos seqüencial e aditivo, por exemplo, quase não há ocorrências do **depois** em outras posições a não ser na posição inicial ou podendo até mesmo não ocorrer em outras posições, como ocorreu com o uso contrastivo. Tal constatação indica que o item **depois** se deslocou gradativamente para o início das orações, fixando-se nessa posição, sobretudo nos usos mais gramaticalizados.



Para a análise dos planos discursivos, utilizamos somente o *corpus* NURC e o *corpus* VARPORT e deixamos para uma análise futura o *corpus* PEUL que é o maior.

Ao observarmos os fragmentos com os usos do **depois**, percebemos que um determinado uso poderia estar relacionado a um ou a vários planos discursivos. Deste modo, justificamos a análise dos planos em relação ao item **depois**, baseada na classificação de Hopper (1979) e de Silveira (1997) no que diz respeito à figura e fundo.

Nos textos narrativos é comum percebermos que há elementos que se destacam mais do que outros, como aquele que apresenta o conteúdo narrativo principal (a história propriamente dita) e aquele que inclui informações necessárias ao enriquecimento da narrativa (aquilo que dá suporte). Dessa maneira, Hopper (1979) observou essa distinção na cadeia narrativa e dividiu-a em dois níveis: figura e fundo. A figura é a parte da narrativa em que se encontra a essência do que está sendo narrado, caracterizando-se como o elemento principal do texto narrativo. Já o fundo representa todas as informações secundárias da narrativa, contendo informações que são necessárias para a compreensão da mesma, configurando-se, assim como elemento periférico.

Na concepção de Hopper (1979), as principais diferenças entre figura e fundo são: no plano figura há verbos no perfectivo, orações coordenadas, eventos dinâmicos, modo *realis*, sujeito agentivo, entre outros; enquanto no plano fundo há verbos no imperfectivo, orações absolutas ou subordinadas, eventos estativos, modo *irrealis*, sujeito não-agentivo, entre outros.

A partir do que foi dito até aqui sobre planos discursivos e o que pretendemos ao observarmos o **depois** é avaliarmos a possibilidade de esse item aparecer em um plano ou outro conforme seu uso. A hipótese que norteia essa afirmação é a de que o item **depois** aparece em um plano mais central em seus usos mais gramaticalizados; enquanto o uso prototípico aparece em plano mais periférico.

Silveira (1997), por sua vez, divide figura e fundo em seis categorias: a primeira é a figura prototípica adotada por Hopper (1979) e as demais são agrupadas como subcategorias de fundo.

Nesta análise, entretanto, optamos em fazer uma adaptação do que Silveira fizera e dividimos os planos discursivos para a análise do item **depois** da seguinte maneira:

a) Figura – com as características da figura prototípica apresentada por Hopper (1979).

(31) LOC -... assim dez doze anos... antes de dormir eu tomava café... café com pão ... que a minha avó me acostumou... **depois** eu casei... aí parei... nunca mais... (Varport)

b) Fundo 1- Todas as cláusulas que especificam tempo (as cláusulas adverbiais temporais)

(32) E- Quer dizer, você acha que a solução naquele momento era Paulo Isidoro!

F- Mas no começo, não é? (est) **Depois** que ele botou, faltavam o quê? Uns cinco minuto para terminar, aí não deu mais tempo.

c) Fundo 2 – As cláusulas que apresentam ou resumem o que vai ser relatado ou que apresentam o cenário e os participantes. Nesta categoria estão incluídas as cláusulas que especificam o modo ou a finalidade (são as cláusulas adverbiais modais e finais).

(33) LOC - gosto... humor inteligente eu gosto... fui no Nelson da Capitinga não gostei... fui naquele... Ari... Ari Toledo... Ari Toledo foi bom... eles têm umas piadas inteligentes... você tem que parar pra pensar... pra **depois** achar graça... gosto sim... (NURC)

d) Fundo 3 – As cláusulas que especificam um referente ou processo (são as cláusulas adjetivas), ou que expressam inferências, apontando causa, conseqüência ou adversidade (são as cláusulas adverbiais causais, consecutivas ou concessivas); também podem ser cláusulas que apontam opiniões, dúvidas ou conclusões do informante, avaliações e adição de informações ao discurso.

(34) **Loc.** não... lá não tem cinema... não tem teatro... a cidade mais próxima que é Três Corações...o cinema virou Igreja Universal... aí pra ir ao cinema a gente tinha que ir à Varginha mas são quarenta quilômetros de Cambuquira da Varginha... então não é... não era sempre que dava pra ir né... porque é longe... **depois** você voltar de lá à noite dirigindo... a estrada não é muito boa... não é bem sinalizada... né...aí não... era difícil a gente ir... (NURC)

No exemplo acima, o **depois** apresenta uma hesitação, por parte do falante, ao que vinha sendo narrado (apresentando valor de *além do mais*), ou seja, ele acrescenta uma informação nova ao discurso sem causar nenhum prejuízo ao texto, no que diz respeito a sua organização. Nesse uso, o item **depois** teve seu valor temporal opacizado em decorrência da gramaticalização.

Abaixo, apresentaremos uma tabela com o número de ocorrências de cada tipo de plano discursivo adotado na análise do **depois**. Vale ressaltar que, para esta análise, utilizamos somente os *corpora* NURC e VARPORT, num total de 130 ocorrências. No entanto, excluímos aquelas ocorrências que não configuravam oração, ficando assim, 112 dados para a análise.

Tabela 4a : Planos discursivos

Figura		Fundo 1		Fundo 2		Fundo 3		Total	
Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrência	%	Ocorrências	%
82	73,2	11	9,8	2	1,7	17	15,1	112	100

Na tabela acima, podemos observar o predomínio da figura (73,2%) pelo fato de analisarmos textos predominantemente narrativos. Numa seqüência decrescente, observamos que o fundo 3 (15,1%) aparece em segundo lugar quanto à freqüência de ocorrências. Nesse plano, o **depois** introduz orações que expressam opiniões dos informantes com relação ao que vinha sendo narrado e esse uso apresenta valores de *além do mais* e de *além disso*. Com esses valores, o item **depois** está mais gramaticalizado, pois perdeu seu caráter adverbial e passa a conector.

Em seguida, aparece fundo 1 (9,8%) que engloba todas as cláusulas adverbiais temporais. Devemos ressaltar, no entanto, que nem todos os dados com o **depois** se encontravam numa cláusula temporal. Isso se deve ao processo de gramaticalização desse item que lhe permite assumir novos usos, diferentes do prototípico, como veremos nos exemplos a seguir:

(35) F- **Depois** amasso tudo, junto tudo e faço recheio de camarão ou de galinha, **depois** boto nas forminha, (pausa prolongada) boto para assar e pronto (PEUL)

(36) E - [aquele Paulo Rossi é (inint.)] E **depois**, aquele Paulo Rossi é um veneno, (est) não é? Porque está sempre onde não devia estar. (est) (PEUL)

No primeiro exemplo, o item **depois** introduz uma seqüência de eventos, ele está funcionando como um organizador textual, seqüencializador. Já no segundo exemplo, o **depois** introduz uma opinião do falante em relação a pessoa de que ele está falando. Esse item apresenta valor de *além disso*, configurando-se como o uso mais gramaticalizado do **depois** (aditivo), uma vez que ele perdeu totalmente sua característica temporal e assumiu função apenas textual, ocupando o último nível da escala *espaço > tempo > texto*.

No dados analisados, quase não encontramos o fundo 2, contabilizando apenas 1,7% das ocorrências do **depois**.

Tabela 4b: Planos discursivos em relação à classificação semântica do **depois**

	<b>Figura</b>	<b>Fundo 1</b>	<b>Fundo 2</b>	<b>Fundo 3</b>	<b>Total</b>
Usos semânticos	Ocorrência	Ocorrência	Ocorrência	Ocorrência	Ocorrências
Temporal	44	11	2	11	68
Contrastivo	10	0	0	0	10
Espacial	2	0	0	0	2
Seqüencial	26	0	0	0	26
Aditivo	0	0	0	6	6
Totais	82	11	2	17	112

Nessa tabela, observamos que, nas orações figura (que são mais independentes, mais próximas ao discurso do que à gramática, ou seja, são menos gramaticalizadas), há um número maior de noções semânticas para o item **depois**. É esse, o local da criatividade do falante, local em que há menos restrições semânticas e gramaticais, por essa razão explicamos a predominância dos usos nesse plano discursivo. Já nas orações de fundo, que são as mais gramaticalizadas (estão incluídas aí as orações hipotáticas e subordinadas). Em contrapartida, a maior parte dos dados apresenta o item **depois** com o uso temporal (uso mais antigo). Martelotta (2007) percebeu, em consonância com a hipótese apresentada por Givón (1979), que as cláusulas mais gramaticalizadas mantêm usos mais antigos dos advérbios, enquanto os usos mais novos surgem em cláusulas menos gramaticalizadas, como as coordenadas e principais. Podemos relacionar esse resultado de Martelotta com o nosso, pois as coordenadas e principais, em geral, configuram-se no plano figura.

Percebemos, entretanto, que o uso aditivo, o uso do item **depois** mais gramaticalizado, ocorreu apenas em fundo 3. Nas 6 ocorrências desse uso, o **depois** introduz uma inferência por parte do falante em relação ao que está sendo narrado, adicionando opiniões ou conclusões pessoais, características do plano de fundo 3.

De um modo geral, vemos que há uma relação entre os usos do item **depois** e o plano discursivo em que se encontra. Pesquisas futuras podem testar esse fator em um *corpus* maior, com a amostra PEUL, para verificação das tendências apontadas aqui.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos, a partir dessa análise, que o item **depois** apresenta novos usos, ratificando a hipótese proposta de que se trata da trajetória metafórica *espaço > tempo > texto*, na qual esse item sai do léxico e penetra a gramática na função conectiva, passando pela três etapas da trajetória.

Observamos que a forma latina original do **depois**, indicando lugar no espaço (o uso espacial) ainda aparece, embora em poucas ocorrências. Constatamos, assim, conforme nos mostra a literatura sobre o assunto, que um uso gramaticalizado pode coexistir com aqueles dos quais emergiram, ainda que haja a possibilidade de o uso original desaparecer completamente, dando lugar aos novos usos.

Tudo leva a crer que o uso temporal é mais freqüente em decorrência do gênero textual, neste caso, entrevistas com passagens narrativas, seguido do uso seqüencial que também é bastante recorrente nesse tipo de texto.

O **depois**, nos usos seqüencial e aditivo, encontra-se gramaticalizado, por não se tratar mais de um advérbio e sim de um organizador textual, ou seja, ele tem o papel de organizar os elementos no discurso como um conector, conforme pudemos ver na análise desses referidos usos.

Verificamos que alguns dados do **depois** apresentam uma característica diferente das até então analisadas: a de estabelecer oposição de elementos no texto. Esse uso, que chamamos de contrastivo, estabelece um contraste entre as orações, funcionando como um conectivo.

Observamos também que as locuções prepositivas e as locuções conjuntivas são mais freqüentes nos usos não-gramaticalizados, diminuindo progressivamente os usos gramaticalizados e que para cada uso havia uma forma específica, ratificando a hipótese formulada que prevê que formas diferentes costumam expressar usos diferentes.

Conforme uma das hipóteses apresentadas, um elemento gramaticalizado tende a se fixar numa determinada posição e isto pôde ser observado quando fizemos o cruzamento da classificação semântica com a posição do item **depois** na cláusula. Nos casos não-gramaticalizados, verificamos ainda uma divisão em relação às posições do item **depois**, alternando entre as três posições; à medida que ele se gramaticaliza, passa a se fixar no início da cláusula (posição típica de conector). Devemos destacar que a posição inicial ainda é a mais freqüente para o item **depois**, contrariando os manuais gramaticais que dizem que os advérbios temporais têm como posição prototípica aquela logo após o verbo.

Nos fragmentos analisados, percebemos que os usos semânticos do item **depois** apareceram predominantemente no plano figura, sobretudo os usos mais novos devido ao contexto menos preso às restrições gramaticais; ao passo que, nos planos de fundo, mantém-se o uso mais antigo do **depois**, pois esses planos apresentam-se mais restritos às mudanças

semânticas e sintáticas, conforme nos mostraram também outras pesquisas como a de Givón (1979) e Martelotta (2007).

Em contrapartida, o uso aditivo, que é o mais gramaticalizado do **depois**, apareceu em sua totalidade em fundo 3. Essa constatação não invalida a hipótese proposta, uma vez que esse uso do item **depois** aparece apenas adicionando uma informação nova ao discurso, apresentando opiniões e conclusões do falante em relação à narrativa, com valor de *além do mais* e de *além disso*, conforme vimos na análise dos dados.

Portanto, constatamos que o item **depois** é um elemento da língua que se apresenta bastante polissêmico no português atual, partindo de um ponto mais concreto (espaço), passando pelo nível intermediário de abstração (tempo), culminado em usos bem mais abstratos (texto). Desses usos, têm-se as formas mais básicas, que dão início ao processo: temporal e espacial (advérbios); as gramaticalizadas (conectores): seqüencial, aditivo e contrastivo.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Queli. *Ordenação das Locuções Adverbiais de Tempo em editoriais*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ, 2005.
- AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. 8ª ed. Jorge Zahar ed. Rio de Janeiro, 2000.
- BYBEE, Joan L. *Morphology. A study of the relation between meaning and form*. Amsterdam and Philadelphia. John Benjamins, 1985.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Revista e ampliada. Ed. Lucerna. Rio de Janeiro, 2003.
- CARONE, F. de B. *Subordinação e Coordenação: Confrontos e Contrastes*. São Paulo, Ática, 1988.
- CEZARIO, Maria Maura. *Ordenação de advérbios temporais e aspectuais no português escrito: uma abordagem histórica*. Rio de Janeiro: Projeto entregue à Pós-Graduação da UFRJ, 2002.
- CEZARIO, Maria Maura. *Relação entre transitividade e colocação da locução adverbial na oração*. Comunicação apresentada VIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.
- CEZARIO, Maria Maura et alii. Ordenação de advérbios em textos religiosos. In: *Matraga*. No. 16. Revista da Pós-graduação. Rio de Janeiro:UERJ, 2004.
- CEZARIO, M.M., ANDRADE, Q.C.P. e FREITAS, E.V.P. Ordenação de adverbiais temporais e aspectuais. In: HENRIQUES, C.C. E SIMÕES, D. (Org.) *Língua Portuguesa: reflexões sobre descrição, pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2005.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1982.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Luís Felipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2001.
- CUNHA, Maria Angélica Furtado da, COSTA, Marcos Antônio & CESARIO, Maria Maura. Pressupostos teóricos fundamentais. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da, OLIVEIRA, Mariangela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa*. 5ª ed. revisada e ampliada. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2001.
- FREITAS, Erica V. P. *Ordenação de itens temporais e aspectuais em –mente*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ, 2004.
- GONÇALVES, Jaqueline da Silva. *Polissemia e gramaticalização do depois na fala carioca: uma abordagem funcional*. Dissertação Monográfica. Rio de Janeiro. FEUC, 2004.
- GIVÓN, Talmy. *On understanding grammar*. New York/San Francisco/London: Academic Press, 1979.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. & JANDA, Richard D. (eds.) *The handbook of historical linguistics*. Blackwell Publishing, 2003.
- \_\_\_\_\_ & CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- \_\_\_\_\_ & KUTEVA. *Language Contact and Grammatical Change*. Cambridge, 2005.

\_\_\_\_\_ & THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, 56(2), 1980.

HOPPER, Paul J. *Emergent grammar*. BLS 13, 1987.

MAGNE, Augusto. *A demanda do santo graal: glossário*. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, 1944.

MARTELOTTA, Mário Eduardo & AREAS, Eduardo Kenedy. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da, OLIVEIRA, Mariangela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_ A mudança linguística. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da, OLIVEIRA, Mariangela Rios de & MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística funcional: teoria e prática*. Ed. DP&A. Rio de Janeiro. p.57-72, 2003.

\_\_\_\_\_, VOTRE, Sebastião Josué & CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo, VOTRE, Sebastião & CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil: uma visão funcional*. Ed. Tempo brasileiro. Rio de Janeiro, 1996.

\_\_\_\_\_ *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma abordagem funcional*. tese de (Doutorado em Linguística) 240 p., UFRJ. Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_ *Ordenação dos advérbios qualitativos em -mente no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX*. Revista Gragoatá nº 22. Usos linguísticos, no prelo. Niterói. UFF: (inédito), 2007.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. Ed. Unesp. São Paulo, 2000.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4ª ed. Ed. Ática. São Paulo, 2002.

PEZATTI, Erotilde Goreti. *O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção?* In: Delta. Vol. 17 nº 1. São Paulo, 2001.

PROJETO ANÁLISE CONTRASTIVA DE VARIEDADES DO PORTUGUÊS. [www.lettras.ufrj.br/varport](http://www.lettras.ufrj.br/varport). Acesso em: março de 2004.

PROGRAMA DE ESTUDOS SOBRE O USO DA LÍNGUA. [www.lettras.ufrj.br/peul](http://www.lettras.ufrj.br/peul). Acesso em: outubro de 2005.

PROJETO NORMA URBANA LINGÜÍSTICA CULTA. [www.lettras.ufrj.br/nurc-rj](http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj). Acesso em: março de 2004.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 42ª ed. Ed. José Olympio. Rio de Janeiro, 2002.

RODRIGUES, Fernanda Costa Demier. *Prototipicalidade e estabilidade funcional de agora*. Dissertação de Mestrado. Niterói. UFF, 2002.

RODRIGUES, Violeta Virginia. *A função dos vocábulos em -mente na fala culta carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Mestrado. 1994

SILVEIRA, E. *O aluno aprende o que se diz na escola?* Qualitymark/Dunya. Rio de Janeiro, 1997.

SOUSA, Otilia da Costa e. *Construindo histórias: Quando – Então – Depois. Marcadores aspectuo-temporais em narrativas de crianças*. Ed. Estampa. Lisboa, 1996.

TERRA, Ermani. *Curso prático de gramática*. Reedição revista e ampliada. 8ª edição. Ed. Scipione. São Paulo, 1993.



TRAUGOTT, Elizabeth Closs e KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: Traugott e Heine ed. *Approaches to grammaticalization Vol 1: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 189-218.

\_\_\_\_\_. *Meaning-change in the development of grammatical marker*. V. 2. Language Sciences, 1980.

Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, 2007. 167 p. mimeo.

## RESUMO

Neste trabalho, temos como objetivo principal observar a trajetória metafórica do item **depois** que, em decorrência do uso, enfraquece sua característica temporal, passando a assumir outros usos mais polissêmicos até chegar a conector, através da gramaticalização. Deste modo, investigamos os usos polissêmicos e gramaticalizados que o item **depois** apresenta, tomando como contexto de análise desse item produções orais da comunidade do Rio de Janeiro: *corpus* Nurc, *corpus* Varport e *corpus* PEUL. Para a análise dos fenômenos mencionados, tomamos como fundamentação teórica o funcionalismo norte-americano, mais precisamente a teoria da gramaticalização, baseando-nos especialmente em Heine (2003). Essa perspectiva teórica investiga os fenômenos linguísticos observados no uso da língua em contexto real e as motivações para o uso de determinados itens lexicais no mesmo contexto. Os usos encontrados para o item **depois** neste trabalho são: temporal, espacial, seqüencial, contrastivo e aditivo. Constatamos, assim, que esse item apresenta, em decorrência do uso, novas funções, diferentes da função prototípica (a temporal) e chega a conector, isto é, passa a organizar as informações no discurso através da trajetória *espaço > tempo > texto*.

GONÇALVES, Jaqueline da Silva. *Gramaticalização do item **depois** na fala carioca: uma abordagem funcional*. Dissertação de Mestrado em Lingüística apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ, 2007. 167 p. mimeo.

## ABSTRACT

Our first aim in this study is to observe the metaphoric trajectory of the adverbial **depois**, which, because of usage, has lessened its temporal characteristic, assuming other more polissemic usages, including the one of a connector due to the grammaticalization process it goes through. Thus we investigate the polissemic and grammaticalized usages of **depois** by analyzing it in oral data occurrences extracted from 3 *corpora* on the Rio de Janeiro spoken discourse: the NURC *corpus*, the VARPORT *corpus* and the PEUL *corpus*. The analysis was based on the North American Functional Linguistics, precisely on the grammaticalization theory and it is mainly grounded in Heine (2003). This theoretical perspective investigates the linguistic phenomena by observing language usage in real contexts and the motivations for the use of certain lexical items in these same contexts. In this study, the usages we found for the adverbial **depois** are: temporal, spacial, sequential, contrastive and additive. We therefore conclude that this item presents new functions, which differ from its prototypic temporal function, and becomes a connector, i.e., it organizes the discourse information through the trajectory *space > time > text*.

## **ANEXOS**

Corpora: VARPORT, NURC e PEUL

### Corpus do VARPORT (modalidade culta/informal)

(inquérito 1) Cirurgião dentista, sexo masculino, 31 anos.

(dado 1) LOC - já pratiquei natação, quando eu era mais garoto... jogava xadrez... jogava botão... pingue-pongue... mas **depois** que eu comecei a trabalhar nunca mais pratiquei nada mesmo... nenhum tipo de jogo...nem baralho...

(inquérito 2) Prof. Universitário, 33 anos, sexo masculino.

(dado 2) LOC....além disso... tinha o pião... que era logo **depois** ou no iniciozinho... na retomada das aulas... a bola de gude... enfim essas brincadeiras... além do carrinho de rolimã... que a gente gostava também...

(inquérito 3) Contador, 45 anos, sexo masculino.

(dado 3) LOC -... assim dez doze anos... antes de dormir eu tomava café... café com pão ... que a minha avó me acostumou... **depois** eu casei... aí parei... nunca mais...

(inquérito 4) Dentista, 37 anos, sexo feminino.

(dado 4) LOC - gosto... humor inteligente eu gosto... fui no Nelson da Capitinga não gostei... fui naquele... Ari... Ari Toledo... Ari Toledo foi bom... eles têm umas piadas inteligentes... você tem que parar pra pensar... pra **depois** achar graça... gosto sim...

(dado 5) LOC. ...e lá mesmo você querendo reunir alguém você combina lá... no tal lugar... tal hora e vai todo mundo junto pro cinema... vai todo mundo junto pro teatro... **depois** vai todo mundo junto dançar... ou jantar né..

(dados 6 e 7) LOC - nós nos reunimos mais ou menos o mesmo grupo... uma vez em agosto numa feira de exposições que teve em Três corações... aí nós nos reunimos... mas **depois** disso nunca mais ninguém conseguiu reunir... ah... foi legal... foi maior bagunça... a... aí reunimos todo mundo na feira... foi todo mundo na exposição de gado junto... na feira de exposições em Três Corações... aí **depois** nós fomos pra barraca da faculdade de odontologia onde eu estudava... aí juntou o pessoal da faculdade com o pessoal de lá né... ficou junto... sempre tem um com um violão né...(?) né... é legal

(inquérito 5) Professora e pedagoga, 44 anos, sexo feminino.

(dado 8) #L-... eu só compro::: margarina LIGHT... também... sem:: com MENOS gordura... possível né... porque eu operei a vesícula... então **depois** desta operação eu passei a comer de tudo né porque:: antes eu não:: eu não podia me alimentar bem/bem NÃO... ahn::

(inquérito 6)Pedagoga, 54 anos, sexo feminino.

(dados 9 e 10) LOC. ...a água é muito quentinha... então o tempo que você ficava dentro do quarto... apesar de ser assim um motel bem simples... tipo... fazenda... mas a comida é muito gostosa o atendimento é muito bom... isso sul... **depois** no norte eu fiquei... aí dei uma de... de bacana... fiquei num hotel cinco estrelas... ficamos... foi uma viagem assim paga... parceladamente... quer dizer... foi suave né... então nós ficamos no hotel... mas também foi só uma noite e metade de um dia... **depois** nós fomos prum hotelzinho mais... mais simples foi no... em Recife? não... Bahia? acho que foi Bahia... e quando houve esse... essa parada forçada na... na Bahia...

### Corpus do VARPORT (modalidade popular/informal)

(inquérito 1)Pescador, 24 anos, sexo masculino.

(dados 1 e 2) #I ...isso é uma rua dessa aqui pra lá assim mais ou menos de largura aí *saíram* nadando **depois** *juntaram* o/ ficou a frente do barco que a urna ( ) isopor ( ) né na urna do barco aí o barco ficou assim com o bicozinho dentro da água assim assim na/ em cima da água né aí eles foram *seguraram* ali *ficaram* umas duas horas **depois** o navio voltou e *pegaram* eles de novo o cara morreu (na hora)

(inquérito 2)Pescador, 33 anos, sexo masculino.

(dados 3 e 4) #D - é ? bom aí **depois** o senhor bota um chumbo

#D - e **depois** amarra na no (barco)

(dado 5) #D - e como é quando o senhor faz o pagamento do seu pessoal o senhor tira toda a despesa e **depois é que começa a contar?**

(inquérito 3) Pescador, 35 anos, sexo masculino.

(dado 6) #I ...pra não perder a rede que a gente só vê navio e só vê céu e água e às vezes um navio que passa de vez quando assim por fora ou por terra né e a gente tem uma por exemplo o a gente vai ver por exemplo ancorou as ancoramos né largamos a rede ancoramos aí **depois** viaja a água está ao sul as água *virando* a gente sabe mais ou menos a posição que a gente está e as onda do mar é sempre pra terra sempre pra terra

(inquérito 4) Pescador, 21 anos, sexo masculino.

(dado 7) #D - ah é ?

#I - perdi o robalo deu a lá em Gargaú

#D - **depois** você conseguiu recuperar ?

#D - hum hum

(dado 8) #I - aí é água por aqui aí vim trazendo os três vivinho vim trazendo até lá em cima da praia aí botei os três assim ( ) lá de novo foi a lá ( ) **depois** eu voltei lá já tinha outro malhado

(inquérito 5) Carpinteiro, 39 anos, sexo masculino.

(dado 9) #I - e quando ele entra ali ele vai sair sabendo o o que todo mundo sabe ali dentro então o pessoal daqui os primeiro vieram de Atafona montaram um estaleiro aqui aqui não tinha estaleiro nenhum veio de Atafona montou naquele tempo do machado e serra de mão aquela coisa e enxó vieram trazendo o nome das peça e nós fomos aprendendo eu também já vim chegando **depois** entrando em estaleiro e aprendendo a a função e vim fazer e outros que vieram aprenderam comigo já estão tocando na frente é tudo uma coisa só não muda muito não (seqüencial)

(inquérito 6) Pescador, 37 anos, sexo masculino

(dado 10) #I1 - é porque o peixe na no com o peixe é o seguinte quando chega vai chegando agosto setembro outubro vai chegando essa época é a época dele desovar então o peixe fica adoidado ele dá muito peixe você pega muito peixe então vem a época da enchente quando cresce antes dele desovar você ainda pega muito peixe que ele fica anda pra aqui pra ali você pega mas **depois** que ele desova o peixe esconde ele desovou o peixe aparece todinho some então ele some e então nesse período enquanto o rio não baixar um pouco chegar a uma posição duma água pra gente poder apanhar ele pescar e pegar ele melhor então é o que está acontecendo aí o rio agora está nessa nesse tipo aí às vezes quando começa a dar pescaria de um dia pro outro a chuva vem bate o rio cresce outra vez ( )

(inquérito 7) Pescador, 47 anos, sexo masculino

(dado 11) #I - limpinho o peixe é todo limpo

#D - sei sei bom **depois** a gente ainda volta a esse ne/ esse papo de peixe porque eu estou seguindo aqui uma ordem ...

(inquérito 8) Pescador, 43 anos, sexo masculino

(dado 12)...pensava que era um outro pescador um irmão meu alguma coisa que era mas não era ninguém não e no lugar que estava minha tolda era areia pu/ só tinha areia aí **depois** quando o dia amanheceu eu fui ver se tinha andado ninguém ali e não tinha andado ninguém não e andou mesmo faz fez barulho mesmo

(inquérito 9) Pescador, 44 anos, sexo masculino

(dado 13) #I - e no no meu modo de pensar com com esse tempo de pescaria que eu tenho porque existe regiões que não têm esse esse tipo de lodo né de usina e tem o peixe com mais frequência e até peixe em melhores condições como o robalo a carapeba a tainha né e **depois** de Campos quer dizer só existe a usina Santa Cruz acima dessa usina é onde a gen/

a gente apanha a mais quantidade de robalo de dourado

(inquérito 10) Pescador, 59 anos, sexo masculino

(dado 14) #I - ela mede aquilo certinho

#D - ah é né e e vai marcando e vai cortando e **depois** vai puxando também né?

(inquérito 11) Pescador, 59 anos, sexo masculino

(dado 15) #D - está bom tem uma parte assim do mar que se enche assim com a cheia e **depois** se esvazia com a vazante? tem isso aqui?

(dado 16) #I - rebojo é quando a maré vai encostado no paredão aí que chamam paredão né é o cais aí vai ( ) e **depois** ela roda e faz um rebojo e vem pela beira da praia levando entendeu?

(inquérito 17) Pescador, 60 anos, sexo masculino

(dados 17 e 18) #I - ( ) da história que ela foi fundada fundada em mil novecentos e vinte seis mas ela vinha antes foi fundada antes ela foi fundada aqui no numa praia chamada Praia do Diabo que era aqui no Arpoador onde tem umas pedra que inclusive existe assim umas pedra assim é é que só tinha e existia uma canoa essa pedra só existia uma canoa e essa e essa canoa pescava lá inclusive e/ essa canoa era de um tio meu **depois** essa colônia passou aqui pra Rua Francisco Otaviano onde tinha um terreno baldio ali e ela ficou montada a colônia ali dentro desse terreno baldio com aí já passou em vez de uma já passou a ter duas embarcações ali ela ficou mais ou menos uns sete a oito anos e **depois** dali ela então passou aqui pra Avenida Atlântica onde hoje inclusive é esse hotel aqui que era o antigo Cassino Atlântico era aqui no Posto Seis no fim da da Avenida Atlântica aqui no Posto Seis quando então foi fundada aí que ela foi fundada a colônia dos pescadores zê seis ela era zê seis e foi fundada

(inquérito 18) Pescador, 60 anos, sexo masculino

(dado 19) #I - há temporal a gente tem que sair procurar sempre um lugar assim como uma restinga por causa da encosta **depois** a gente encosta na restinga que a gente tem pra abrigo da gente

### **Corpus do NURC RJ (modalidade culta/informal)**

**(inquérito 1)**

**NURC RJ**

**AMOSTRA COMPLEMENTAR:** Inquérito 003 (feminino / 27 anos)

**TEMA:** família, ciclo de vida, saúde

**LOCAL/DATA:** Rio de Janeiro, 08 de maio de 1992

**TIPO DE INQUÉRITO:** Diálogo entre informante e documentador

**DOCUMENTADOR:** M A

(dado 1) DOC - E **depois** que você foi crescendo, como é que ... Você mudou as suas atividades?

(dado 2) DOC - E...Mas, **depois** assim na sua adolescência, não tinha grupinho?

(dado 3) LOC - É ... Eu acho que, eu acho que existe, cobrança, por exemplo, cobram, se você tá namorando há muito tempo, cobram, que você tem que casar, aí **depois** que você casa, cobram os filhos, isso eu vejo pelo meu irmão, é ...

**(inquérito 2)**

**NURC RJ**

**AMOSTRA COMPLEMENTAR:** Inquérito 012 (feminino / 27 anos)

**TEMA:** cidade e comércio

**LOCAL/DATA:** Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1993

**TIPO DE INQUÉRITO:** Diálogo entre informante e documentador

**DOCUMENTADOR:** M A

(dados 4 e 5) Loc - fui pra, [ nome da cidade ] que é uma cidade próxima a [ nome da cidade ], que é mais ou menos uma

hora e meia ao sul de Montreal, aí quer dizer, passei uma semana lá, aí **depois** voltei pra aquela cidade de [ Roberval?] lá em cima mais uns cinco dias lá, aí voltei pra Montreal, aí fui pros Estados Unidos, Atlantic City, aí **depois** fui pra [ nome da cidade] que é uma cidade em Atlanta, entre [ ? ] e [ ? ], que é próximo às montanhas, e tem assim, tipo um parque, maravilhoso lá, quer dizer, principalmente pra gente que a gente vê neve fica babando né ( risos ) aqui no Rio, não tá acostumado, né?

(dado 6) **Loc** -É, não tem assim, um rio que, eu lembro que a primeira vez que eu nadei num rio, eu achei, quer dizer, vi aquela quantidade imensa de água, cai n'água aí senti: Pô, cadê o sol? ( risos) Não tinha sol, entendeu, aí **depois**, hoje em dia eu já me acostumei

(dado 7) **Loc** ...Essa aqui era sala de reuniões, sala de cerimônia do chá, não sei o quê, então tinha uma que falava assim, que, os ruídos do chão dos corredores não era de, de, sem querer, é, tinha um propósito, era um propósito, era por motivos de segurança porque ninguém ia entrar no castelo sem ser notado à noite, e **depois** cê caminhar, quer dizer, eu achei, interessante pra caramba, é...

### (inquérito 3)

**NURC RJ**

**AMOSTRA COMPLEMENTAR:** Inquérito 15 (feminino / 27 anos)

**TEMA:** Vida social e diversão

**LOCAL/DATA:** Rio de Janeiro, 24 de junho de 1996

**TIPO DE INQUÉRITO:** Diálogo entre informante e documentador

**DOCUMENTADOR:** M L S

(dado 8) **LOC** ...normalmente não tinha nada... mas... por outro lado... aqui a gente não tem aquele convívio que a gente tinha com as pessoas lá né? era uma coisa mais... mais aberta... aqui as pessoas são muito fechadas... é... assim **depois** que você entra no grupo... é tudo mais fácil né... e aqui não... aqui a gente fica nessa de shopping, cinema, teatro... às vezes barzinho... aí é chato... porque só duas pessoas né... é bem chato...

(dado 9) **Loc**. não... lá não tem cinema... não tem teatro... a cidade mais próxima que é Três Corações...o cinema virou Igreja Universal... aí pra ir ao cinema a gente tinha que ir à Varginha mas são quarenta quilômetros de Cambuquira da Varginha... então não é... não era sempre que dava pra ir né... porque é longe... **depois** você voltar de lá à noite dirigindo... a estrada não é muito boa... não é bem sinalizada... né...aí não... era difícil a gente ir...

(dado 10) **LOC** ...na verdade foram quatro clubes né... só que aí nesse caso foi uma palestra a ser... eh... a respeito de serviços que a gente tem que prestar à comunidade né... que tinha algumas coisas pendentes ainda pra resolver... e **depois** então... que chegou-se à conclusão do que seria feito por essas quatro comunidades... teve a confraternização... que se... que... aí é brincadeira né... a gente fica conversando... tem música...

(dado 11) **Doc.** (?) ... e lá mesmo você querendo reunir alguém você combina lá... no tal lugar... tal hora e vai todo mundo junto pro cinema... vai todo mundo junto pro teatro... **depois** vai todo mundo junto dançar... ou jantar né... alguma coisa assim... então aqui eu acho melhor por isso...

### (inquérito 4)

**NURC RJ**

**AMOSTRA COMPLEMENTAR:** Inquérito 019 (feminino / 44 anos)

**TEMA:** Alimentação

**LOCAL/DATA:** Rio de Janeiro, 30 de junho de 1996

**TIPO DE INQUÉRITO:** Diálogo entre informante e documentador

**DOCUMENTADOR:** FL

(dado 12) #L ele não tira o apetite propriamente... ele... vai mexendo parece com/com um hormônio chamado::... éh/ce/éh:: fala aí um hormônio... cerotomina tem esse hormônio ((risos)) eu não sei **depois** você procura saber é um:: negócio assim... e:: então... vai diminuindo... o desejo de comer açúcares... e:: eu fui...

(dado 13) #L ...adoro fubá... tudo que vem do milho eu gosto... gosto de fazer aquele fubá assim cozido... bem durinho... não sei... como é que chama... e **depois** fritar... adoro...

### (inquérito 5)



NURC RJ

AMOSTRA COMPLEMENTAR: Inquérito 20 (feminino / 54 anos)

TEMA: Transportes e Viagens

LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 04 de julho de 1996

TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador

DOCUMENTADOR: R R M

(dado 14) **Loc.** vai da pessoa... então eu comia assim um bocadinho de cada coisa mas não... não... a gente não... não come aquela quantidade... só pra provar mesmo... **depois** tem a mesa de doces também... com todos os doces típicos de lá...

(dado 15) **LOC** ...Então... eh... quer dizer... nesse... ali na... no Senac... você conhece... todas as ( ) e também todas as comidas... **depois** nós fomos numa... numa... num restauantezinho assim tipo beira mar... não é... não é... é restaurante... mas é... quase todo ele aberto... sabe assim... feito ( )

(dado 16) **Loc.**... mas a estrada é muito boa... Rio/ Juiz de Fora é muito boa... tem Rio/ Petrópolis primeiro... **depois** pega Rio/ Juiz de Fora né... a estradinha que vai de Juiz de Fora pra... pra Piraúba... é que a gente tem dois caminhos... ou vai por ( )... mas pega muito quebra-mola... são quarenta e poucos quebra-mola... e (tome) de... e... e... enjoado né... porque pára... diminui... tem muito assim

(dado 17) **Loc** ...em Belo Horizonte... outro em Minas... ele aqui no Rio... quer dizer... então quando junta assim... é gostoso né... então foi... eh... os feriados grandes foi de... Páscoa... é... Páscoa eu passei lá também... passei carnaval... carnaval passamos com os filhos... **depois** os filhos vieram nós ficamos... é... é... (farrão mesmo) gostoso quando vai todo mundo do nosso também... nós não conseguimos é juntar...

(dados 18 e 19) **Loc** ... olha eu fiquei tão vidrada na água... que eu falei assim... gente se eu não me jogar nessa água -- eu tenho um... um retrato... mas bóia na cabeça... bóia nos pés... bóia em tudo quanto é canto... mas eu me joguei dentro do água... falei não... se eu não me jogar eu vou ficar frustrada... todo mundo nadando você olhando o corpo da pessoa todo lá dentro de tão limpa que era a água... e **depois** num certo ponto você via água PREta... como é que pode né... dentro de um oceano... a água azulzinha... limpinha e **depois** naquele pedaço que não pode... saltar ninguém pra... pra nadar... aquilo escuro né... ah mas uma maravilha... aí eu pedi o rapaz pra... olha... você vai me botar bóia pra tudo quanto é lado mas eu vou me jogar...

(dado 20) **Loc.**... vinte e nove de junho era feriado antigamente né... dia do papa... era dia da...era feriado... mas **depois** cortaram... então eu... apesar de eu não ter assim... passeado muito... porque inclusive a gente... foi pra Petrópolis que eu Ganhei essa... essa... essa casa pra ficar... porque nós não tínhamos condição de... passar a lua-de-mel em lugar nenhum...

(dados 21, 22 e 23) **Loc.** não sei... acho que não... sabe que dá impressão... fico olhando assim... quando... já fui a Paquetá né... já fui a Niterói... tem hora que eu sento na barca assim... eu fico olhando assim lá pra dentro... nesse ( )... eu fiquei com um... mas é porque o pessoal... você vai na brincadeira... vai na bagunça... aí você vai acabando esquecendo... mas eu acho assim... falo Jesus... misericórdia se isso cai eu vou... não vou ter pé... eu não sei nadar... quê que vai acontecer comigo... então eu fico olhando pra aquelas... aqueles salva-vidas... o olho na... no salva-vidas... o olho na... no... salva-vida... eu acho que navio não faz... e... e **depois**... eu tenho pra mim que eu tenho isso da minha mãe... porque ela tinha pavor também... e tinha motivo... um motivo sério... quando ela... fez escola normal... ela estava no último ano... e meu a... meu avô era militar... e meu avô era... nortista... agora que eu estou me lembrando... estou falando mal do nortista... meu avô era nortista... e... mas ele era legal... meu avô... ele... foi... destacado pro sul... e a minha mãe não podia ir porque ia formar... ia acabar... o... o normal... então ficou pra **depois** encontrar com eles... eles foram pra **depois** ela ir... QUANdo a minha mãe foi... eh... não tinha aquela... aquela... ( ) tem hoje né... era um navio bem... bem fulerazinho.

(dado 24)**Loc** ...me arrependo não... eu acho que... minha educação foi boa... e hoje em dia eu não... eu não me sinto... não sinto... na hora a gente fica revoltada porque é moça mas...**depois** que a gente casa... tem filhos a gente dava muito valor... a tudo isso que eu... não me arrependo não... se tivesse que começar... talvez começasse tudo de novo...

(inquérito 6)

NURC RJ

AMOSTRA COMPLEMENTAR: Inquérito 27 (feminino / 76 anos)

TEMA: Transportes e Viagens

**LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1996**

**TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador**

**DOCUMENTADOR: F L**

(dado 25) **Loc.:** estudei nos Estados Unidos ... recebi fui /treinamento em serviço nos Estados Unidos ... primeiro nos anos cinquenta ... **depois** fiz mestrado em Minissota e fiz nos a/nos anos sessenta ... e ... fiz doutorado ... um doutorado tardio né? ( ... )

(dado 26) **Loc** ...FINEP ... financiou um projeto em São Carlos ... para um protótipo de um ( quilowatt ) ... e o FITEL do Banco do Brasil financiou o meu projeto ... de pilha alcalina ... a de São Carlos pilha ácida ... tanto o grupo de São Carlos como o meu grupo chegaram ao protótipo **depois** houve um recesso de financiamento ... de interesse pela pilha combustível ... porque ... quando se encontra um posto de petróleo ... há uma euforia ...

**(inquérito 7)**

**NURC RJ**

**AMOSTRA COMPLEMENTAR: Inquérito 001 (masculino / 32 anos)**

**TEMA: instituições, ensino e igreja**

**LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 28 de abril de 1992**

**TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e Documentador**

**DOCUMENTADOR: M A**

(dado 27) **LOC** - Mas, tinha uma disciplina muito grande, você ter que abaixar cabeça, aquele negócio de, né, pra sair ter que ficar quietinho, pra sair antes, aqueles que tavam, fazendo bagunça saíam **depois**, abaixar a cabeça, ia mandando um a um, quem tivesse mais quietinho pra, sair né, na hora da saída.

(dado 28) **LOC** - não, foi **depois**, eles sumiram **depois**, porque eu, não eram meus professores na época, mas eles, tiveram um tempo afas ...,

(dado 29) **DOC** - Quando você falou que mudou, o curso primário era de seis anos **depois**...

(dado 30) **LOC** - É primário e ginásio, **depois** passou a ser, o primeiro grau completo né.

(dado 31) **LOC** - Eu fui até a oitava série, quer dizer, até o final do primeiro grau. **Depois** eu fiz concurso pra, Escola Técnica Federal. Aí passei, mas só que passei pro segundo semestre.

(dados 32 e 33) **DOC** - Bem, e **depois** pra ir pra faculdade, você, fez algum curso **depois** que concluiu o técnico?

(dado 34) **Loc** ...Então fiquei seis meses fazendo vestibular e o último período de, do curso técnico, e **depois** fiquei só seis meses só fazendo o curso, pré-vestibular, e ... porque, exatamente faltava base em, História, em Geografia, em Química. Se bem que eu não sei se foi muito por aí.

(dado 35) **LOC** -Saía de noite, voltava tarde, de madrugada, não estudava, e ... minha mãe começou a cobrar: tá vendo, último ano, você tinha que tá estudando, agora não tá estudando, não sei o que! E, **depois**, [ aí ] eu comecei a ficar com medo: Pô, já pensou se eu, realmente não posso

(dado 36) **LOC** - Faculdade, a grande diferença da faculdade pra, principalmente no Básico né, você tem, na Engenharia, você tem o curso básico, dois anos, **depois** você vai pro profissional. O curso básico, o que, norteou o curso básico é a, péssima qualidade dos professores.

(dados 37 e 38) **Loc** ...Pedi a licença pra vir só fazer as provas. Então, levei pau, óbvio né, levei pau porque, apesar dos professores serem ruins, você precisa ter contato, diário, com a matéria, e com os colegas e, até com o professor, embora seja, sejam muito ruins, **depois** eu vi isso quando comecei a assistir aula, vi que não fazia muita diferença, em relação aos professores, mas em relação a, a você tá em contato com a matéria todo dia é importante né, é, levei pau, fiquei com CR baixíssimo, foi um horror. Agora, é foi basicamente isso. Então, foi, foi uma experiência até, bastante dura né. **depois** quando eu voltei a, a cursar, quer dizer, aí eu, larguei a multinacional porque eu vi que não tava, não dava pra concluir as duas coisas né, eu tinha de escolher: ou, ou ficar na multinacional ou, na IBM, ou vim fazer o curso né, e optei por fazer o curso né, feliz ou infelizmente não sei, até hoje eu não sei direito, se eu hoje tivesse na IBM eu taria ganhando muito muito

mais né, mas, é ... quando eu vim fazer o curso aí que eu vi a diferença né, aí que eu notei essa, deficiência, completa dos professores.

**(inquérito 8)**

**NURC - RJ**

**AMOSTRA COMPLEMENTAR: Inquérito 002 (feminino / 28 anos)**

**TEMA: cidade e comércio**

**LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 05 de maio de 1992**

**TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador**

**DOCUMENTADOR: M A**

(dado 39) **Loc** - Eu sempre morei aqui na Tijuca. Eu moro, morei, quatro a cinco anos na, na altura do do Largo da Segunda-Feira, **depois** vim morar nessa casa que eu moro, morei aqui durante, dos meus seis, aos meus treze anos.

(dados 40, 41 e 42) **Loc** - É, quando era solteiro, adolescente. **Depois**, fui morar em Brasília. Morei em Brasília, do de setenta e sete né, meus doze treze anos, a oitenta, aos quinze. **Depois** voltei pra cá de novo, de oitenta e cinco mais ou menos. Aí **depois**, morei, na Muda, e **depois** voltei pra cá

(dados 43 e 44) **Loc** - É, mais tranqüilo, mas aí você corre o risco né, desses lugares muito, ermos, essa questão da da própria insegurança né, [ ? ] vai pegar o carro, eu morei, um ano no Grajaú antes de vir pra cá, esse apartamento tava em obras, e, a gente, **depois** de dez horas não tinha mais porteiro né, e era um breu. Então você chegar **depois** de dez horas era um, um medo só né.

(dado 45) **Loc** ...O que eles vão fazer **depois** é outra história né, mas que tá sendo feito, tá, né, Brizola tá fazendo coisa pra caramba, a gente tá vendo que ele tá fazendo.

**(inquérito 9)**

**NURC RJ**

**AMOSTRA COMPLEMENTAR: Inquérito 013 (masculino / 31 anos)**

**TEMA: vida social e diversões**

**LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 19 de junho de 1996**

**TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador**

**DOCUMENTADOR: M I S**

(dado 46) **Loc** ... estava um dia muito frio... até chuvoso... o que atrapalhou um pouco o camping pois que nós montamos a barraca... logo **depois** choveu... a barraca ficou molhada... e isso desanima... no outro dia amanheceu com sol

**(inquérito 10)**

**NURC RJ**

**AMOSTRA COMPLEMENTAR: Inquérito 014 (masculino / 45 anos)**

**TEMA: alimentação**

**LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 20 de junho de 1996**

**TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador**

**DOCUMENTADOR: F L**

(dado 47) **Loc**: não... Semana Santa lá em casa é peixe ou bacalhau... já não faz essas comidas que nós... carne por exemplo... Semana Santa não entra lá em casa... só entra peixe... bacalhau... ou camarão. Natal a gente costuma... Natal fazer pernil... peru... aquilo que todo mundo faz e Ano Novo... fazer um churrasco... **depois** da meia noite lá em casa tem churrasco...

(dado 48) **Loc**: você faz churrasco... um molho... uma maionese... um arroz... um... todo mundo fica... satisfeito. Lá em casa to/ todos aniversários tem...churrasco... ou então é salgadinho... que compra pronto... só fritar. Serve churrasquinho, serve o... o salgadinho... **depois** serve ... o churrasco...

(dado 49)**Loc**: forminho pra esquentar pão... tem forminho... todo dia de manhã eu esquento pão pra comer... eu não como pão frio... pizza... meu garoto come muita pizza.(?) então... bota no forminho... aí prepara ela...e come... comida por exemplo... às vezes você chega **depois** da hora do almoço e da... da janta... prepara tudo direitinho... ou bota no

micro-ondas ou bota no fominho... aí... esquenta ali e come...

(inquérito 11)

NURC RJ

AMOSTRA COMPLEMENTAR: Inquérito 017(masculino / 38 anos)

TEMA: Vida social e diversões

LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 27 de junho de 1996

TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador

DOCUMENTADOR: FL

(dado 50) **LOC-** é tem... tem vezes que a gente sai do teatro (vai a um)... jantar... né?... **depois** vai pra casa... tem dia que não... tem vezes que a gente vai direto até né?... mas geralmente a gente sai né que eu vô com os amigos também a gente nunca vai sozinho né?

(inquérito 12)

NURC RJ

AMOSTRA COMPLEMENTAR: Inquérito 018 (masculino / 70 anos)

TEMA: transportes e viagens

LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 29 de junho de 1996

TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador

DOCUMENTADOR: A B

(dado 51) **Loc** ...fiz concurso... mas eu... como eu já tinha um compromisso com a (Esso)... da qual eu era advogado... eu voltei... não fiquei lá... e também porque minha mãe morava comigo(no Rio)...não queria que ela ficasse sozinha... **depois** eu... eu me formei na Cultura Inglesa e em mil novecentos e sessenta e oito eu resolvi jogar minha profissão de advogado fora porque eu realmente não gostava...e me tornei professor...

(dado 52)**Loc**..foi ali que eu conheci a minha carreira... em sessenta e oito... e em sessenta e nove... eu vim pro Rio e ingressei na Cultura Inglesa... primeiro na Tijuca... **depois** em Caxias e finalmente fui pra Madureira como professor-chefe... onde eu fiquei dezessete anos... foi uma influência muito boa... eu gostava demais de lá...

(dados 53 e 54) **Loc**.... em cinqüenta e cinco eu fui para os Estados Unidos por uma bolsa da coca-cola... e fui para a Universidade de Nova Iorque... onde eu estudei um ano de Direito...teRRível... direito americano né... porque você tinha que preparar os casos na véspera pra... pra estudar pra... relatar no dia seguinte né... então a gente tinha que passar três ou quatro horas na biblioteca, todo dia até onze horas da noite... **depois**... onze horas da noite você tinha que fazer o trabalho em casa até duas horas da manhã pra poder trabalhar... teRRível...e ... ( ) ao mesmo tempo muito agradável porque realmente morar em Nova Iorque é um privilégio que é dado a poucos... e... então eu fiquei lá um ano, fiz concurso pra ( )... passei mas não fiquei porque... eu já disse né? **depois** eu fui mesmo... fui de carro atravessei os Estados Unidos todo de carro e conheci várias cidades...

(dados 55 e 56) **Loc**. olha... eu... eu... eu... vivi a ditadura de Getúlio Vargas... até quarenta e cinco né... eh... **depois** o negócio... quer dizer... melhorou... melhorou... ( ) mas acho a melhor fase que nós tivemos foi no governo de Juscelino... compreendeu? que foi uma inflação ( ) mas a gente... todo mundo era feliz... O fato era esse... você não via brasileiro triste no governo de Juscelino... essa foi a grande vantagem... todo mundo estava alegre... feliz... comprando suas máquinas de lavar roupa... até eu tive máquina de lavar roupa... até eu tive... comprei... máquina de lavar roupa... compreendeu? todo mundo comprava... todo mundo fazia tudo... tinha aparelhagem dentro de casa... de tudo... e o brasileiro era alegre naquela ocasião... era alegre... infelizmente aquele negócio não deu certo que o Brasil ia consumindo todo dinheiro que a gente tinha né... aliás... foi uma porcaria essa mudança pro... pra Brasília porque... acabou com o Rio de Janeiro... acabou não... ( ) porque o Rio de Janeiro não vai acabar nunca... mas caiu muito né... mas eu acho que... foi o governo de Juscelino que foi a melhor coisa que nós tivemos né... **depois** teve aquela porcaria daquela ditadura né... aquela militada safada né... na verdade eu não sei como eu não fui preso...

(dados 57 e 58) **Loc** ( ) a... a madame Canapi lançando moda... andando de braço... de mão dada com ele... atrás do e o... Collor puxando ela... mas foi muito engraçado... mas foi... foi terrível... **depois** o dinheiro... o dinheiro da gente confiscado né... não sei pra quê né... foi terrível... eu tinha um dinheirinho naquela ocasião porque ( ) me esperando né... um negócio... valeu a pena passar aquele ano... **depois** deu... deu um rendimento bonzinho e tal... na hora eu fiquei muito ( ) da vida... antes... foi isso sabe... quê mais?

(dado 59) **Loc.** ah não... eu fui a Argentina três vezes de avião e cinco vezes de ônibus... a viagem é muito longa... são... são quarenta e oito horas no mínimo de viagem... a gente chega lá... e não tem pés... tem duas abóboras... né... os pés ficam inteiramente inchados... mas **depois** a gente chega lá... eu pelo menos chegava lá... tomava banho e ia pra rua... eu não perdia um dia em Buenos Aires....

(dado 60) **Loc.**... passei um ano lá e não fiquei mais porque não tinha garantia nenhuma... não tinha carteira assinada... não tinha nada...e **depois** que eu saí ... o ( ) que foi pra lá reconheceu ( ) antigos professores ele assinou a carteira...

(dado 61) **Loc.** eu andava muito de trem... bom... no início era terrível ( ) as portas não fechavam... de maneira que a gente era roubado... roubavam os relógios da gente... eu fui roubado três vezes dentro do trem... mas **depois** que o trem melhorou... fechou a porta e tal... melhorou... e eu gostava sabe... pra mim era bom... eu ia de... quando... quando eu era muito caxias... eu ia sete horas da manhã no trem ( )...

(dados 62 e 63) **Loc.** botei pra correr... botei pra fora do vagão... ( ) botei ele pra correr... e uma vez um outro chegou perto de mim e disse assim... Jesus te AMA... eu falei... porquê? você jantou com ele ontem? ele te disse isso? o cara ficou muito espantado sabe... Jesus te ama... quem foi que disse pra ele que Jesus me amava? ele disse? ãh? aqueles evangélicos me divertiam sabe... **depois**... quando eles vinham distribuir aqueles ( )... “não sou católico não sou religioso... não sou católico... sou macumbeiro...” ih... eles ficavam horrorizados né... mas era divertido.... **depois** ( ) pegou catarata sabe... era um diabo sair de manhã com aquela luminosidade de manhã nos olhos do portador de catarata é terrível... sabe... é terrível...

(dado 64) **Loc.**... mas que eu (não gosto de nenhum)... mas no meu tempo era quinto ano... era o ano em que se fazia o ( )... que **depois** passou pra ser ( )... mas naquele tempo era ( ) mesmo... então eu tinha uma turma de... de doze alunos... aula de oito às onze... olha... pra dar aula de oito às onze... era... era uma guerra

### (inquérito 13)

**NURC RJ**

**AMOSTRA COMPLEMENTAR: Inquérito 28 (masculino / 61 anos)**

**TEMA: Família**

**LOCAL/DATA: Rio de Janeiro, 2 de novembro de 1998..**

**TIPO DE INQUÉRITO: Diálogo entre informante e documentador**

**DOCUMENTADOR: C S C**

(dados 65 e 66) **INF** Fui criado na Penha, meus primeiros anos foram na Penha. **Depois** a minha criação, a minha adolescência foram passados em Bonsucesso. Eu comecei morando em casa - residência de um pavimento só. Passei um período da minha infância, morando em apartamento, **depois** voltei a uma casa espaçosa, com quintal... em Bonsucesso. Assistíamos ao movimento em Bonsucesso ... aliás era até interessante, eu muitos anos defronte a linha do trem.

(dados 67, 68 e 69) **INF.** Na época, quase que todo mundo nascia dentro de casa, sendo atendido por uma parteira, não era muito comum o atendimento por médico, inclusive. Já, eu, nascido em trinta e sete, já comecei a pegar uma fase diferente, então, eu nasci dentro de uma maternidade, mas, por sinal, a maternidade ficava defronte a casa que eu morava na Penha. Mas, minha infância foi toda naquela casa ali, até que minha mãe morreu. Eu não me situo bem no tempo, às vezes eu tenho curiosidade, eu tento buscar pra ver em que ano foi, mas, **depois**, eu esqueço. E, aí, sim, aí eu saí de lá e, **depois** do segundo casamento dele, nós fomos morar em Bonsucesso. Tínhamos um sobrado, **depois** ele fez uma outra casa.

(dado 70) **INF.** ...E eles faziam umas pirâmides, chamava-se, chamava-se pirâmides, aí iam empilhando ali para **depois** serem recolhidas pelas caminhões para levarem aquilo dali para as usinas de reaproveitamento, tudo isso.

(dado 71) **DOC.** E **depois** que a guerra acabou, isso mudou, como é que, que que você sentiu?

(dado 72) **INF** ...Nós só viemos a ver o fim da escassez disso, escassez, ora escassez de um produto, ora escassez de outro produto agora, há pouco tempo, **depois** que terminou o fim do segundo período, da segunda ditadura que houve e terminado o governo do Sarney.

(dado 73) **INF.** ...De repente, há o falecimento da mãe, aí fica, acaba descoordenando tudo e foi o que aconteceu. E houve uma modificação brutal na vida de meu pai e a modificação foi muito grande. Aí, logo **depois**, veio o período de

guerra também, tudo isso foi dificultando cada vez mais, né?

(dado 74) **INF.** ...A escola era próxima. **Depois**, na adolescência, a escola foi um pouquinho mais distante, mas continua sendo no subúrbio da Leopoldina.

(dado 75) **INF.** Porque a maioria era só nível primário, entendeu? E **depois** também, o ensino particular não era tão caro quanto é hoje e também a situação do meu pai permitia que ele se desse ao luxo, na época. Então, eu sempre estudei em colégio particular, né?

(dados 76 e 77) **INF.** Eu tinha vocação...Não era nem vocação, era um desejo, tanto que aconteceu até um fato curioso, a escola... o concurso já foi feito dentro da escola, dentro da Escola da Aeronáutica, da Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica, era dentro da Escola da Aeronáutica e era no Campo Dos Afonsos, aqui no Rio de Janeiro. **Depois**, eles tiraram isso daqui e colocaram lá em Pirassununga, parece. Levaram pra Barbacena, Pirassununga, lá pra aquelas áreas, **depois** que houve um acidente com dois aviões aqui em cima, que eu vi inclusive um deles caindo.

(dado 78) **DOC.** E aí, você decidiu fazer o que **depois**?

(dado 79, 80, 81 e 82) **INF.** Não, **depois** eu voltei ao meu curso científico, foi quando eu saí, terminado o ano, eu me matriculei de novo no colégio, lá no Colégio Cardeal Leme, né? E recomecei o meu curso científico e lá já estava em plena adolescência. Aí já começa namoros, já começa outra coisa, aí já é outra coisa, né? Já começa uma vida diferente, foi quando eu inclusive criei um jornalzinho. Era um jornalzinho todo manuscrito. O colégio me franqueava o mimeógrafo pra rodar os estênceis, né? Aí todo mundo ... eu vendia esse jornalzinho, eu e mais dois ou três colegas, a gente vendia pra custear o jornalzinho, não é? Fazia anúncio da cantina, fazia esses negócios assim, né? Aí foi uma vida diferente. **Depois** veio o Exército, veio servir o Exército, veio ... Aí o meu irmão conseguiu que eu não servisse na tropa, que eu servisse no Ministério da Guerra, eu não fiquei na tropa, mas também se ficasse na tropa era indiferente, entendeu? Mas aí eu fiquei dois ou três meses na tropa e **depois** fui pra um contingente do Ministério da Guerra. Aí, **depois** do Exército, veio o primeiro emprego que foi numa empresa que está até hoje aí, uma grande empresa, a Companhia Antártica Paulista. Aí foi quando eu comecei a minha vida mesmo, a olhara a vida pelo lado de ganhar dinheiro. Até então eu não sabia o que era ganhar dinheiro e não sabia o que era gastar dinheiro.

(dado 83)**INF.** ...Ele entrava sete e meia, oito horas da manhã e só conseguia sair **depois** de achar aquele monte de diferença e tudo, oito horas da noite.

*Corpus do PEUL*

**Falante: nº 01 (inquérito)**

**Nome: Sam.**

**Idade: 18 anos**

**Escolaridade: 4 anos**

**Bairro: Santa Cruz**

**Profissão: Ajudante de pedreiro**

(dados 1 e 2)F-(inint.) (silêncio) Acho que foi assim- eu me lembro de um dia que eu estava jogando bola na rua, aí, de repente, ela estava no portão dela, sabe? A gente começamos a bater papo, e a gente começamos a se conhecer, começamos a se gostar. Aí, de repente, ela me deu um anel, aí [eu fiquei]- eu fiquei mais pensativo. Foi até num dia de chuva. Aí[**depois** disso]- [surgiu]- surgiu nosso primeiro beijo, e daquele dia em diante a gente começamos a namorar escondido da mãe dela. (gargalhadas) A mãe dela não sabia. (est) Aí **depois** (grito) que a mãe dela soube, aí a mãe dela me chamou no saco, (ruído) conversou muito com minha mãe, aí a mãe dela consentiu nosso namoro. (est) (silêncio)

(dados 3 e 4) F- Sei que a- o pai de santo dela raspou a cabeça dela, aí ela ficou deitada lá um tempo, sabe? Aí **depois** teve a saída, ("aí"), ela saiu lá com umas roupas de santo, assim, **depois** entrou lá para dentro de novo, saiu com umas roupas de santos. Foi assim. (est) e ela tem alguns retratos em casa. (pequeno silêncio)

(dado 5) F- Eu pretendo construir uma casa. Ter, assim, uma coisa que seja nosso. (est) Porque a gente morar, assim, nessas casas- a gente mora, mora, aí **depois**, eles faz o que quer da gente; pega a gente, joga para outro lugar.

(dado 6) F- Aí ela [pegou]- pegou um- [uma colcha]- uma colcha, mas é uma colcha grossa, assim, eu estava com uma

febre, aí ela me deu uns remédio lá, botou um montão de coberta em cima de mim, eu suei a beça, **depois** eu queria tirar a coberta, mas ela não deixava. Foi- acho que ficar é muito ruim. (pequenos barulhos)

(dado 7) I- **Depois** que o- a- o caminhão descarrega a pedra e areia, você tem que ficar guardando também, não é?

(dado 8) F- Parque, aqui em Santa Cruz o parque fica alguns meses, **depois** o parque some, volta de novo. E- E E-É mesmo, é?

(dado 9) F- Acho que ele- primeiro ele começou, assim, [foi]- foi [o]- o cara, sabe? Ele estava perdido, assim, apareceu [uns]- uns homens, aí ele brigou, brigou, aí ele não conseguiu, sabe? Não conseguiu liquidá -los, aí eles bateram nele, bateram, esfaquearam ele, aí **depois** [ele]- ele conheceu um mestre, aí o mestre foi ensinando ele, ensinou tudo a ele, aí ele se tornou [um]- um grande lutador, aí voltou para <vin->- para se vingar, (est) aí se vingou dos caras todos.

(dado 10) F- (hes) Eu acho que eu dou razão a ela, que as coisa está muito cara. (est) A gente arranja muito filho, **depois** (riso) para sustentar ! É muito difícil.

(dado 11) F- Sei que as pessoas dançam, assim, bota aquela roupa toda retalhada, fica uma coisa bonito, sabe? As pessoas fazem aquela roda, **depois** faz aquele montão [de]- de coisas. Uma coisa bonita.

**Falante: N° 02 (inquérito)**

**Nome: CarB.**

**Idade: 16 anos**

**Escolaridade: 4 anos**

**Bairro: Camorim**

**Profissão: Sem profissão**

(dado 12) E- Quer dizer, você acha que a solução naquele momento era Paulo Isidoro!

F- Mas no começo, não é? (est) **Depois** que ele botou, faltavam o quê? Uns cinco minuto para terminar, aí não deu mais tempo.

(dado 13) E- Te chorou [a morte dele?] [Assiste] chorou demais! A todos nós, não é? Inclusive, ele era um melhor jogador.

F- Pois é, não é? **Depois** ficou esquecido, não é? Cá, ficou esquecido e morreu. Melhor que pele? Melhor de que Pelé é, sabe? É o igual o Pelé, sabe?

(dado 14) E- Sei. E **depois**, aí, por que que você parou?

(dado 15) F- Eu parei, ("eu acho-")**depois**, com o tempo, foi assim eu acho que na escola que eu estudava não tinha assim muita o cara ali não tinha muita possibilidade de passar, de ir à frente ali não.

(dado 16) F- Eu senti, eu fiquei muito aflito, sabe? Aí, primeira coisa que eu fiz foi tentar botar a mão [no] no fundo, não é? Aí, **depois** que eu já tinha batido com os peito na areia, que eu fui elevar a mão, aí fui acalmar mais, aí ela me levou até na frente.

(dado 17) E- É pouco tempo mesma. Ham, ham. E, **depois** disso, vocês não trabalhou em nenhum outro lugar não, não é?

**Falante: N° 03 (inquérito)**

**Nome: Jan.**

**Idade: 56 anos**

**Escolaridade: 4 anos**

**Bairro: Estr. Guaratiba**

**Profissão: Pesc/biscat/comerc**

(dado 18) F- Na época era canoa. Só, ainda parece que com ("o") peixe ferrado ainda, (inint) amarrado na borda da canoa. (est) Foi encontrado dias **depois**.

(dado 19) F- {i} É cara do ("negócio- o cara do quartel aí"). {f} E- diz que eu agora eu estou ocupado, **depois** eu vou lá .

(para o entrevistador) É assim, minha vida é essa. Eu estou aqui, (inint) ("eu estou") falando [(inint-)]

(dado 20) F- Bom, [mentira]- mentira, aqui, existe muitas. ("eu")- Muito embora, agora, na hora, me falhe a memória, talvez **depois** ("que") a senhora sair daqui, eu me lembre de alguma dela. (est) Mas, na hora, a pessoa às vezes-

(dado 21) F- Ah, que legal (inint). (est) É, um vez eu comi uma- (hes) umas (hes)- pouquinhas. umas cinco cruas. (est) sabe? (est) mas **depois** levei para casa, cozinhei é aí temperei com vinagrete, [com limão é ("tal")- também muito gostoso.] [Sim, sim, é. é ("timo mesmo").

(dado 22) F- [camarão] Estava - ainda estava molhado d' água salgada. é ela me perguntou tanto ("se") aqueles camarão era fresquinho, ("eu") já estava saturado! (inint) ("não compra mais não.") mas eu tenho muita paciência é tal. Vou levando-felizmente ela pegou o camarão, foi embora- (riso do é) aí -mas **depois** a gente fica só pensando: mas veja só, isso é ser desconfiada demais. (riso do é) É.

F- Esse aqui é a praia lá embaixo. A senhora ainda não foi até lá embaixo, não é?

(dado 23) E- Não, **depois** vou [dar uma voltinha lá.]

(dado 24) F- [É, **depois** vai até] lá, porque é bonito lá. [inint]

(dado 25) F- [Tem, tem.] Eu tirei diversa. Não sou muito bom fotógrafo, mas eu bati alguma fotografia lá. E **depois** eu [(inint)-]

(dado 26) F- Ontem eu fui a Campo Grande fazer uma compra aí, então eu fiquei lá um- eu acho que eu não estava nem com relógio, [não]- não deu para marcar. Mas, no mínimo, uma hora, esperando o “ônibus para vim para aqui. eu vi passar “ônibus de tudo quanto foi vinha. Eu contei mais de oitenta “ônibus, para vim um Barra de Guaratiba. Então, **depois** dessa eu pergunto: vai se botar um abrigo para proteger o passageiro. é o “ônibus? (riso de é)

(dado 27) F- Mas vem um médico aí. Parece que vem de manhã cedo, oito ou nove horas, é dá lá umas consulta é vai embora. **Depois** disso não tem mais. Então o que vale, às vezes, uma pessoa que precisa assim ("de") um medicamento, uma consulta, (est) um médico, veranista, que está por aí, coitado, que então atende.

(dado 28) F- De jeito nenhum! Não acredito mesmo! Então eu botava entre a faca é (hes) a cruz é a espada. Tudo bem, nós vamos dar. Mas se perder, vocês nos pagam. [Queria] ver se eles iam aceitar essa (inint)! (riso de é). Ou então mandava voltar todo mundo de lá para cá . [Não são] patriota! Não pode, amanhã ou **depois**, bater no peito se eu sou brasileiro. de jeito nenhum! (ruído com os lábios é gestos) de jeito nenhum!

**Falante: nº 4 (inquérito)**

**Nome: Lei.**

**Idade: 25 anos**

**Escolaridade: 3 anos**

**Bairro: Horto**

**Profissão: Faxineira**

(dado 29) E- E essas casas são própria?

F- Não, é do jardim. vão passar- diz meu tio que estão com uma proposta para passar para os moradores, não é? Comprar. Se passar, é uma boa, não é? (está) E aí passa a ser nossa. [pode fazer- pode] fazer dois andar, ("se") quiser melhorar, ("a gente") pode fazer. Agora a gente fazer dois andar, melhorar a casa, **depois** chega a repartição e toma, não é? Gasta um dinheiro e não aproveita nada.

(dado 30) E- E pode a família, **depois** que morre o funcionárias, continuar a morar aí?

(dado 31) E- (ruído) está legal. E, me diz uma coisa: você sempre morou aí, Leila?

F- Não. ("primeiramente") eu morei na Rocinha, aí **depois**, minha mãe brigou com o meu pai e tal, ("não briga"), ("a") minha avô: "Não, porque minha filha não está sujeitada a isso, ("ela") <ma-> ela tem mãe, ela pode vir com as duas filha dela para cá que a casa- as porta estão aberta. A casa de para todo mundo.

(dado 32) F- Eu [nasci]- nasci no Miguel (rindo) Couto, aí, **depois** do Miguel Couto, fui para Ro0cinha. ("quer dizer"),



minha família toda morava lá .

(dado 33) F- Ah, é! Eu não- **depois** que teve essa briga com a minha mãe e meu pai, eu, sei lá , eu tomei pavor do lugar, eu [não]- não gosto nem de ir lá . Para ir visitar meus parente por parte de pai, eu não gosto nem de ir lá .

(dado 34) (CONTINUAÇÃO DA CONVERSA ACIMA) Minha irmã tem vinte e quatro ano, mas ela não esquenta a cabeça com nada não. Mas eu, sei lá , eu- até no estudo mesmo, **depois** que a minha mãe e meu pai brigou, para mim-sabe? Por isso que eu fiz só é até o terceiro ano e não quis mais saber de estudo.

(dado 35) F- **Depois** amasso tudo, junto tudo e faço recheio de camarão ou de galinha, **depois** boto nas forminha, (pausa prolongada) boto para assar e pronto-

(dado 36) F- Quer dizer, conforme fosse, criança- quando a gente sai lá em- na minha casa, as criança fica jogando muita bola, não é? ... vezes cai bola lá ,eles pula o muro, apanha bola, aí **depois** pula de novo para lá. Quer dizer, o muro foi-[o]- o muro foi ficando mole, não é? (está) aí, com esse negócio de chuva e tudo, quando molha ele caiu.

(dado 37) F- (está) quer dizer, essa ( não está nua, não é? Não- está vestida. ("que eles") me chamaram para mim sair em frente ... bateria. ("eu") falei assim: "Ah, não!" Que a fantasia ("da frente") da bateria era completamente nua. Eu falei assim: "Ah, não! Uma: eu não vou sair assim porque uma: tenho que dar ao respeito aos meus filho. Outra: o meu marido, também não vai deixarei sair assim", que eu acho que **depois** que [a]- (hes) a mulher tem um marido, (hes) que se casa, ou que arruma um rapaz, sei lá , ela tem que dar o respeito, não é? (est) aí, eu falei não. [aí-]

(dado 38) F- (silêncio) Para sair tem que esperar os carro primeiro sair, para **depois** a gente sair, não pode ficar no portão- porque se chegar no portão um pouco, está arriscado a morrer atropelado (inint) no portão da casa! Sabe?

(dado 39) F- Ah! Eu adorei! [eu]- eu não pude ver esse jogo, eu não sei onde eu estava que eu pude ver o jogo. Eu tinha ido ("um") lugar e (hes) não sei se fui visitar minha mãe. Eu não pude ver o jogo. Eu não sei onde foi que eu estava. E- E **depois** assim do Flamengo, qual é um bom time?

(dado 40) F- Não, não vi. Não vi, porque a televisão lá da minha casa estava no conserto e não deu para mim ver, sabe? Aí, ("**depois**"), quando ela veio, ela já estava pegando no meio, eu falei assim: "Ah! Não quero- não vou ver mais não, ("aí")...

(dado 41) F- Ah! Não sei. Eu não sei muito, porque [eu não]- eu não peguei a novela logo assim nos primeiro capítulo, sabe? ("logo assim, eu") fiquei mais ou menos uma semana [sem]- sem estar vendo ela. **Depois** de uma semana que eu vi. Comecei a <pas->- (inint.) passei a ver.

(dado 42) F- Quer dizer, é por isso que ela ainda agüenta ele assim. porque ("ela já disse que") se tivesse o pai dela, a mãe dela viva ou a avô dela mesmo viva, ela não aguentava mais isso não. Eu falei assim: "eu também não agüentava não, Maria." Porque eu já passei muito- já passei um <suf->- já passei muito aperto também, já passei um sufoco danado, sabe? então, é por isso que eu sou assim, sabe? eu não- a começar pela vida da minha mãe, **depois** eu também eu arrumei um rapaz que ele não queria nada, sabe? só queria me explorar, me explorar, explorar eu e minha mãe, sabe? aí, eu... [(inint)]

**Falante: N° 05 (inquérito)**

**Nome: Sue.**

**Idade: 24 anos**

**Escolaridade: 4 anos**

**Bairro: Botafogo**

**Profissão: Aux. escritório**

(dado 43) E- E logo- aí **depois** quando você saiu de lá , você foi trabalhar aonde?

(dado 44) F- Fui trabalhar numa loja, em campo grande: (inint): Assim tipo loja americana, sabe? Aí trabalhei na americana **depois**. Trabalhei em vários ramos de serviço. (pigarro)

(dado 45) F- Aí **depois** disso tudo eu mudei e fui trabalhar nessa casa, aí dessa casa eu sai e vim morar com minha irmã que morava em Madureira, aí fiquei morando em Madureira, trabalhando em campo grande, levantando quatro hora da

manhã. Aí era dose. Aí minha irmã se mudou aqui para o Méier; aí daqui do Méier foi onde eu fiquei, sabe?

(dado 46) F- Não é aquela cidade assim, sabe? Mas progrediu muito. Sabe? Pelo que ela era, não é? Agora é uma cidade. (hes) [Se]- se eu não me engano está em segundo lugar em comércio, **depois** de Madureira, assim, contando para o lado do subúrbio, não é? É uma cidadezinha sim. (hes) Progrediu muito em termo de comércio, de- sabe? De tudo.

(dado 47) I- Acho que você vai gostar de ler. **Depois** eu te dou- (est)

(dado 48) F- Ai! Acredito, mas, sabe? Lá eles lá e eu aqui. (est) (hes) Eu já fui crente também, mas por influência dos outros. Minha tia era crente. Então como eu era dependente dela, não é? Tudo que ela- eu era criança, não é? tudo que ela tinha que fazer eu também tinha por ser criança. Então eu fui para igreja. [aí]- aí me converti lá , me batizei, sabe? Aí **depois** sai! (pigarro)

**Falante: N° 06 (inquérito)**

**Nome: Jup**

**Idade: 18 anos**

**Escolaridade: 4 anos**

**Bairro: Vila Isabel**

**Profissão: Sem profissão**

(dado 49) F- Ela estava passando da hora de nascer e tudo, aí, eles <tiv...> ela ("precisou") ("nasceu") chorando, eles saíram com ela para lá , agarrado com ela ("lá") para lá. Aí eu só vi cabelo. Aí eu perguntei ("ele") que que foi, ("acho") que ele nem viu, ele diz que foi um menino. A enfermeira que levou ela, **depois** voltou, <"fo-"> foi ("a") menina. (ruído) Mas ele não viu que era menina, não é, eu ri, mas ri sem graça. ("aí ele pegou") Ele me perguntou, aí eu expliquei para ele que eu queria um menino homem. (está) Mas veio uma menina, não posso fazer nada.

(dado 50) F- Ontem mesmo a gente apanhamos. (criança continua gritando) Aí agora apanha amanhã. Aí passa quinta, aí (f) apanha sexta. Aí passa sábado, domingo, aí apanha só segunda-feira. (balbucio) Mas agora está melhor. Porque de primeiro (f) era uma falta d'água que a gente tinha que apanhar lá em baixo. Tinha que (ruído) descer com lata, subir com lata, pegar bacia de roupa e descer, lavar lá em (est) baixo. **Depois** subir de novo com a bacia. Chega em casa, (hes) acabava de estender a roupa, descia de ("novo") apanhar água. (ruído) Mas agora é melhor, que a gente pode lavar ("roupa") em casa, não precisa descer para apanhar água. Agora está tudo melhor.

(dado 51) F- Eu boto a água para ferver, (balbucio) aí cato o arroz, aí vou, lavo. Aí boto alho na panela com a banha, aí deixo o alho corar, aí jogo o arroz dentro, aí espero refogar. Tem que botar sal. mexe, aí **depois** boto água, aí deixo (rindo) cozinhar mas (f) não me agrada fazer comida, não!. Não (grito) gosto.

(dado 52) F- Não, (est) tirei nada ainda. Porque eu sou de menor. Vou tirar agora (inint) menor. Aí **depois** tem que tirar tudo (voz) de novo como de maior, aí, não é, atrasa demais.

(dado 53) F- Mas isso eu acho que não vai ser possível, sabe? Porque morar no morro para ser médico vai ser difícil. Porque a gente vai para escola (inint) que nem eu. Eu ia para escola, estudava, adorava. No dia que a minha mãe falava: "não vai para escola!" Eu chorava. Aí **depois** cheguei (pedaço da fita estragada) de uma vez. Não estudei, não cheguei estudar não! Saí!

(dado 54) F- Ele é balconista, mas agora ele não está trabalhando. Ele está trabalhando ("como um") assim, serviço, assim, que vai hoje, aí amanhã não vai. Vai **depois**. É autônomo, sabe? (est) Ele está assim como autônomo agora. Porque o [a] a profissão dele é balconista. Mas agora ele não está trabalhando como balconista.

(dado 55) F- Só pensar em subir esses degrau todo. Ah! Não, não vou! Fico em casa, mas não vou na rua. Quando tem que fazer compra, a Luiza vai. Ele vai também. Mas eu não vou, não! Não vou. Eu falo que não vou e não vou mesmo. Não vou não. Tenho preguiça. Desce com a Cíntia, **depois** sobe com a Cíntia. Não vou, não. Prefiro ficar em casa. Mas não vou.

(dado 56) E- Você tem alguma superstição, assim? [acredita em] alguma coisa? É por exemplo: passar em baixo de escada. Você acha que a pessoa não cresce **depois**?

(dado 57 e 58) F- Gostava demais quando era solteira. Todo domingo eu ia. Mas, agora, tem tanto tempo que eu não vou na praia. Tem quase uns quatro ano que eu não sei que que é a praia. (est) Acho que o dia que eu chegar perto d'água, eu corro da água de medo. ("vou ver") Tanta água que eu vou correr. (riso e) Tem muitos ano que eu não vou na praia. Desde quando a minha mãe morreu que eu parei de ir mesmo. Que eu saía muito com a minha mãe. **Depois** que eu quase fui agarrada, aí eu só saía com a minha mãe. Se minha mãe falava assim: "vamos no baile!" Eu ia com ela. Quietinha com a minha mãe. "Vamos embora!" Eu vinha embora com a minha mãe. Mas **depois** que ela morreu eu desanimei, também, de tudo, sabe? Não vou mais para lugar nenhum. Aí não saio mais, assim, para praia, baile, samba.

(dado 59) F- Nunca brigaram, nunca se aborreceram. Às vezes que ela falava um pouco mais alto do que ele, ele saía fora. Porque ele meu pai não gosta de briga. Ele corre de briga. Ele saía fora, deixava ela falando sozinho. **Depois** ele voltava, ela já estava dormindo, aí, ficava tudo calma de novo. Mas eles se davam demais. Nunca tinha aborrecimento.

(dado 60) F- Quando eu fiz assim, (gesticula como quem tira o anel) veio a pele toda na minha mão. (grito de criança) Aquilo pronto, aquilo danei gritar, gritar, gritar, por fim eu perdi eu perdi o sentido, aí não vi mais nada. Aí, (hes) **depois** que eu acordei, que aí já estava aqui em casa na minha casa, não é, a ("gente") estava (hes) lerda, não sabia nem o que tinha acontecido. Aí meu pai começou me explicar, explicar. Aí pronto, aí ficou, ficou, ficou um tempão.

(dados 61 e 62) (CONTINUAÇÃO DA NARRATIVA ACIMA) Meu pai me agarrou, assim. Tinha (balbucio) que me levar para o pronto socorro para tomar injeção para mim dormir. Aí, pronto: fiquei dormindo, ele subiu, foi ver minha mãe, **depois** me trouxe para casa. Aí, **depois** passou, eu não fui ("mais") ver ela. Porque eu não (hes) sabia me controlar, eu não podia ir ver.

(dados 63) F- Tem hora para mim é, até, é uma boa. (riso i) Tem hora que eu fico sozinha (hes). Tão legal! Arrumo casa num instante. Agora com ela, ela, tem hora que chora, eu prendo ela no berço. Ela ("fica aí-") agora está ficando em pé sozinha, ela cai e chora à beça. Daqui a pouco está brincando, **depois** cai de novo. Mas quando ela some eu dou graças a Deus, tem hora.

(dados 64, 65 e 66) F- Os irmão são bonzinho. Eu aprecio os irmãos orar, à beça! Ih! que às vezes eu penso, assim, em ser crente, mas às vezes eu fico pensando: (riso e) eu vou para igreja. Tudo bem! Subo, vou lá para igreja, aí, chega lá eles começa: "levanta a mão, Jupira, que Jesus vai te libertar, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê!" Aí, eu vou <pom> boto a mão. (criança choraminga) Muito bem! Levantei a (a chamam) levantei a mão,(voz) aí, **depois** eles vão começar as proibição. "Ah, não pode botar roupa curta, não pode usar short, não pode usar camiseta, não pode usar bijuteria, não pode botar henê no cabelo; não pode fazer nada!" Aí, está. A gente vai, fica pensando naquilo. "Meu Deus, eu vou botar-vou entrar. Vou levantar, vou dar meu coração para Cristo, para Deus, como eles fala que eles tem poder de Jesus, não sei o quê, não sei o quê!" (vozes) A gente vai, levanta a mão, aí, tudo bem! **Depois** eu viro as costa dele, aí, começo fazer bobagem, fazer coisa errada, não é? Não vai agradar mesmo. (hes) Eu vou lá, levanto a mão, boto tiro os anel, tiro as pulseira, tiro tudo; aí, chega em casa eu boto tudinho de novo. (hes) Isso não vai adiantar, não é? Principalmente que eles fala que a gente tem que passar na água de Cristo, Espírito Santo, não sei o quê, não sei o quê. Eu vou passar, **depois** vou sair mesmo. Aí, então, eu prefiro não seguir. Mas eu aprecio, à beça, eles orando aí, falando os negócio de Deus aí. (filha choraminga) Eu aprecio, gosto à beça. (f)

(dados 67) F- Então preferia ficar no morro, aqui em cima na minha casa (ruído) mesmo. Nada dado, se presidente, aí, der eu não quero nada dele de graça. Porque eles são muito esquisito. Eles dão as coisa para gente, **depois**, pode, até, expulsar a gente; a gente não ter para onde ir. Não, prefiro ficar na minha mesmo.

(dados 68, 68, 69 e 70) F- [Aí, eu quero.] Aí, eu quero. Aí, se for assim: ("é") seu, está no seu nome." Vier mostrar os papel: "está tudo no seu nome!" Aí, eu vou. Que aí, eu já estou tranqüila, eu sei que é meu, ninguém vai me tirar mesmo; aí, eu vou. Agora, eu ir para o lugar dos outros, chegar lá, eles me expulsar **depois**, lá. E **depois**, para onde eu vou? **Depois** eu estrago a minha casinha, e **depois** vou para onde? Não, ("eu") fico aqui mesmo não vou, não!

**Falante: N° 07 (inquérito)**

**Nome: Edu.**

**Idade: 41 anos**

**Escolaridade: 4 anos**

**Bairro: Magalhães Bastos**

**Profissão: Mecânico**

(dado 71) F- " Eu digo: "tudo bem!" Aí fomos, vimos a oficina, coisa e tal, e fizemos negócio- é onde eu estou até hoje, certo? Já estou há quatorze ano em del Castilho, (est) certo? Começamos como empregado, quer dizer, como empregado, vim de empregado, passamos a sócio, **depois** entrou um outro sócio, que é o chagas que também já trabalhava junto, lá em <de->- l em (falta na cópia) engenho de dentro,(f) então, nós três junto, estamos até hoje, quatorze ano, certo?

(dado 72) E- E como é que faz, assim, o motorista sai, [**depois** ("vai")-]

(dado 73) F- [É, não] tem dinheiro, está ruim, "**depois** eu pago", esquece e nesse ínterim morre um parente e a mulher fica doente, nasceu mais um filho e coisa e tal, a sogra ("e é") aqueles probleminha que você sabe, época de carnaval, natal, ano novo, despesa, tem que pagar isso, pagar aquilo ("e") esquece que está devendo. (pessoas conversando longe) A verdade é essa. Certo?

(dado 74) F- Ah! Uma ocasião, por exemplo, o carro da minha senhora, o é tem, quarenta e nove, trinta e sete -- era um tl -- foi roubado. Foi roubado e ficou três dia desaparecido. (est) é, **depois** esse carro apareceu, aqui, numa delegacia aqui ("em")- é, como é o nome ali? Senador Camará não é. É no bairro do Jabour. Bairro do Jabour.

(dado 75) F- Não, demorar sempre demora, porque você vai numa clínica particular e demora, por exemplo, a semana passada levei dois filhos para operar e tive que esperar e estava pagando, certo? então, isso é ("o") normal. esperar tem que esperar. (pessoas conversando longe) tem uma pessoa na frente, você tem que esperar. Vocês chega num bar, ("vai") tomar uma coca-cola, tem uma pessoa na só a frente e o dono do botequim é um só, ele está servindo uma coca-cola, ele tem que servir aquela para **depois** servir a só a, certo? tudo bem, sim senhor. (est)

(dado 76) E- Casamento é muito bom, agora. O casamento é o seguinte: o casamento, muita gente se ilude com o casamento. Casamento não é só os primeiros dia, lua de mel, ("todo mundo fala:") lua-de-mel! uma maravilha a lua-de-mel. Não tem coisa melhor do que a lua-de-mel, mas **depois** vem a lua-de-fel, que é realmente a lua-de-mel, é: aturar os parente, que é a mãe da moça, o pai da moça, a moça a mesma coisa, os parentes- aí vem os filho, aturar isso, aquilo <papap bababa...>, é isso aí- é o barato do casamento é isso aí, certo?

(dados 77 e 78) F- Lanterninha do cinema, <pa...>, estava crescendo, namoradinha, aquele negócio todo, lanterninha. a vaga da minha garota já tinha, certo? ("Está ")! (riso e) ("isso aqui") não ("meu irmão"), não senta não que está ocupado." Eu era o lanterninha, a; **depois**: ("não"), esse cara é muito esperto, vamos botar ele de porteiro." (est) passei para porteiro. De porteiro ("eu") fui até bilheteiro, certo? No cinema eu vim lá de baixo e fui até em cima. Então, nessa época era o padre Ferrari, gostava muito, muito meu amigo, então, fiquei uma porção de ano. **Depois**, ("houve") uma política na igreja, <p >, o padre ferrari foi embora, motivos aí que houve, umas briga, umas confusões, que eu não quero esquentar a cabeça com isso, que isso não interessa a gente no momento, então, mas eu continuei na igreja- sou de ("Magalhães") ("eu") vou continuar na igreja de Magalhães.

(dado 79) F- Olha, o meu irmão, desde garotinho, ele sempre, lá no quarto dele, ele gostava de brincar de altar, botava o santinho, fazia altar, (inint) ele sempre gostou de negócio de igreja. E "vou ser padre, vou ser padre." o meu pai até [no]- no início não queria, mas **depois** viu que ele queria e não teve jeito e tudo bem, e hoje o meu pai está satisfeito com o meu irmão, porque realmente é um bom padre e tudo bem. [(inint)-]

(dado 80) F- Então, quando a minha irmã fizer, que ela (moto) vai fazer agora vinte e cinco ano de casada, eu faço vinte e cinco ano de oficina, certo? Então ("a") minha irmã era normalista. Então, mal ela se (f) formou meu pai disse: "ó, só vai casar **depois** que se formar." então, a minha irmã se formou professora, tanto que ela vai agora, (moto) j vai requerer aposentadoria, porque está na hora, não é? O marido dela já se aposentou, então ela agora vai se aposentar.

(dado 81) F- É o churrasco gaúcho, é. Porque a carne com um certo tempero, ela fica enjoativa, então você assa a carne só no sal e prepara o molho à parte: (moto) cebola, tomate picadinho, alho, vinagre, azeite, certo? Sal, mais um pouquinho, uma pimentazinha de leve; então **depois** a pessoa que gosta bota no prato, (est) à parte. uma farofa! Isso é que é o churrasco ao molho-...

(dado 82) F- Então, eu fico em casa, eu tenho que fritar um ovo, eu tenho que fazer um cachorro quente, cachorro quente também é fácil de fazer: você pega salsicha ou lingüiça, se for lingüiça você tem que escaldar a lingüiça, escalda, tira, ("vai") tirar um pouquinho do sal, (est) faz aquele tempero, um molho de tomate, cebola, pimentão, ("aquilo") que a pessoa gosta, **depois** corta um pãozinho ao meio, bota lingüiça, bota um queijinho parmesão dentro, (risos) uma maionese, (f) certo? É

isso aí. É um cachorro quente. ("Quer dizer que") eu estou inteirado nesse assunto, não é?

(dado 83) F- [Que, assalto] que eu considero é a pessoa chegar e render, isso é o assalto; agora, roubo, eu já tive, inclusive na minha casa. pularam o muro, levaram as samambaia da minha senhora, certo? Isso aí, de vez em quando tem. Um bujão de gás, inclusive carro. Aqui na minha rua já sumiu carro e **depois** apareceu sem o motor. ("isso acontece").

(dado 84) I- [Ano Novo?] (parece que e também fala) ano novo também foi maravilhoso. Fui para Sepetiba, rompi na beira da praia com a minha família, **depois** tomamos aquela champanhe, salgadinho; (est) ficamos lá curtindo, jogando cartas, brincando, correndo, pulando, cantando; contei muita piada, porque sabe que eu sou o rei das piada, não é?

(dado 85) F- Se a menina for e o cara não for, acontece a mesma coisa. Então é isso aí que está pegando, entendeu? Porque enquanto é garrotilho que o pai pode: "vai lá," coisa e tal, a gente ainda controla, mas **depois** numa certa idade, você não consegue mais segurar o filho dentro de casa, certo?

(dado 86) F- Não, não procuravam, é que antigamente, no meu tempo, a criança era muito presa. eu, por exemplo, até dezessete, dezoito ano, meu pai dizia: "ó, dez hora tem que estar em casa." Hoje em dia uma criança com dezessete dezoito ano nem ("vem") para casa. Fica na praia, ou ficou na casa do primo, ficou na casa não sei de quem ("e") não vem para casa. então, essa liberdade é que afasta da igreja. Que antigamente a gente tinha que ir para igreja, ficava até oito hora, <babab >, e **depois** vinha para casa. Mas agora com essa liberdade de poder ficar a noite toda, então, não vai para igreja, vai para outros lados, certo?

(dado 87) F- Não, não houve nada que era um barranco logo próximo, então deu só aquele impacto e tudo bem. Não deu nada, tudo bem, **depois** saímos dali, chegamos no quartel todo mundo frio. Sargento passou um pouquinho mal, mas **depois** ficou bom.

(dados 88, 89 e 90) F- ("O") meu pai. então ele foi trabalhar, é, vendendo jornal nos trem, lá em São Paulo, junto com uns italianos. E **depois** então o meu pai começou aprender a profissão de trabalhar em obra, pedreiro. Começou como servente, **depois** passou a pedreiro, então **depois** ele veio aqui para o Rio de Janeiro e já trabalhava de pedreiro, já era um- praticamente um oficial de pedreiro, certo? Então, ele veio trabalhar na estrada de ferro central do Brasil.

(dados 91 e 92) (CONTINUAÇÃO DA CONVERSA ACIMA) (est) Então, teve a oportunidade de conhecer o meu pai e daí casaram, aí veio a minha irmã, **depois** veio mais dois irmãos meus que morreram, **depois**, vim eu que sou de sete meses, por incrível que pareça, eu sou de sete meses e estou aqui, escapei.

(dado 93) F- [Não, ele] voltou a Portugal. Em cinqüenta e oito, por exemplo, ele fez uma avenida de casa aqui (inint) Magalhães Bastos mesmo, ele tem uma avenida de casas, ele mora na frente e tem sete casa nos fundo e em cinqüenta e oito ele foi a Portugal, meu pai, foi construir um prédio lá para o ex-patrão dele que já faleceu, certo? **Depois** então meu pai deixou ("de") trabalhar e mora aqui em Magalhães mesmo, vive de rendimentozinho ali das casinhas que ele tem, e tudo bem. [vai tocando o barco.] [você não sente curiosidade]-! Curiosidade em conhecer a terra?

(dado 94) F- Os poste da rua eram de madeira. Então você vê que Magalhães Bastos [é]- é um bairro novo. Agora, (hes) que essa parte é mais nova, <e->- ela tem razão, porque a outra parte lá em cima, onde tem a igreja, é a mais velha. As casa mais antiga, **depois** é que formaram lotes aqui e expandiu um pouco mais para cá, certo? Agora, não expandiu mais, devido os quartéis, não é?

**Falante: N° 08 (inquérito)**

**Nome: Lui.**

Idade: 57 anos

**Escolaridade: 4 anos**

**Bairro: Madureira**

**Profissão: Torneiro mecânico**

(dado 95) F- [**Depois**] Que inventaram essas fitas, (está) a maior parte [da]- [da]- das festa, (ruído) dada em- ("dada") com essas fita não - os músicos, geralmente, morre de fome. (est) Até os compositores, geralmente morre [na]- (vozes) na miséria.

(dados 96 e 97) F- [Agora] ("Tem, mas") Eu fui antes de a- de [que]- que não tinha aquela passarela. (est) Só tinha

mesmo a igreja, **depois** que... A segunda vez já tinha feito aquela passarela, então, eu andei naquela passarela todinha para ir até a igreja antiga que é no morro. (está) Agora está muito melhor. (está) Agora, **depois** que o Papa esteve lá, que ainda não fui ("a") Aparecida. Que ele... não sei se eles calcaram aquele estacionamento, não sei se já calcaram aquilo. Quer dizer que não... (est) Ainda não fui.

(dado 98) F- Que, quando nós éramos garotos, (est) há muitos ano, não é? Não tinha- a igreja não divulgava a Bíblia. (est) Eu acho que eles tinham medo era do católico passar para o protestante, (est) então eles não divulgavam a Bíblia. (est) ("Mas") **Depois** que veio aquele Papa ("ai"), eu esqueço o nome dele, que quis unir as religiões... (ruído)

(dados 99, 100 e 101) F- Porque pouca gente vai à igreja, não é? (est) Eu, mesmo, fui um. Eu fui criado na igreja. (est) Fui coroinha, não é? (est) **Depois** de uma certa idade,[eu]- eu <f->- larguei. Fui congregado Mariano- (está) **depois**, passei mais [de]- de- mais de dez ano sem ir à igreja. (est) **Depois**, ("eu") voltei a- a praticar (est) fiz encontro de casais, (est) já tem <("qua")- tem mais de quatro anos. (est) E, ("agora"), então ("eu")continuei (ruído) indo à igreja. Mas fiquei muito tempo, sem ir à missa. A patroa não.

(dados 102 e 103) F- Se eu sentar, eu durmo. (está) (ruído) (inint) Então, para mim era um... era ruim mesmo. Agora, eu estou melhor, já ... ("Ainda [não]- não estou com alta,") não. (est) Ainda tem que fazer outro exame... dia dez fazer outro exame de sangue... mesmo **depois** que tiver esse exame, tiver normal, (est) ("se eu") quiser trabalhar no pesado, por exemplo, se eu trabalhasse no pesado, só **depois** de três meses que podia pegar um servido normal. (est)

(dado 104) F- [eu]- Eu agora, como (hes) me aposentei- (hes) (est) Eu trabalhei de torneiro mecânico, trinta e oito anos. (est) Que eu (hes)[Ra]- me aposentei, ainda trabalhei três ano **depois**. (est) Ai ("eu") digo: "[não]- Não, não tenho mais paciência, não." (est) (sino da igreja) Que torneiro mecânico, é profissão muito ...e... puxa muito [pela]- pela as vista, pela paciência...

(dado 105) F- E nas fábricas grandes é tudo eletrônico. (est) ("es") Tem uns tornos ("do revólver"). Isso nunca trabalhei, não. (est) A pessoa (inint), uma pessoa só para montar [o]- a máquina. (est) **Depois** que ele montar ("tem") ficar lá [o]...o torneiro só para, praticamente, tomar conta.(inint) ("daqui a-") Qualquer defeito que der na ferramenta, eles desliga o automático. (est) Isso é ("feito") de computador, não é?

**Falante: N° 10 (inquérito)**

**Nome: Joa.**

**Idade: 27 anos**

**Escolaridade: 4 anos**

**Bairro: São Conrado**

**Profissão: Vendedora**

(dado 106) F- Ai eu me desquitei. Ai fiquei com ela na casa- voltei para a casa do meus (est)pais, não é? fiquei com ela, na casa do meus pais, trabalhando, fiquei o quê? Fiquei- eu fiquei (hes) oito para nove anos sozinha, trabalhando, cuidando dela. E, ai, eu fiquei agora **depois**, h uns cinco anos, seis anos atrás s, eu conheci esse rapaz!- não, já conhecia ele bastante (rindo) tempo, não é? (f) (est) Ai nós começamos [a]- a gostar um do outro e a; nós topamos a morar junto, não é?

(dado 107) F- É! Eu compraria- ("no") primeiro, compraria uma casa enorme. uma casa grandona, com piscina, sabe? que eu só gosto muito [de]- de uma casa bonita, sabe? (est)primeira coisa que eu faria, sabe? Era comprar uma casa bonita mesmo, com jardim- começo a sonhar (hes) [essas]- essas casa de novela! (risos) (est) e **depois**, não é? Um carro, um necessário rio (ruído) e eu faria milhões de coisa: me vestia bem, comia bem, (est) fazia tudo do bom e do melhor.

(dado 108) E- Que ótimo saber que só a mãe é costureira! estou atrás [de uma, **depois** eu quero o endereço dela.] (risos)

(dado 109) F- É, ai tem que puxar o- (hes) cortar o pescoço, tirar o sangue, ai **depois** que a gente tempera o sangue da galinha no- (pergunta a tia) -- quando a galinha está cozida, não é?

(dado 110) I- [(inint)] No molho, (est) ai **depois** vai para o...

(dado 111) F- É. Senão talha! (est) Ai, **depois** que ele está - a galinha [está cozida,] é que vocês prepara [um]- um coentro,joga [o]- o- a- (inint) cozido.]

(dado 112) F- É. Todo dia, à onze hora, chega um moça aí com marmitas para a gente fazer de obra- (pausa) de obras, sabe? Daqui. Eles vêm [com a]- com a marmita e aí a gente faz. Deixa (est) a marmita aí, **depois** eles vêm buscar!

(dado 113) F- Meu marido as troncos e barranco ainda fez esse pedacinho aqui, (est) sabe? desse jeito que você está vendo, aí subi tijolo a tijolo. Aí fez uma berosquinha de nada! (est) berosquinha de nada, aí nós começamos vender o salgado, começamos vender o- de tudo nós tínhamos um pouco! (est) Encontramos, também, muito apoio nos vendedores, muita confiança, sabe? Nos vendedores, (est) então eles [nos fornecia]- (hes) nos fornecia aquela mercadoria para a gente poder pagar como pudesse. E assim nós fomos sabe? (aspira) Uma crise ali, uma crise aqui, (est) deve ali, paga **depois** e assim nós fomos. Seguindo, seguindo, seguindo, minha filha, eu sei que cai ali, levanta daqui; cai ali, levanta daqui, às <ve...>- muita das vezes ele tinha que trabalhar, de dia, aqui, e, de noite, enfrentar [um]- um salão de bar, para ser garçom, para ganhar dinheiro de noite para investir aqui de dia- (est) aí eu não podia fazer nada, porque- eu, única coisa que eu fazia, aqui era a comida para ele vender lá em cima, (est) o salgado.

**Falante: N° 12 (inquérito)**

**Nome: Nil.**

**Idade: 46 anos**

**Escolaridade: 4 anos**

**Bairro: Paquetá**

**Profissão: Vendedor ambulante**

(dados 114 e 115) F- A Nívea Maria, não é? (est) Ela que foi a moreninha. Aí, teve aquelas cenas todas, não é? de uma novela, **depois** sai o ... aquele escurinho, ... escurinho, eu não sei qual o nome dele não!... Grita: "Carolina! Carolina! Carolina! O sorvete está pronto!" (risos) Aí, nisso, ela sai correndo; o Otávio fica [na]- na pedra, não é? Nisso, ela desce, aí o Tobias (est) foi mordido pela cobra, naquela árvore que tem em cima da escada. Aí, foi aquele acesso: corre para lá, corre para cá. Aí, eles filmaram lá ("de") cima do morro... bastante em cima do morro, filmaram ali na praia, filmaram aquilo tudo ali, não é? Dali estão, terminaram e foram fazer a refeições dele, não é? Almoçarem, **depois** vieram aqui para trás da moreninha, que essa tal casa que fizeram a filmagem. (est) (ruído) Ali nós não podemos... não podíamos entrar, porque era um portão enorme, era só mesmo para pessoal da globo, não é?

(dado 116) (F- É. Ela não pôde continuar assim, não é? Então, ela tirou licença de três meses para continuar [a]- a operação, não é? Aí, ela trabalhava na Capemi, mas, ela teve que sair também da Capemi, porque não pôde trabalhar. (latidos) ("**depois**") De três meses não podia fazer movimento, não podia pentear cabelo, essas coisas toda.

(dado 117) F- Ela tem vergonha de sair por aí, não é? (est)Então, eu que vendo. (f) (risos)[esses charreteiros] todinho compraram em mim. Tem um que compraram duas, três, quatro...Eu também, lá, comprei seis para meus filho, não é? A gente dá a parte ("e **depois**") dia que vim, gente dá o restante, sabe? Para poder apanhar a mercadoria, mas... mas, são muito bacanas, tem aqueles desenhos muito bacana, sabe? É [uma]- [uma]- [uma]... como é que se diz?...Uma meia, (est) grossas, boa mesmo, não é?

(dado 118) F- Bota de molho, minha filha, de um dia para o outro! [A gente põe] de molho, vai tirando aquela água, (est) tira... antes você dormir, você vai tirando aquela água. No outro dia seguinte, você tira aquela água bem e não precisa ferver não. Aí você vai <co->- tirando aquela espinha do meio, (est) não é? Aí você bate aquele creme, põe farinha de trigo, não é? Com ovo, essas coisa, para fazer aquele creme, não é? Aí, você ("**depois**") mistura tudo no liquidificador, (hes) [mistura tudo.]

(dado 119) F-[Ah!] Eu fico, aí, **depois** que morrer fica com tudo para eles, não é? Cada um tira um- tem o seu pedacinho, não é? Para não brigarem. É isso que eu desejo muito para meus filhos, sabe? [Ter]- ter boas coisa para eles, não precisar de ninguém, precisar de amigos nenhum.

(dado 120) F- Não, sozinho! (est) (silêncio breve)Ele foi para lá! Aí, ele sempre... minha tia.. Mandava recado pela minha tia para minha mãe ir lá se encontrar com ele. Ele ia para casa da minha tia com minha mãe. Ele gostava da minha mãe, sabe? Gostava mesmo, da minha mãe. Mas, por causa do problema da minha família, que não quis, não é? Que ela vivesse com ele assim, separaram um para cada lado. **Depois**, minha mãe me teve, com vinte dias de nascido. Então ele tinha um colega aqui em Paquetá, que era colega de serviço com ele, esse tal de seu Rapuano.

(dado 121) F- Aí, ele vinha, mandava o empregado seu Rapuano me entregar! Entregar na casa [da]... da- do meus avós, que minha mãe morava com meus avós, não é? Entregava, chamava sempre... eu estava ali sempre com meu tio, não é?

(ruído)Entregava a meu tio. **Depois** de muitos ano, ele sumiu. Aí, eu fiquei noiva. (est) Fiquei [noiva-]

(dado 122) F- Bom, ela gostava! Esse meu padrasto (est) é um carrasco! Maltratou muito a minha mãe e maltratava a mim. Ele me dava surra de cabo de vassoura, de vara, (est) de fio. Olha, tinha dia de eu me- ninguém conhecer minha cor! Era sangue pisado- olha, (hes) ele abortou dois filho da minha mãe, (est) jogando assim contra o tanque. (est) Nasceu um botando sangue pêlos olhos, (est) **depois** nasceu outro pondo sangue pela boca. Então eu... ninguém nunca quis dar parte dele, por causa da minha mãe, sabe? Com pena da minha mãe.

**Falante: N° 13. (inquérito)**

**Nome: Man.**

**Idade: 59 anos**

**Escolaridade: 5 anos**

**Bairro: Maria da Graça**

**Profissão: Treinador de futebol / aposentado**

(dado 123) F- Mas, então, ele me indicou [e eu]- e eu fiquei como treinador: (hes) os <di--> a diretoria aprovou e eu fiquei como treinador. mas a- logo, assim, a um mês **depois**, o clube recebeu [uma]- uma proposta para excursionar, para ir à Europa, não é?

(dado 124) F- Não precisa nada: o negócio era tanto, que eu ganhava um conto, por mês! Fui vendido por duzentos- (est) então vocês ver não é? É o que tinha valor, não é? Fiquei lá! Tinha casado, na época, já, já com meus vinte e -- casei novo, também, vinte e um ou vinte e dois ano -- casei, fui morar em São Paulo. Fiquei lá três ano! **Depois** votei ao Botafogo, do Botafogo, fui ao Flamengo, do Flamengo, fui para Recife, do Recife, eu (hes) votei (inint), aí vim para a Portuguesa, da portuguesa ainda fui a São Paulo, jogar lá num clube lá no ("hora extra"), aí votei e encerrei minha carreira no São Cristóvão mesmo, aonde eu iniciei.

(dado 125) F- "Que mato lo rubio", que era eu, entendeu? "Que mato lo rubio! Que mato lo rubio!" E eu estou pensando lá: será que o rubio devia ser [todos]- todos nós, entendeu? ("Mas") **depois** que eu vim saber que era eu, o negócio era comigo mesmo! (inint), Um jogo do guerra mesmo.

(dados 126 e 127) (CONTINUAÇÃO DA CONVERSA ACIMA) Eu ia no vestiário do adversário. Eu ia! Eu já sei ("que eu") vou lá, não vai ter nada, não tem problema nenhum! Eu sei com é! O jogador é aquela coisa: você vê o jogador, ele se ofende, ele- ("não quero mais papo!") **depois** termina (hes), ("**depois**") sai na rua, não tem nada. eu já fui! Quando eu jogava em Recife, teve um cara que disse que ia me matar. (riso) Ele quer me matar. (avião) Jogando com ele, ele disse que ia me matar, não é?

(dado 128) (CONTINUAÇÃO DA CONVERSA ACIMA)E esse rapaz que é- só sabe dizer que ia me matar: "não sei o quê-" ("**pa!**") "lá fora, quando eu encontrar com você, eu vou te matar, vou te dar um- meter a peixeira!- -- porque lá, não é? (inint) Usava peixeira. -- Digo: está bem, ("meu filho"), ("se") você chegar lá, agora aqui não. Você agora você aqui você está sem peixeira, tu vai sofrer comigo, vou aproveitar. Eu levava o negócio na farra. Mas **depois** [nunca]- nunca deu em nada. Só ameaça, mas era- é um jogador muito mau, se chamava (gagueira) Mangabeira, (hes.) <gan-)- Gabeirinha, um negócio assim, um nome assim, o nome dele.

(dados 129 e 130) F- Existe, mas tem sempre aquele que é desleal. Existe lealdade na maioria, entendeu? Na maioria dos jogadores. Agora tem sempre um ou outro que sai fora (ruído) e **depois** se arrepende. Faz aquilo aí **depois**- mas é desleal, na hora ele é desleal, faz com deslealdade mesmo.

(dados 131 e 132) F- Está! (faiando com a neta) -- [vovô]- vovô está gravando aqui, (ruído) com a moça, está, minha ficha? **Depois** ela também vai gravar a tua voz. Você- o vovô não gravou com você? Não foi? **Depois** eu vou passar aquela gravação para mocinha ver, está? Para escutar!

(dado 133) E- Neca, [vamos (inint), vamos continuar?!] Porque, senão **depois** eu vou ter que [fazer outra, está?]

(dado 134) F- Você viu o meu filho? (est) Meu filho era que nem você! (est) Era assim! ele começou a fazer- [entrou]- entrou para escola educação física, começou a fazer exercício, começou a desenvolver e **depois** passou (ruído gravador) [a]- a fazer peso, a- você viu a massa [de]- de homem que está aí? Se você fizer, tranqüilo!



(dado 135) F- Isso é o enxerto, que eu botei aqui. (ruído) Outro aqui joelho. Está aqui. Está vendo? (est) Garganta! Tenho vinte operações! (est) Essa- a (hes) [operei a]- opereí a varize, opereí as duas perna, não é? E quando eu sofri isso aqui, forçava muito aqui, então, as veia daqui (inint). **Depois** tive- e aqui também, não é? Então, aqui, foram quarenta e dois cortes de- e aqui, que você está vendo, eu [tenho]- [tenho]- tenho vinte operações. marcadinha, vinte! -O senhor ainda sente alguma coisa hoje, não?

(dados 136, 137 e 138) F- Vou operar o estômago- você vê a facilidade, foi assim! E cheguei e fui mesmo! Peguei aqui, fui lá, me interneí e daí, fiz exame e daí, opereí- [nem]- nem tinha vindo tirar os <p->, **depois** eu fui tirar os ponto. Vim com os ponto e tudo aqui para casa. Aqui, com dez dia eu estava aqui em casa novamente. (ruído) Depois é que eu fui lá no hospital para tirar os ponto. estava tão bem!- Não tem nada. (inint), Já estava calejado, não é? De um- já estava [com]- [com]- com experiência [de]- de (riso) doente, entendeu? ("eu") sabia, não é? Não tinha- não -eu nunca fui, assim, nunca tive medo não. E é mesmo, eu enfrentava, **depois** dessa, (inint), sofri!- (est) Eu emagreci dez quilo, com isso aqui, com essa operação de- esse desastre. Eu tive- aí eu tive com, também, eu tive com a- no princípio, logo eu tive com uma velinha [na]- na mão aí, não é? Foi, é, foi duro. Mas, **depois**, passou e isso já faz- [essa]- essa operação já faz uns vinte anos. Essa da perna, da perna. A mais recente foi essa.

(dados 139 e 140) F- E, às vezes, o sujeito, também, chegar e pedir as coisas no hotel, não é? essa passagem, eu vou contar para vocês. é meia- não, não vou contar esse não, porque eu estou- (hes) ela vai ficar gravada aí (riso) e o negócio [fica]- fica feio, não é? (riso) (est) mas essa daí é- [foi]- foi a mais dura que eu já vi, sabe? Não tem não um troço- estou, mas [não]- não deve ser- -- **depois** eu conto, **depois**, quando parar de gravar, eu vou contar a vocês. (est) (risos) ("Então") você- vocês vão rir à vontade aí, está bom? (riso e)

(dado 141) F- A Itália não estava credenciada (hes) [como]- como a vencedora [da]- [da]- da taça. Não é isso? E, no entanto, chegou lá. Agora já foi, eu acho que deve ser uma situação meia (hes) vexatória. No duro mesmo. Deve ser vexatória, porque já ganhou é porque está (inint)? **Depois** chega e perde, como é que é? Então, o sujeito vai com aquela humildade, está? E chegasse lá, tudo bem. Eu tenho um campeonato. Eu tenho um campeonato mundial.

Falante: n15 (inquérito)

**Nome: Rob**

**Idade: 22 anos**

**Escolaridade: primário**

**Bairro: Bonsucesso**

**Profissão: borracheiro**

(dado 142) F- É. [só que tem que] andar um pouquinho para (inint)- a gente vai de ônibus, (est) **depois** que salta do ônibus, tem que andar um (ruído) pouquinho para cachoeira. (est) Mas é <ra->- cachoeira maneira. (est)

(dado 143) F- [é o quê?] [a Maré?] não, a Maré é **depois** da principal. Seguindo em frente aqui, (est) aí você vai dar numa rua transversal lá, a Maré, é bem dizer, é dali para frente, (est) não é? (est) Maré, é bem dizer, era isso aqui tudo.

(dado 144) F- [os próprios] moradores. (est) Aí, (est) está nisso, (est) está vendo. Aí- agora ("estão com a") intenção de fechar o canal para poder (est) fazer auto-estrada. (est) ("**depois**") estão fazendo- construindo casas, não é? (est) Pelo BNH, apartamentos pela CEHAB. Quer dizer, a rapaziada está se diferenciando, está entendendo? Está mudando.

(dado 145) F- [o título] de propriedade, é você morar no local, ter a sua casa- que nem aqui: a gente morava aqui (f estala dedos) há muito tempo, mas era um negócio que era incerto, (est) aí **depois** que esse- (hes) essa leizinha aí dessas casinha que está saindo aí, esses apartamentos, aí, a rapaziada começou, ("não é?") pegar o título de propriedade que é para poder ter certeza do- que aquele terreno que ele mora é dele.

(dado 146) F- [trabalhar,] trabalhar mesmo, (est) eu vim trabalhar **depois** que eu saí do quartel, ha. (est) Mas, sobre esses pequenos trabalhos da [vida-]

(dado 147) F- Agora nunca dependeu de mim, porque, quando meu pai ainda era vivo, (hes) tinha o dinheiro dela e dele, que os dois trabalhavam. **Depois** ele faleceu, ela continuou recebendo a pensão dele e a pensão dele dá para segurar legal, (est) (inint)? agora tem o meu padrasto, ele também trabalha, então, quer dizer, (est) necessita, (est) sabe como é que é? (est) mas não é

(dado 148) F- Aí, o tenente veio, (tosse de e) o tenente também quase deu umas coronhada nele, que ele era abusadinho

mesmo. (est) Hum! Aí, ele levou ele para o caminhão, levaram ele para o hospital e eu nem sei (f bate com as mãos) (ruído) como é que ficou. **Depois** é que ele foi lá no quartel (est) dar parte de mim e do tenente, do oficial lá; foi com advogado e tudo; o coronel quase prendeu ele, advogado.

(dado 149) F- Então, eu nunca gostei disso. Se ele chegar em cima de mim para me fazer isso, ele vai ter que me matar. Eu sou um cara que eu também sou meio estouradinho. Graças a Deus, ele nunca chegou em cima de mim para ("ir"), certo? (est) Então, se amanhã ou **depois**, eu entrar e fazer o mesmo que ele está fazendo, é porque eu sou safado, não é? Então, eu quero, sabe como é que é? Eu quero ser um policial, está entendendo?

(dado 150) E- (inint) Nada, não é? Mas vem cá, vamos deixar (hes) um pouco assim de lado- isso é um assunto até, assim, [bom para gente conversar **depois**,] não é? Mas, assim, de divertimento, assim, por exemplo, você- mulher, não é? Que você gosta muito. (est) Como é que é? Você sai, assim, muito daqui, você se diverte fora do bairro [ou]- (hes) ou mais aqui dentro mesmo? [você tem-]

(dado 151) E- Passei um grande tempo (inint), sabe? (est) sem sair com ninguém. Voltava no quartel, tinha uma garotinha ali da Teixeira que vinha atrás de mim aí, eu não queria papo. **Depois** que eu caí na real, eu falei: "pô"! Porque que eu vou ficar nessa? Eu vou é curtir com a cara delas e-" como é que é? (riso de f)

(dados 152 e 153) F- [é, acaba falando-] quase igual. (est) Nunca é perfeito, mas, não é? (est) De vez em quando, ele solta o "ó gente!" Dele, (est) "uai." Então, todos eles soltam, (est) não é? É que nem o carioca: o carioca vai para o- eu vou para Campos; (est) eu passo um tempo lá, aí **depois**- de repente, eu [volto]- volto falando "lâmparão", "cabrão"- "cabrão", (inint). Então, (est) é o seguinte, não é? Você se acostuma (est) ("a") se adaptar ao modo de falar deles. (est) É a mesma coisa. Eles também- a gente lá fala uma giriazinha; se eu for para Campos, eu vou falar uma giriazinha. Mas, de vez em quando, eu estou falando "lâmparão", "caboclozinho". Quer dizer, eu entro na deles também; mas, **depois** que eu volto, eu volto ao normal, sabe como é que é? (est)

(dado 154) F- Aí **depois** que você começou a gravar, (est) aí eu fui soltando as gírias, (est) fui soltando, me liberei e agora eu estou falando (inint), (est) não é? [não] quero é chegar ao extremo, mas, (est) está me entendendo? (est) Estou soltando as minhas. (est)

(dados 155 e 156) F - É. [porque o cara] mesmo **depois** que ele fale: "ah! eu não quero servir, não-" que não sei o quê. **Depois** que ele entra, ele aprende a gostar, (est) está entendendo? É uma vida que- totalmente- é totalmente diferente mesmo. Você sente a necessidade de vim para casa, você sente vontade de vim para casa, você sente vontade de ver a sua mãe, seu pai, seus irmãos.

(dado 157) E- Ah! Vou esperar (rindo) para ver. (f) (risos) **Depois** tem jeito de ir embora?

(dado 158) F- A gente pega um barquinho aí e- (est) inclusive, tem até um barco aí (riso e) só para sair até a rua principal, **depois**, (est) na principal já dá para caminhar.

**Falante: nº16 (inquérito)**

**Nome: Mar**

**Idade: 56 anos**

**Escolaridade: primário**

**Bairro: Irajá**

**Profissão: sem profissão**

(dado 159) F- (riso f) Meus filhos, esse <me->- esse ("que") tem dezenove ano é (hes) temporão. (est) Temporão (hes) é- a irmã tem trinta e dois anos (est) não é? Fazer trinta e dois ano, **depois** que veio ("a") ele. (est)

(dado 160) E-GPI- ele fez o primário na escola pública, **depois** (est) foi (est) para a particular? (est) [e você]

(dado 161) F-[não,] não. (est) Quer dizer que ele agora- e aí, passou a Cesgranrio. (est) Foi- pegou em- aí para cima, não sei aonde, em (vozes de criança) (latidos) Itaguaí, (est) mas **depois** ("da") segunda chamada já veio para Niterói.

(dado 162) F- É- levanto [e-] e o remédio que eu tomo para fazer bastante xixi, não é? De vez em quando estou no banheiro. (est) ("que") Pressão alta é assim, é remédio para isso. (est) Esses remédio mesmo que eu tomo é assim. (est) Aí,

eu levanto. Tem dia de levantar dez vezes, às vezes, ("...") noite. Levanto para ir no banheiro, aí **depois** deitado, custo a pegar no sono, fico na janela, (riso e) vendo, está calmo, (f) não passa ninguém de madrugada por aqui. (est) Calmo mesmo. (est)

(dado 163) E- E como elas fizeram para sair [**depois**?]

(dado 164) F- [aí,] **depois** eles pegaram a Brasília dela e foram embora, com tudo na Brasília.

(dado 165) F- Ah! E **depois** ela veio no portão, não é? Começou a gritar e o pessoal foi lá e desamarraram elas. (est) Seis hora da tarde. Tanto que eu- quando fui ver televisão, eu fecho ("mesmo"). Meu filho quando me avisa: "Mãe, passa a chave no portão, fecha essa porta, não deixa essa porta aberta." ("que")

(dados 166 e 167) F- [É, eu tenho medo.] [não], não, **depois** apareceu [a]- a Brasília. **Depois** ("de") muitos meses apareceu. (est) ["Acho uns quatro ou cinco mês"] apareceu na Brasília- apareceu Brasília.

(dado 168) F- (rindo) Quem casa quer casa. (f) Está que nem minha filha que está ali, está sempre preocupada com ela. (est) Arrancou dois dente, ah! me deu uma preocupação: "Mãe, vai lá em casa que eu posso <ve->- eu posso dar uma vertigem e as menina ficarem para lá jogada. Vai lá em casa, mãe. "Aí, eu, de noite, fui para lá. Vim de lá já era tarde, era mais de meia-noite. (est) Fiquei lá um pouquinho com ela, ("<q->") sangrando muito, não é? Dois dentão enorme que ela arrancou. (est) Aí fiquei lá com a garota, com ela e as meninas, **depois** eu vim: "Ah! Eu vou embora para descansar, minha filha, tu fica aí. Tu está passando bem?" "Então, vai. Já passou mais a dor-" Aí eu vim embora. já <f->- (riso f)

(dado 169) F- É, gostoso! Ela gostou, ela gosta, ela adora. (est) Tem paixão por- crianças. Tanto que ela teve (inint) ("dois menino") e não ligou. Disse: "Ah! Eu não, pode ser mais tarde que eu queira um garoto-" (est) o marido dela adora filho homem, veio duas meninas. (est) "Pode ser que eu tenha (hes) ter outro, não é?" "Tenha que ter outro, aí eu deixo vir, [para ter]- para ter logo outro e **depois** eu ligo." (est) "Quer esperar?" "Liga de uma vez." "Não, não, não, não vou ligar não. Pode mais tarde eu querer um menino, ter- deixar e vim um garoto, aí eu-" (est) (riso f)

(dado 170) F- É, pois é. "E já se ligar, **depois** não passo ter mais-" (est) Ela tem uma colega que teve uma só e ligou, a menina morreu, (est) e ela ó, ficou sem nenhum. Agora está arrependida. (est) Menina nova ainda-

(dado 171) F- Pois é. Mas agora **depois** que perdeu, não é? (est) ("a") Menina era linda.

(dado 172) F- Ah! Eu <to->- eu faço só de patinho.(est) Eu compro um peso bom de patinho, redondo, não é? (est) E ali eu meto o facão assim por dentro,(gesto) boto um- pego um paio e coloco assim por dentro, do outro lado eu boto um pedaço de (hes)- toucinho fumeiro, (est) aí, ponho (hes) no fogo para assar, com bastante óleo, não é? (est) <bo->- Diminui o fogo, não boto nem um pinguinho d'água. (est) Deixo ali, vai, vai, cozinhando, assando devagarzinho, devagarzinho, **depois** vai corando, aí eu boto umas cebola descascada, (est) pimentão, umas batatinhas <pe->- miudinha, não é?(est) Aquelas batatinha. (est) Ponho ainda fica- é assim que eu faço.

(dado 173) F- O macarrão, eu faço com bastante carne. Compra-se um pedaço de boi, não é? (est) Aí faço, assim, bastante molho. Aí vou botando macarrão e a carne, o macarrão e a carne, vou jogando assim por cima. (est) **Depois** eu encho de queijo, aquela carne assim por cima. ("meu") marido adora!

(dados 174 e 175) F- Não gosto, não gosto. (est) Vejo como eles vêm queimado, empolado, às vezes ("já") nem a roupa do corpo não agüenta que aquilo está- (respirando como se estivesse sufocada) (est) assim com- queimado não agüenta. E eu não. Eu não sou. Só em ver me dá nervoso, eu não gosto. (latido) (est) Prazer esporte, não é? Que (est) esporte bobo, se queimar para **depois** não agüentar nem a roupa do corpo! (riso e) Ah! Eu não. Não gosto, nem meu marido, não suporta. ("não") Suporto praia. (est) **Depois** para mim mesmo com a pressão alta, eu não posso apanhar sol, não. Sol assim muito <d->- forte? (est) Pioro, fico ruim da pressão. [tem que] ficar calminha, numa sombra, ("assim")- não posso me agitar muito-

(dado 176) F- Ah! A mais velha ajudava muito, não e? Que tinha onze anos, não é? (est) **Depois** casou também. Casou com dezoito anos

(dado 177) E - [aquele Paulo Rossi é (inint.)] E **depois**, aquele Paulo Rossi é um veneno, (est) não é? Porque está sempre onde não devia estar. (est)

(dado 178) F - Mas se a gente [votar]- votar em gente velha (hes)- por que que <va-> (hes)vou votar ("em") gente cansada? Tem que votar em gente jovem, não é? Para ver o que que vai fazer. (est) Pelo menos ele promete, não é? Agora, vamos a ver, se é promessa e **depois** esquece tudo. Se bota ali o- [uma estaca em cima e- é.]

**Falante: nº17 (inquérito)**

**Nome: Ire**

**Idade: 52 anos**

**Escolaridade: primário**

**Bairro: Pavuna**

Profissão: manicure

(dados 179, 180, 181e 182) F- É. Você cozinha batata, bota ovos, manteiga, **depois** dá amassadinha, não é?[e]- e faz a liga com a farinha de trigo (est) e dois ovos, já falei, não é? (est) E vai fazendo aquela massa na pedra, não é? **Depois** ela feito, você bota assim farinha de trigo [e]- e pulveriza (fim do texto desgravado) aí vai apanhando os bocadinho e vai fazendo aquela coisinha e vai cortando, já tem a água fervendo e o molho da carne assada, (est) bem suculento, (est) aí você bota aí na água fervendo aqueles nhoque que já está com sal, feito um macarrão, não é? Vai botando ele (hes) ali dentro cortadinho tudo miudinho, não é? (est) **Depois** conforme ele vai subindo, você vai escorrendo, (est) no escorredor, **depois** que estiver tudo escorrido aí você sacode assim, bota numa coisa e bota uma camada de nhoque, uma camada de molho de carne assada e queijo parmesão.(est) Uma camada de nhoque, uma camada [de]- [de]-de [molho], uma camada de [queijo] parmesão. O último tem que ser o molho com queijo parmesão.

(dado 183) F- [Não,] não, não. Cozinha as batata, amassa no amassador, não é? A batata. **Depois** que ("estiver") <ama->- tudo amassadinha é que a gente quebra dois ovos, uma colher de sopa de manteiga e um pouquinho de sal, pouca coisa porque vai- já vai levar sal na água, não é (ruído) aí, **depois** vai amassando, vai amassando, vai botando farinha de trigo, até ficar e desligar da mão, não é? (est) Aí ("vai")- faz aquela massa.

**Falante: nº18 (inquérito)**

**Nome: Dal**

**Idade: 71 anos**

**Escolaridade: primário**

**Bairro: Campinho**

**Profissão: recepcionista aposentada ("enfermagem")**

(dado 184) F- É, eu sinto assim, não é? Eu, se passo na frente de uma igreja e me dá vontade de entrar ali, rezar um pouquinho, vou, rezo (est) e venho me embora. Inclusive não posso me ajoelhar. **Depois** que eu fui atropelada- sofri um acidente de carro, [eu não] posso me ajoelhar, -

(dados 185, 186 e 187) F- Então ela pensou que eu tivesse morrido! (est) Quando ela ("me") viu, ("disse"): "dona Dhália, como é que a senhora está andando?" Eu disse: "pois é, não sei, é só o braço-" bom, a conclusão: aí eu fui bater radiografia no consultório aonde eu trabalho. Um colega meu que bateu. Não estava dando, aí, ele pegou e tirou assim (virando o braço) é que apareceu. (est) Eu tive que operar, **depois** tirar o pedaço do osso. Bom, esse joelho ficou meio ruim. **Depois** agora, aqui há uns anos também, com o meu neto numa kombi, que eu tenho horror a kombi. Ele comprou uma kombi, eu ainda ("disse") para ele: "ih, meu filho! Sua avó não gosta de kombi." "Ah! que nada vó." Bom, eu ia experimentar um vestido numa sobrinha na cidade. (est) Que eu também coso, às vezes. E eu ia para lá- ele disse: "e vó, entra aqui." Tudo bem. Quando nós íamos, (ruído) **depois** da Praça Seca, (f) a kombi- -- esse negócio, eu não entendo muito bem não. Parece que faltou freio, eu não sei o que é- de carro eu não entendo nada. (est) -- eu sei te dizer, minha filha, que o carro não parava de jeito nenhum.

(dado 188) E- E já tirou radiografia, não tem nada?

F- Não, não tem nada. (buzina) **Depois** eu tomei infiltração no joelho, (est) ("mãos")tudo bem. (est)

(dado 189) E- E- é melhor deixar para pegar **depois**, não? {e} (riso f) (inint) ("está") falando muito.

(dado 190) F- Fez o macarrão para ele- eu disse: "olha, não tempera não, que ele não gosta." Diz: "ah, titia, a Luciana, que é a filhinha dela, também diz que não gosta, mas eu tempero e ela come." Bom, ela cozinhou rapidinho o macarrão e começou a fazer o tempero. Nisso botou uma lata dessas de massa de tomate (est) em cima da pia. Aí ele disse assim:

(imitando o neto) "ó, eu não gosto disso não, (rindo) heim? Eu não gosto disso não!" (risos) (fim da imitação) (f) Aí eu disse: "bom, então não põe." Diz "não, eu não vou botar isso não." Menina, repetiu a comida que só você vendo. (est) **Depois** eu tive que levar ele lá na casa linda, não é? (est) Mas tive que- de apanhar um taxi. "Vamos, vó, na casa linda!" Eu cheguei lá, comprei danoninho para ele, porque ele, em casa, ele lancha é vitamina, sabe? (est) Na mamadeira. <a->- ele gosta muito de danoninho.

(dado 191) F- Olha, (est) eu- a mãe desse- a vó desse meu bisneto morou comigo dezessete anos. (est) Quer dizer, o meu neto foi criada por mim, não é? Era "o meu ai Jesus!" vivíamos muito bem. Ela era a dona da minha casa, (est) mas **depois**, questão de família dar, não sei que- virou a cabeça dela, queria naturalmente sair de casa, deixou de falar comigo- agora não é boa para mim não.

(dado 192) F- Eu tenho a minha vida, (est) está entendendo? Eu vivo dentro da minha casa. (est) Saio, agora não saio muito, mas saio é- não gosto de fazer visitas- agora a não ser que seja uma visita longe. (est) Aí eu adoro, sabe? Mas sair daqui para ir ali no Méier fazer uma visita a uma amiga- eu gosto que venham na minha casa, (est) mas eu não gostode ir na casa de ninguém. (est) Porque fui criada assim, está entendendo? (est) E de maneira que (pigarro) eu gosto. **Depois** tem outra coisa, eu não tenho condição de (hes) <muque> pagar aluguel (falha) de casa, não dá. Não é? (est)

(dado 193) F- Ah! Então é pouquinho. E ainda é muito criança- (est) é não (hes)queira filho já, já, não. (est) Porque, minha filha, **depois** que a gente tem filhos, nunca mais tem sossego.

(dados 194 e 195) F- **depois** vem a época de homem- já na época que os meus filhos eram rapazinhos- (est) eu, graças à Deus, tenho dois filhos e eles não têm assim nenhum vício. (est) Fumam, não é? (pigarro) De maneira que eles não têm- graças à Deus, eu não posso (ruído) dizer nada contra os meus filhos. Mas (f) eu sempre soube criá-los: nunca (hes) trouxe muito preso nem soltava-os demais. (est) Então, quando eles iam ali, para esquina, mas eu ficava sempre naquela preocupação, ficavam ali, conversavam com os amigos, vinham para casa. Aí arranjavam as namoradas. (est) (riso e) Ah! Aí já viu, não é? Mãe que é mãe sempre quer o melhor para o seu filho ou para a sua filha. (est) Não acha? (est) E a gente- quer dizer, casa, **depois** não se dá bem, (est) e é um problema que Deus me- por exemplo, esse meu filho que é desquitado tem dois filhos homens.

(dado 196) E- É, "**depois** que o filho teve, nunca (est) mais barriga enche," não é?

(dado 197) F- É. Que o meu filho é sócio e eu já tinha inclusive eu pago, tudo para ir lá, (est) para lá, mas- o médico ainda disse: "não, a senhora vai se operar." Fiquei primeiro trinta dias com o braço engessado, mas **depois**, quando deu que eu teria que me operar, eu disse: "ah! doutor, mas eu tenho que ir para a Bahia, como é que eu vou?"

(dados 198, 199 e 200) F- Bom. Ela é colocada, naquele aparelho, **depois** a gente bate, não é? (est) O raio-x tira. **Depois** dali vai fazer então a revelação, (est) por uma câmara escura, aonde tem aqueles preparados e ali se revela, **depois** põe para secar-

(dado 201) F- Não, o meu neto andou. Levou até o meu bisneto. (est) Eu ainda não andei não. Tenho vontade- mas engraçado, uma vez eu indo- não sei se foi quando eu estava estudando massagista- não, não, foi não. Foi **depois** disso. Eu estava trabalhando.

(dado 202) F- Tomara, não é? Pode ser que sejamos, porque **depois** dessa?! Precisam tomar (riso e) mais vergonha, não é? (riso) [agora] que não levem o Telê, não é? (riso e) (voz)

(dado 203) F- Que nem sempre os conselhos são maus. (est) Às vezes, tem alguns que serve. Muitos deles são maus. Mas às vezes se salva algum. Você não acha?

E- Eu acho. (pigarro) **Depois** tem que repensar no que vai fazer, não é?

(dados 204 e 205) F- [não?] [ah!] (hes) Olha, é- até foi a minha filha quem descascou ontem à noite, não é? (est) Porque ela não gosta que eu faça nada. Então ela limpa e parte elas bem fininhas, **depois** eu ponho o- botei um pouquinho de óleo e botei também um pouquinho de azeite. Que eu, como fui habituada, criada com azeite e com manteiga, (est) não é? Minha mãe só fazia comida com azeite e com manteiga. (est) Então, ("põe") o alho ali, um pouquinho de cebola- os tomates, eu descasco eles todos, põe na água para esquentar, que eu não suporto casca de tomate, (est) não é? Então, primeiro eu lavo eles (buzina) com sabão (f) todo mundo fica- eu lavo os ovos com sabão, com bombril, lavo o tomate, (riso) (est) (f) tudo isso eu lavo, sabe? Essa gente diz que eu tenho mania, mas não é, eu sou assim. (est) Então eu pego,

ponho os tomate para dar uma fervura, **depois** tiro a pele toda, não é? Aí botei dois tomate, refoguei, botei pimenta-

(dados 206 e 207) F- Bom. Aí botei- **depois** refoguei a (f) vagem bem refogadinha, (est) Deixo refogar bastante, **depois** ponho um pouquinho d'água- aí aquele caldinho até eu comi com pão. [gostoso à beça!]

(dado 208) F- Olha, (pigarro) eu gostava do Getúlio Vargas. Ela está no partido do PTB, mas ela falou muito mal do Getúlio. Eu não gosto de pessoas que hoje são uma coisa, amanhã são outra. (est) De jeito nenhum. Eu acho que a gente tem que ser é aquilo, (est) entende? (est) O que esteja ruim ou que seja bom, não. Eu sou é aquilo, que é que eu vou fazer? (est) Eu, por exemplo, vou ter que votar, porque o doutor Mourão Filho, que era o pai do Mourão Neto, não é? (est) Do raio-x. eu trabalhei com ele, foi com a única pessoa que eu trabalhei em política. Eu trabalhei muito com ele. E esse dono da Suse é genro dele- era genro dele, não é? (est) Então, eu votava no Mourão Filho. **Depois** votei uma vez para ele. E tem o doutor Álvaro Dias, (est) que ele foi daqui de- ele já (buzina) está com bastante idade, já deve estar é- (f) ele é mais velho do que eu, já deve estar com uns oitenta anos, mais ou menos.

(dado 209) (CONTINUAÇÃO DA CONVERSA ACIMA) Com Álvaro Dias é padrinho de casamento do Bráulio, (est) que era muito amigo do doutor Mourão Filho. Então, naturalmente ele soube, ele ficou meio assim comigo, o Bráulio, não é? Que eu conheço o Bráulio ainda era solteiro. (est) Aí **depois** passou-se. E ele agora me fez um favor muito grande e é aonde eu estou na obrigação de votar para ele- eu vou votar.

(dado 210) F- Bem; eu, para mim, é bom todo rapaz servir, porque aprende muita coisa lá. É bom. Agora, tem vez que ele não acha bom, é ruim, que ele quer sair logo e não pode, aí, ele quer arrumar uma briga lá e vai preso lá mesmo aí, **depois** solta, até dar caixa aí, não é? A ficha dele fica suja.

(dado 211) Aí, não é? Eu falei com ela, não é? Aí, não é? O Marcos foi e comprou barulho dela. (ruído) Aí, não é? Eu botei ela em casa, aí, nós dois ficou discutindo. ...até briga saiu. ...aí, eu peguei, para evitar mais, aí, eu peguei, saí de casa. É melhor assim, não é? Aí, **depois**, quando voltar, acho que está tudo calmo outra vez.

(dado 212) F- No momento, agora, eu não joga mais não. Eu só joga, assim num domingo, assim, quando eu estou de folga, quando eu vou lá para o ("baile"). Que, de dia, está vazio não é? Aí, lá tem, não é? E, de vez em quando, eu pego; joga um pouquinho, **depois**, eu paro.

(dado 213) E- E como que se joga basquete? [eu]-eu me lembro que eu comecei a aprender uma vez, mas, **depois**, parei, mas nem me lembro mais as regras do basquete.

(dado 214) F- Teve até filho já. [e tem]- e tem aí casal que dá certo sim. Agora, muitos não fica junto, **depois** separa.

(dado 216) E- Agora, Carlos, me fala, assim, um pouquinho do- dos seus planos, assim, para o futuro, não é? [**Depois** de um ano, assim, quando você já tiver casado.]

(dado 217) F- O meu plano é que **depois** de ter a minha casa, quando eu casar, quando eu casar e tiver minha casa, o meu plano [é]- é trabalhar, manter a família, acho que só isso.

(dado 218) F- Não, eles ficaram um pouquinho, mas **depois**, acostumou. E, mas eu não vou ficar muito tempo na casa da minha noiva não, porque tem gente lá perto gosta é muito de falar, sabe? Aí, então, estou dando só um tempinho lá **depois**, eu volto para casa.

**Falante: N° 20 (inquérito)**

**Nome: Pau.**

**Idade: 25 anos**

**Escolaridade: 7 anos**

**Bairro: Manguinhos**

**Profissão: Artesão em couros**

(dado 219) F- [(est)] Mas [eu]- eu tenho- eu fico imaginando, às vezes, que a minha mãe, não é? Como eu falei, ela, empregada doméstica, não é? Eu acredito que ela deveria ter sido uma daquelas, não é? que, não é? que no fim de semana dava um passeiozinho na praça de Copacabana e tal e, de repente, o Lopes por lá, meu pai no caso, não é? deve ter se engraçado, não é? Deve ter dado uma cantada e como todo homem, não é? quer dizer, eu não estou discriminando, mas a maior parte do pessoal aí, não é? Tem ("em mente") que ela conta aquela história, não é? [para] ganhar e tal. E **depois**, na

hora da responsabilidade mesmo, foge, não é? eu mesmo ("fui bem") o exemplo, não é? da minha pessoa, quando moleque.

(dado 220) E- [(est)] [(est)] [(est)] É uma atitude bonita, não é, César? **depois** de tanto tempo ela ter coragem de voltar e recomeçar, sem dúvida, uma atitude linda! (est) não é? por parte dela. E essa história que você me contou de você aí, quando moleque, como diz você, [aos] treze anos, você gostaria de falar sobre isso?

(dados 221 e 222) F- Aí quando dava assim três e meia, mais ou menos, acabava o jornal, aí quatro horas pegava um trem para Japeri, não é? abria, a gente abria a cabine, onde eu- (hes) no meio do trem, não é? fechava e dormia, não é? que ali ninguém podia entrar. **Depois** que a gente fechava por dentro- ("aí,") ia até Japeri dormindo, **depois** voltava, de manhã cedinho já voltava nele mesmo, não é? Já eram umas seis e pouca, saltava em Madureira, comprava bala outra vez e começava, não é? Tinha época também que a gente fazia amendoim também, não é?

(dado 223) E- Ah, então eles próprios devolviam **depois**, não é? (est) para a família? (est) e o tratamento aí nesse-...

(dados 224 e 225) F- A Tânia ainda está aqui, não é? a Maria que foi lá para a morte, voltou [para o norte]! e tal. Então, a gente fomos, nós fomos lá para Guapemirim, ("não é?") A maior loucura, de lá a gente sentiu a maior dificuldade. Já de noite, voltamos num trem, **depois** soltamos na Praça da Bandeira, fomos para Copacabana, chegamos na praia, a gente, molequinho, vimos [o]- o- os homens, não é? A gente saímos de pinote, (gesto) aí **depois** pegamos um táxi, ("que") a gente estava com dinheiro, entramos dentro do táxi, [o]- (respira) o motorista do táxi levou a gente para o distrito.

(dado 226) E- [É.] É. Aliás, já houve casos muito interessantes em relação a isso, não é? ("nessa") ação de político, não é? (est) (inint) ("da") política dentro de favelas, exatamente, as conquistas de- das associações, **depois** eles davam como deles, não é? (est)

(dado 227) F- A gente preparamos uma junta governativa e entramos, não é? (estalando os dedos) falamos com ele aí e tal praticamente a gente sentiu que era necessária a expulsão dele, a expulsão (inint.) Começamos a pegar tudo que ele tinha: casa, ("as") coisas todas, ("apanhamos") tudo. ("se possível a gente ia apanhar até") o carro que ele tinha. Aí, ele se mandou, nunca mais apareceu. ("**depois**, formamos") uma junta governativa, essa junta governativa começou a preparar o próprio- fizemos o manifesto, não é?

(dados 228 e 229) F- [(est)] [(est)] [(est)] É, de repente você vê- (est) mandaram a cartilha- de repente eu recebi agora a cartilha, **depois** de um certo tempo de discussão, porque as discussões foram feitas e tal e levado para lá. Quer dizer que eles transaram e tal entre eles, tudo bem, e **depois** voltam, traz para a gente. Tudo bem. A gente lê e tal, mas- de repente a gente vê que de repente quem abriu para isso? pergunto. Dom Eugênio. E quem é Dom Eugênio?

(dado 230) F- Quer dizer, me identifico muito com isso, com as nossas coisas, não é? sempre fui de madrugada mesmo, de estar junto do pessoal, no meio da malandragem. Quer dizer, é claro que a gente não pode se enturmar muito para não-sabe? [não]- não <fa...> sair fora da reta, que de repente você possa a ter. Um compromisso e tal. Mas aquele contato, ("você") chega no botequim, canta um samba, os cara estão, a gente troca uma idéia, **depois** sai, sabe? (est) aquele contato todo, não é? o pessoal da velha guarda, as mulheres que estão aí, por exemplo, que hoje, não é? as coroas que não é?

**Falante: N° 21 (inquérito)**

**Nome: Ubirajara**

**Idade: 20 anos**

**Escolaridade: 8 anos**

**Bairro: Penha**

**Profissão: "Office boy"**

(dado 231) F- Então alguém te vê jogar, aí chega e fala para o (inint): "p"! tem um garoto que é bom! (estn vamos cer o garoto jogar." Aí eles vão e você nem sabe, nem espera. Esse foi do jeito que eu fui contratado para esse timezinho. A gente jogando um futebol de salão no (inint)- é uma quadrazinha que tem ali e o cara, não sei o quê, **depois** ele me chamou: "quer treinar no Estrela não?" falei: "vou." Eu sempre tive vontade de jogar no Estrela, não é? [ [o]-! o sonho de todo mundo que mora na Penha circular que joga bola é jogar no estrela.

(dado 232) F- Ahô futebol [vem]- vem- tem que vim mesmo de <peq-> de criança. É muito difícil aprender **depois** de

velho a jogar futebol. (est) <qu...>- Pessoal [não]... [não]... não vai levar fê, joga com uma pessoa que não sabe, aí não acredita, aí vão brincar com a pessoa e deixa a pessoa desmoralizada.

(dado 233) F- [Que eu sentei] num estádio grande, com público, tudo, que <e->- para você ver, (buzina) o jogo **depois** era (f) Fluminense e América, o jogo principal, a gente fizemos preliminar. O estádio cheio. Então, aquela euforia.

(dado 234) F- Prejudica, que [se]- se eu não for criticado, se eu for sempre só naquela de elogio, eu jogo mal, aí posso começar a entrar numa má fase: jogar mal hoje, amanhã, **depois** e, quando eu for criticado, quando começarem a me criticar, vão acabar comigo. Então eu prefiro ser criticado, assim: se eu jogar mal, me critico. (est) Eu mesmo já falei para o técnico do time: "me critica, se eu jogar mal."

(dado 235) F- Levaram- eu arriscava, **depois** disso, eu não arrisco mais, eu ando com um cordão só. Levaram o relógio, queriam levar a camisa, eu falei para eles: "que é isso, eu acho isso uma ignorância de vocês chegar e levar a camisa. Isso é burrice.

(dado 236) F- Ah, [isso é]- isso- eu acho normal, porque se não der certo, vamos partir para outra. Você imaginou você ficar com uma pessoa que você- não está dando certo, mas você está ali dentro, martelando, martelando. Vamos tentar, fazer tudo para dar certo, mas se não der, vão partir para uma vida nova. a vida não pára, só pára **depois** que a gente morre. Então é- vamos (inint) vamos partir para isso mesmo eles já lançaram até o divórcio.

(dado 237) F- Tem que dar satisfação, (est) que, eu **depois** de grande, eu dou satisfação minha mãe, faço questão. Eu chego para minha mãe: "vou em tal lugar, chego tal hora."

(dados 238 e 239) F- [(inint)] **Depois** é caçado, pior é isso, isso **depois** é caçado, polícia chegou, procura eles, ("eles entra") e sai tudo de- (inint) cada um sobe nas suas moto e sai correndo, quem tem carro sai de carro.

Falante: N° 22 (inquérito)

**Nome: Mar.**

**Idade: 17 anos**

**Escolaridade: 10 anos**

**Bairro: Flamengo**

**Profissão: estudante**

(dado 240) F- Bom, eu acordo, não é? Não sei quê, faço o que eu tenho que fazer, vou para o colégio- aí, eu chego, almoço, quando eu tenho que estudar, ("eu <eu->-") estudo um pouco, **depois** eu dou uma saída, (hes) terças e quintas eu vou para o curso-

(dados 241 e 242) F- Não; (hes) foi um <negócio> (defeito) assim meio- assim rápido, não é? Porque [ela]- ela era "vou- eu nunca vou casar", não sei quê, e chegou- um mês **depois** disso: "ah, vou casar!" Não sei quê. (ruído) Eles namoraram um ano, sabe, **depois** casaram, assim, por enquanto eles estão se dando muito bem, sabe, ("é um <negócio>, assim, os dois fazem de tudo, não tem aquele negócio de ela ficar fazendo tudo, ele ficar deitado- eles repartem muito bem tudo.

(dado 243) F- Não, pode ser, não é? Mas não é a minha meta, eu não quero casar, **depois** ter filho, não sei quê e ficar em casa. Não.

(dado 244) F- Não, a primeira coisa, não é? Eu quero me formar, me formar não, pelo menos, acabar o segundo grau, arranjar ("um") emprego, sabe, conforme for, se der, eu saio de casa, porque eu não sei, mas do jeito que as coisas estão, eu não sei se o dinheiro que eu vou ganhar vai dar para eu sair de casa. Aí, eu faço faculdade, de repente, sei lá. Aí **depois** eu não sei, não é?

(dado 245) F- Não, eu já morei em Santa Tereza, até os cinco anos, aí **depois** eu vim para cá. Eu estou ("morando faz") um bom tempo aqui.

(dado 246) F- E vocês não fizeram nada, **depois** disso, assim, tipo falar com polícia, [qualquer coisa-]

(dados 247 e 248) F- Não, eles dão livros, não é? A gente lê também se quiser, mas se [não]- não ler também se ferra **depois**, não é? Porque a gente tem uma redação **depois**, em função daquele livro, mas pelo menos os livros que eles tem mandado são- não são aqueles livros chatos, assim: que gente fica, assim, meia atrás para ler.

(dado 249) F- [Não,] eu quero aprender, não é? Mas eu não- não acho que não tem nada a ver ficar estudando para



vestibular, que é uma besteira, você perde três anos da sua vida, **depois** acaba, que <nu->- às vezes, nem passa. (hes) O que eu ("estou") estudando agora, pelo menos, apesar de eu achar que tem muita coisa desnecessária, eu vejo assim, isso assim, como <a->- alguma coisa, ("um") conhecimento que eu vou adquirir, não como uma coisa que eu vou saber, para me dar bem no vestibular.

(dado 250) F- Não, eu comecei aprender violão, mas aí **depois** a professora se mudou para Mato Grosso, aí- eu estou, inclusive, agora procurando gente [que]- que sabe ("<ensi->"). Mas eu toco, assim, mais ou menos violão. (est)

(dado 251) F- Ah! Põe óleo, não é? Taca lá uns temperos ("no") negócio, põe o arroz, não é? lavado, deixa ficar, assim, um pouco no tempero, **depois** põe água, de acordo com o número de xícaras, não é? [De]- [de]- de arroz.

(dado 252) E- [Gostar] mesmo, eu não gosto de nada, mas <e->- o que eu prefiro mesmo é cozinhar, (est) sem ter que arrumar a cozinha **depois**, é lógico!

(dado 253) F- [Não,] tinha uma época que a gente chegou a dormir no mesmo quarto, mas, aí, **depois** tinha o escritório aí, que a minha mãe transformou num quarto ("e") ela foi para lá. (est) Aí, eu passei a ficar sozinha, no quarto.

**Falante: N° 25 (inquérito)**

**Nome: Jae.**

**Idade: 30 anos**

**Escolaridade: 8 anos**

**Bairro: Costa Barros**

**Profissão: Mecânico**

(dados 254, 255 e 256) F- Faz. E pintura é que demora mais, leva mais de uma semana. Porque o cara tem que preparar o carro todinho, lixar, preparar a tinta, dar a massa, tirar os defeito que tem no carro, lixar de novo, preparar, dar uma não primeiro, **depois** dar a segunda mão, **depois** ainda tem o polimento, **depois** ainda tem a montagem do carro todo-entendeu? Porque uma pintura geral tira tudo: tira vidro, tira tudo.

(dado 257) F- É, a cor- (hes) vamos dizer: O carro é verde, o cara tem que pintar de verde. Ou quer mudar de cor também. (est) Aí já é outro problema. Mudar de cor, o cara vai ter que ter mais trabalho para preparar ele por causa da cor. Porque ele meter uma cor em cima da outra, **depois** começa aparecer tudo de novo. Para não aparecer ele tem que preparar bem preparadinho para não- a outra tinta de baixo não subir. (est)

(dado 258) F- Não. Quando tu entra no desfile, só pode **depois** de acabar.

(dados 259 e 260) F- Então eles arma, não é? Ele vai vendendo um montão de ingresso. Às vez não tem- já está tudo lotado, eles estão vendendo. Não querem nem saber! Se tem vaga, se não tem, **depois** que está vendido, você não vai apanhar o dinheiro de volta. Vai apanhar? Não vai! então, dá essas zebra toda. Enquanto não pegar ninguém, está bom! Nego vai só arrumar dinheiro. Mas **depois** que pegar-

(dado 261) E- [Ah, mas **depois**] de velho, não (riso e)

(dado 262) F- [Jogando] todo mundo junto. **Depois** da pelada a gente faz uma fofoca, não é? Abre o botequim, toma cerveja-

(dado 263) F- Aí eles pediram para gente jogar de novo: "não, vocês joga no nosso campo agora- jogar de novo, que a gente-" vamos fazer [uma]- uma comidinha para gente lá. "Tudo bem, legal!" Mas não deu oportunidade da gente ir lá jogar com ele. Aí **depois**, também, o tio da minha esposa saiu, -- ele é detetive. -- Aí ele começou a fazer um montão de curso, aí. Ele agora é motorista.

(dados 264 e 265) F- Ah, não sei! Eu acho que ficava meio doido , não é? Meio maluco! Ia sumir logo direto. pelo menos ficar um- ia para fora logo uns três meses, seis, para ninguém me perturbar, aqui. Certo? Fazer umas viagem boa- **depois** tu voltava com a cabeça fria, agora a gente vai começar a pensar o que vai fazer com o dinheiro. Porque na hora assim, você fica doido, [você]- você quer jogar dinheiro para o alto, jogar fora. Não, primeiro faz uma viagem, assim, não é? (tosse) Some. Ninguém te vê. Fica tudo escondido, tu está lá para fora, ninguém está sabendo. Sabe que ganhou, mas está lá para fora. **Depois**, com a cabeça fria, tu-

(dado 266) F- Sinceramente, a gente não precisava apanhar dinheiro com ninguém não, cara! É a mesma coisa (inint) o petróleo. (hes) O que que a gente faz-- -- a gente somos tão burro. -- Que que a gente faz com petróleo, aqui? A gente vende o grosso, **depois** ele vai lá, refina, e vende para cá para gente mais caro. Não é burro? Não somos burro? Por que que não tem refinaria , aqui?

(dado 267) F- Não sabe fazer macarrão? p", macarrão, é tu botar a água para ferver, bota um bocado de sal e deixa fervendo. **Depois** tu joga o macarrão aí dentro, entendeu? O pior aí ("é para") fazer o molho assim. (inint) (esposa fala algo) Mas tu faz, rapaz. Tu bota para- (olha para a esposa) tu bota para ferver, legal, tranquilo.

(dado 268) F- Não vou para cozinha não, não vou varrer!" Isso é besteira! Se ele pensar direitinho, está ajudando ela, sai mais rápido, entendeu! E está tudo em uma boa, rapaz! (criança fala) certo? Tudo tranquilo! "Eu não vou fazer, não sei o quê. Vou para a rua-" Tudo bem! Tu faz, **depois** tu vai para rua, rapaz! (hes) Não custa! Eu acho que não custa, mesmo! Eu não me esquento não.

**Falante: N° 26 (inquérito)**

**Nome: Jos.**

**Idade: 32 anos**

**Escolaridade: 8 anos**

**Bairro: Rio Comprido**

**Profissão: Vendedor**

(dados 269, 270 e 271) F- [Ah, adoro!] [eu]- (hes) eu não sei! Eu perdi o outro a semana passada com uma diarreia de sangue. Em questão de quarenta e oito horas perdi um cachorro, um fila de quatro meses. E no sábado, **depois** que vocês saíram daqui, eu descí [com]- com meu filho, fui saltar uma pipa aí na rua, (riso e) **depois** fiquei <ba...> bebendo aí (hes)um vinho... consegui esvaziar um garrafão, por incrível (rindo) que pareça, passei até mal. (est) Mas passei mal mesmo, mas (inint)- mas matei um garrafão! De vinho. (est) Aí, quando foi- <pa>, deitei- **depois** deitei aí pela sala [e]- e me acordei, eram onze hora da noite, (inint) senti a cachorra meia caída também. Fui cachorra estava boa.

(dado 272) F- Sempre gostei! (expira) Qualquer bicho, eu sempre gostei. Quando eu era criança, eu arrumava gatos. (hes) Então, de noite minha mãe...no dia seguinte minha mãe falava: "Ah, o gatinho criou asa, voou!" **Depois** de grande é que eu vim saber o que que era criar asa: ela pegava o gato de noite, não é?

(dado 273) F- Eu boto [a banha]- a banha- a frigideira na banha, joga o bife lá dentro e boto uma tampa em cima e saio de (rindo)perto. (risos) **Depois** de um tempinho que <tchiii!>, eu volto lá, tiro a frigideira tapada, espero parar [de]- de pular, desviro o bife, boto a tampa, (rindo) e boto no fogo de novo. (riso e)

(dado 274) F- Mas, eu como estava com um carrinho, aí, que eu comprei para trabalhar, mas ele estava precisando fazer um servicinho- esse mês de janeiro que era fraco, fevereiro- o cara me falou: "ah, te dou o carro em quinze dias!" Dia vinte e três eu botei o carro. Ele falou agora <o->- hoje ele me falou que só **depois** do carnaval. Quer dizer, eu não tenho condições de viajar sem carro mesmo. Porque é aquele negócio: está tudo comprado.

(dado 275) F- Muito bom! Consegui ter o que eu tenho, **depois** [que]- que eu casei. E se eu tivesse ouvido a minha mãe, no meu tempo de solteiro, eu teria muito mais. Muito mais mesmo.

(dado 276) F- Eu ganhava mil e quinhentos cruzeiros, pô! Ganhava dinheiro que nem um cão! (interveniente fala com a esposa do informante) Ganhava dinheiro que nem um cão, mesmo. Dinheiro que nem um cão. Sabe? **Depois** tive umas épocas mais fraca- quando casei- tu vê! Eu- em sessenta e nove eu ganhava mil e quinhentos; em oitenta- em setenta e quatro, quando eu me casei, eu ganhava oitocentas pratas (est) oitocentos cruzeiros.

(dado 277) E- A garotinha que tem quatro anos- (toca a campainha e cachorro late) A garotinha que tem quatro anos já vai para o colégio pago. Aqui, o (muxoxo f) casa de Portugal. (est) Mas, a patroa já quer tirar ele [do]- [do]- do público, e botar junto com ela lá, porque aí fica os dois no mesmo lugar, mesma (hes)- é um trabalho só. "Mas não é chegar e botar, não! Vamos ver- espera, aí! Vamos... tem matrícula, que [é]- é xis, tem **depois**, por mês, que é mais xis." Está entendendo? Então [vamos]- vamos estudar esse final de semana, vamos ver. "Você vai lá, vê quanto e, certinho a matrícula, quanto vai ser por mês dele.

(dado 278) F- E ele tinha levado uma volta do mesmo cara, antes, de quase dez mil cruzeiro- de quase vinte mil cruzeiro.

Que o cara tinha dado- tinha que dar quarenta, e só queria dar vinte. Ele precisou brigar com o cara para o cara dar os quarenta a ele certo. (passa veículo) O cara deu **depois** de muita briga. E agora o cara deu [cinco]- cinco mil e duzentos mole para ele, ele falou: "Não quero, não!" Ele (hes)- também é isso, sabe? [é filho]- é filho- meu pai é filho de português, mesmo.

(dado 279) F- Eu brinco de lutar [com meu]- com meu filho, o caramba- meu pai nunca me permitiu. Agora, (hes) sabe? É- sei lá! essa geração de hoje em dia está meio estranha. [muito]- muito, mesmo. **Depois**, então, que apareceu essa série [de]- de troços aí. Olha, eu sempre gostei de uma coisa- de duas coisas, desde que eu- [que]- que eu me conheço.

(dado 280) F- Não, porque eu sempre quis ter um filho. Eu não, ela, não é? Primeiro o homem. Nasceu homem. Aí, começamos a brincar, aí, **depois** de três ano aí, começamos aí, <pa>, não sei o quê, se distraímos, aí, <punft>! (riso de e) Aí, veio uma garota, não é?

(dado 281) F- [Não], nunca trabalhou- quer dizer, antes [de]- de nos casarmos, ela trabalhou com uma amiga minha, trabalhou uns- ainda uns dois meses. (est) Aí, logo **depois**, nos casamos, aí, nunca mais. [Agora,] me ajuda muito. [Me ajuda muito nos-]

(dados 282 e 283) F- Ela iria trabalhar. Ela gosta. Você vê, ela está ali na sala fazendo estrelinhas para fantasia de um amigo nosso, [aqui]- aqui em frente, (sorrindo) (hes) uma bicha louca, aí, muito bem, também, instruído muito- <fu->- funcionário do Banco do Brasil, professor, (hes) figurinista, não é? Desenhista, não sei o quê- então, o cara [está]- está fazendo uma fantasia que ele vai usar numa escola de samba e na outra. Numa tem estrela e na outra não tem. (cachorro late) (est) Então, o cara bolou um- uma- umas estrelas, que a quase (hes)- e ela está fazendo [para]- para **depois** prender na saia do cara com alfinete de fralda, sem <ras->- sem estragar a saia. **Depois** ele pega essa mesma saia e usa numa outra (est) escola de samba que ele vai sair. E ela (inint): "Ângela, você faz para mim?"

**Falante: N° 27 (inquérito)**

**Nome: Cla.**

**Idade: 32 anos**

**Escolaridade: 8 anos**

**Bairro: Deodoro**

**Profissão: Técnico de escritório**

(dado 284) F- [Desde sessenta.] desde sessenta, então, vai ficar tudo bem. O Botafogo também... para o Botafogo conquistar um título, o América tem que ganhar primeiro, **depois** o Botafogo vai e ganha. (risos)

(dado 285) F- Inicialmente dá, sabe? Logo assim [no]- no começo, a gente fica meio temeroso, mas **depois** a gente vai se acostumando, aí perde aquele receio todo. A gente faz troço que não deve, por exemplo: fumar.

(dado 286) F- É, Cida, para eventualidade de qualquer acidente, não é? Para se- tentar abafar de imediato, porque ...resolver o problema na hora, não é? **Depois** é que providenciava o bombeiro, essas coisa assim. Nós tínhamos esse- a Cida. Mas [nunca]-nunca foi usada ela, inclusive nunca entrou em- (riso) em funcionamento, nunca foi necessário.

(dado 287) F- Não, não. Até, quando eu entrei, antes de eu- eu entrei em setenta e três (hes) em setenta e dois. Então, quando nós entramos, eu entrei. ("eu fui") Concursado, entrou um grupo. Então, quando nós entramos, o pessoal, todo mundo usava roupa- tinha própria. Era um macacão, um negócio assim, sabe como é? Mas **depois** que nós entramos, aí começou a virar bagunça, sabe? (riso f) [Entrou muito jovem,] revolucionando tudo, aí foi caindo aquela- negócio todinho, aquelas exigências caíram todas quase.

(dados 288 e 289) F- Olha, (hes) não tinha não. O que eu acho até- sempre achei um troço meio errado, sabe? Apesar de nós termos feito [uma]- uma inspeção de saúde, mais ou menos rigorosa, sabe? Porque nós fizemos no HCE, em triagem. Então, nós fizemos uma inspeção, mas eu não- sei lá, eu não achei que ela foi tão forte assim não, porque eu, **depois** do pessoal, quando saiu a nomeação, nós começamos a se juntar- [eu]- eu, por exemplo, eu conheci muita gente na- foi antes de nós começarmos a trabalhar. Passamos, começamos fazendo inspeção de saúde. Então, **depois**, entrou junto comigo, começamos a trabalhar, eu vi muita gente meio desequilibrada. (riso)

(dado 290) F- Eu não sei- (hes) muitos, talvez já tenham entrado já com certo problema, talvez por isso tenha agravado até porque- existe muito barulho estranho lá dentro, sabe? (est) Existe, [muitos barulho]- muito barulho e não tinha uma

norma como [hoje]- hoje ela é adotada. é [de]- [de]- de abafamento [de]- [de]- de som, entendeu? **Depois** é que o troço começou a funcionar, que, de primeiro, o pessoal trabalhava com o ouvido sem nenhuma proteção. Um barulho ensurdecedor.

(dado 291) F- Ah! O pessoal não- precisavam de gente, colocavam. Então, antes da- (hes) daquele período [de]- de sessenta, entrou muita gente. Aí, quando foi em sessenta, saiu um enquadramento e quando foi [em]- em sessenta e dois, saiu o outro. Em sessenta saiu um pela lei três mil setecentos e oitenta, quando foi em sessenta e dois saiu outro enquadramento, a lei quatro mil e sessenta e nove. Quer dizer que- aí, enquadrou esse pessoal todinho. Aonde eles são estatutários são por isso. Já [não]- não aconteceu comigo. Eu entrei, tinha um número de vagas, no caso, cento e sessenta, para estatutário [e]- (hes) e o que ultrapassasse esse número, entrariam mais um bocado, seria mais cento e quarenta para perfazer quatrocentos, não é? Trezentos, aliás, eram trezentos que iam entrar. **Depois** é que entrou mais cem . Precisou, aí fez quatrocentos. Quer dizer, que o restante seriam celetista, pessoal regido pela consolidação das leis de trabalho.

(dados 292 e 293) F- Eu acho que não. Eu acho que- ainda tem gente esperando até hoje. Mas já perdeu a validade, não é? Que o concurso, ele- na primeira vez ele teve uma homologação por doze meses. **Depois** teve uma segunda homologação parece que por validade de seis meses. Acho que **depois** não houve outra homologação, perdeu a validade.

(dado 294) F- Mas aí eu- eu cheguei uma conclusão que carnaval ele é muito bom, no dia assim, ainda mas a sensação de vazio que dá **depois** do carnaval é um troço [que eu nunca senti.] É um troço incrível!

(dados 295, 296 e 297) F- Porque essa classe, no caso a minha, é- não sei, o pessoal vê no carnaval motivo de extravasar aqueles problemas todinho que consegue acumular durante o ano todo, aqueles sofrimento todo. Então, chega no carnaval, quer botar tudo (ruído) para fora. Mas **depois** vem o prejuízo. (est) Há o prejuízo que, não sei, é um troço interessante. É a- (hes) tem a estafa, não é? Que a pessoa se sente mesmo arrasado fisicamente, e também mental. Acho que é um- sei lá. É um vazio muito grande **depois**. A gente vê que é tudo irrealidade, sabe? É uma coisa irreal, ("o") carnaval. Da forma que a gente brinca, que <e->- essa classe brinca [é]- é irreal o troço. A gente está se iludindo, pensando que está fazendo alguma coisa de bom, [está]- está extravasando realmente, mas, **depois**, quando cai na realidade, vai ver que foi tudo fantasia. E o carnaval é fantasia mesmo, não é? (riso)

(dado 298) F- Ah, gostava. Nós gostávamos, (riso f)porque- tanto é, quando era- estava noivo tinha até problema para sair para o carnaval. Aquele negócio: ela queria ir comigo, eu queria ir sozinho. Então-(risos) então, mas a gente não perdia, não. Não perdia mesmo. **Depois** ("a gente")chegamos a uma conclusão: "vamos brincar junto mesmo." (risos) Aí brincamos. Durante...eu fiquei noivo quatro anos, brincamos quatro ano sempre...

(dado 299) F- O homem sempre teve mais liberdade. A mulher não. Era sentar, por exemplo, sete hora da manhã, ela se sentava numa mesa compridona, como essa aí, e ficava ali, às vez até onze horas, sentava, só escolhendo. E tinha um grupo de rapazes que vinha abastecer a mesa, entendeu? E elas ficava o dia todo escolhendo aquilo ali. Até a hora do almoço, **depois** voltavam- novamente.

(dado 300) F- Por exemplo, o- nesses caso vamos tentar, tentamos sempre caracterizar o abandono [de]- de emprego. É após trinta faltas, não é? Aí começa- aí faz-se uma sindicância para saber- procurar saber da pessoa, porque que ela faltou. Isso é um troço demorado. Então, **depois** que a gente faz essa coleta, aí leva para a repartição, aí se forma-se a comissão que vai- que é o presidente do inquérito, a comissão, não é? Que vai fazer o inquérito administrativo.

(dados 301, 302 e 303) F- E chega lá na repartição: "Ó, eu estou pelo médico, estou doente e pronto." Mas não. Fica naquele negócio. Vai ao médico hoje, amanhã vai trabalhar, vai ao médico amanhã, **depois** vai trabalhar, e **depois** falta um montão de dia. **Depois** volta para trabalhar. Aí complica, aí chateia até, não é?

(dado 304) F- É, porque a criança, eu acho que a criança no jardim de infância, a maioria delas, não é todas não,[ela]- elas só aprende aquele (hes) servicinho, claro, tem que ser aquilo mesmo, não é? Cortar papel e aquele negócio todinho, não é? Então, quando chega na hora de estudar, quer dizer, é sempre um ano ou dois **depois**, chega na hora de estudar que o troço é sério, aí começa o problema. A criança já não quer estudar. [Não está]- não está habituada àquilo. Já não acontece em casa.

**Falante: N° 28 (inquérito)**

**Nome: Lau.**

**Idade: 43 anos**

**Escolaridade: 11 anos**

**Bairro: Urca**

**Profissão: Técnico em contabilidade**

(dado 305) F- É. Um mês **depois** a gente vai ver uma coisa que comprou um mês anterior, já está caríssima. (silêncio)

(dado 306) F- (falando com o marido) Espera aí. Eu nasci [no]- no Flamengo, mas **depois**, (est) com treze anos, eu fui para Bonsucesso. Vocês conhecem Bonsucesso, já ouviram falar? -

(dado 307) F- É, fui para Bonsucesso, porque meu pai foi ser- era (hes)- meu pai também é contador- meu pai é contador e ele <foi>- a firma que ele trabalhava foi transferida para lá e ele <ado...>- (hes) só <go...>- meu pai [é]- é o tipo de homem, assim, muito conservador que gostava de almoçar em casa, e ele achava que tinha que morar perto do trabalho, sempre. (est) então nós mudamos para lá. Agora, **depois** que eu casei, eu voltei outra vez para o Flamengo- para o Catete. É a mesma coisa que eu ("falei.") aí, de- do Catete eu vim para cá, onde eu já estou há quinze anos.

(dado 308) F- Muito severo! Não era dizer, assim, que fosse brabo, mas [era aquele]- era aquele regime antigo. Como você diz, as pessoas eram diferentes, os pais eram diferentes, os filhos eram (est) diferentes, não é? (est) eram bem diferentes. Meu pai era um homem muito, assim, severo e **depois**, talvez por causa da religião também que ele seguia muito ali.

(dado 309) F- [Mas ele] não é italiano, ele é filhos, mas o meu pai não era não. Minha a família da minha mãe que era. Meu pai aceitou- se converteu **depois** que casou com a minha mãe.

(dado 310) F- Não estou dizendo a você que eu só ia ao cinema, porque cinema era o tipo de diversão que tinha cedo, então eu podia ir, estar seis hora da tarde, oito horas, em casa, não é? (est) teatro, naquela época não tinha nem sessão das oito, era só às das dez horas. Então, eu não tinha condição de ir, porque eu não podia chegar em casa **depois** de oito e meia, nove horas.

(dado 311) F- [Ela às vezes] tinha vontade de deixar e de fazer, mas não fazia com medo da reação do meu pai, não é? (est) Não que eles- que eles <vi...>- sempre se deram muito bem, mas ("no que",) justamente para não brigar com ele, ela não ia contra o que ele determinava. (est) E- **Depois** que casou, então, foi melhor do que (inint). a senhora também [inint].]

(dado 312) F- Era assim. Você via uma mulher de calça comprida, você sabia que <ela>- ou ela ia para um piquenique, ou ela ia para praia. Era assim, **depois** que começou. Ninguém ia para o centro da cidade de calça comprida. [bobagem.]

(dados 313 e 314) E- É. Eu acho que por causa desses problema: eles indenizavam e mandava a gente embora. (est) **Depois** eu parei. Casei e parei quatro anos. a minha filha nasceu, eu voltei a trabalhar, ela já tinha quatro anos. é, aí fui trabalhar [na]- na comissão de marinha mercante. Minha irmã era funcionária lá, arrumou para mim, eu fui. Aí fiquei lá mais quatro anos, foi quando eu vim para aqui. Aí meu filho era muito pequenininho, fui- vim morar longe da minha mãe, que quando eu morava no Catete, eu morava perto dela. Então nós viemos para aqui, aí eu parei também, porque ele era muito pequenininho, não tinha com quem ficar, assim uma pessoa de confiança. Parei mais, eu acho, que uns cinco anos. Sempre assim, sabe? Parando quando (hes) havia necessidade, que eu sentia, eu parava. (est) **depois** (hes) emendei e estou até hoje. Aí não parei mais. Filhos já estavam crescidos, com sete anos-

(dado 315) E- Porque eu tive um amigo que trabalhou na Dijon e ele me contou o seguinte, tinha que tratar bem, não é? E se aceitasse (rindo) cheque sem fundo, **depois** ele (f) tinha que cobrir, [não é?]

(dado 316) F- [Não.] Não (hes) (inint.) lá na Dijon é assim? (fala inint de f) Não, lá onde eu trabalho [o]- o vendedor não nem o caixa mesmo não paga, porque isso é uma transação da- do cliente com o caixa. O (hes) vendedor faz a venda do <mo-> **depois** ele passa para o caixa. mas lá eles não costumam fazer nem o caixa pagar, eles procuram- se bem que lá na loja onde eu trabalho não- muito pouco cheque sem fundo. Muito pouco mesmo!

(dado 317) F- É sim, não dá não. Não dá mesmo. (est) A não ser que você segure o cheque, mande entregar a mercadoria **depois**- mas se não fizer isso-

(dado 318) F- Dependendo, se for cheque ao portador, você pode ir ao (ruído) banco e sacar na hora, (f) não é? (est) Ver se tem ou não, mas se for o cheque cruzado, como eles chamam, só dois dias **depois**. Quarenta e oito horas é- (não

há interrupção do discurso)

(dado 319) F- É. Que o banco devolve. Aí você sabe. Porque o cheque, ele é compensado no dia seguinte, mas o banco só te devolve no outro dia. (est) A não ser que seja um banco vizinho, assim colado, que te chame lá, mas se for um banco mais distante da loja, ou do estabelecimento, você só vai saber quarenta (hes) oito horas **depois**, não é? (pequeno silêncio) (barulho)

(dado 320) F- Se ela pensa, ela- ele, acho que não. Pelo menos ele já foi franco em dizer- e eu acho que ele está muito certo. Que isso é muito novo! De repente casa e **depois** num dá certo, não é? (est) Eles são muito novos. (est) E ele, não é? (est) muito novo, [ainda]- ainda está também estudando e tudo. (est)

(dado 321) F- Então e meu pai disse que o escritório dele vai ser para ele. Porque eu não quis seguir, não é? (riso i) meu pai ficou meio chateado com isso, então [meu pai]- e meu pai disse que escritório dele- --"pois é, eu vou fazer contabilidade, **depois** eu faço direito, porque aí eu fico [com]- (est) com meu pai e com meu avô." -- (risos)

(dado 322) F- É, me deu a maior força, (f) e eu realmente comecei a ter um pouquinho mais de liberdade **depois** que eu comecei a trabalhar, porque eu acho que ele pensava: "bom! ela trabalha, não é? Já tem juízo (hes)" e aí (risos) deixava eu sair mais um pouco, mas realmente-

(dado 323) F- [Vem cá,] e vocês **depois** passam na sala de aula?

(dado 324) F- [Ah! Não é para os alunos.] (est) Eu pensei que fosse um trabalho para eles. (est) ah sim, não. E- Isso pode ser até **depois** assim...

(dado 325) I- [É a maneira de falar-] os som é são pronunciados, (est) a maneira como a pessoa (hes) monta as frases e- (est) quer dizer tudo isso é coisa que **depois** interessa para gente.

(dado 326) F- Diversão! Eu (hes) eu tiro aqui por casa, porque eu e ele, a gente todo sábado saía. como eu estou dizendo, a gente gosta de teatro- a gente ia o teatro quase- (inint) todo sábado, jantava fora **depois** do teatro. Agora já não dá mais para fazer toda semana, não está dando mais. [A gente vai uma vez, duas por mês-]

(dado 327) I- Não. Não foi o Melquior não. **Depois** eu te digo quem. [Uchoa, (inint)] Ah! Ele é lá da faculdade, eu me esqueço.

(dados 328 e 329) F- Pode usar galinha, pode usar palmito. Você pode misturar o palmito com o (est) camarão, você pode misturar galinha com palmito, você pode fazer de carne- (est) e a galinha é a mesma forma. Só que você- a galinha tem que desfiar, não é? (est) **depois** de refogadinha, você desfia, (barulho) mas faz esse mesmo tipo de minguaquinho, mistura o- (est) a maisena no leite, fora do fogo que é para não embolar, **depois** joga lá dentro da panela e vai dando o ponto, até dar aquele pontozinho. (est)

(dado 330) F- Pode. Também faz do mesmo jeito, da mesma forma, refoga o palmito e **depois** faz também a mesma coisa.

(dado 331) E- E é quando **depois** que a senhora casou (inint) problema de cozinhar, (rindo) coisa que estragou, que não prestou? (f)

**Falante: N° 29 (inquérito)**

**Nome: Dor.**

**Idade: 44 anos**

Escolaridade: 8 anos

**Bairro: Ilha do Governador**

**Profissão: Sem profissão**

(dado 332) F- Tiraram a alça da capanga de um deles e fingiram que iam amarrar a perna da menina, não é? E desceram. Ela, aí, de joelhos, se arrastando, abriu o elevador, só tinha, na época, eu e uma senhora aqui de baixo, (est) do apartamento cento e um, e ela bateu lá na senhora e a- elas ligaram para polícia e quando chegou, eles já tinham ido embora. Quer dizer, a segurança (rindo) não tem nenhuma. (f) Nos mesmo já <sa...>- (riso f) aí **depois** resolveram,

colocaram o porteiro eletrônico, [mas não- vive aberta.]

(dados 333 e 334) F- Bom. Eu acordo seis horas da manhã, diariamente. (est) É, seis horas da manhã, (hes) acordo às seis [e]- e faço o café, não é? Arrumo a casa- não, eu- **depois** do- que eu tomo o café, eu vou levar a garota na escola, (riso f) (est) não é? Levo a menina na escola, volto, arrumo casa, faço o almoço, vou pegar os meninos na escola, almoço, aí, dou uma ("descansadazinha"), pouca coisa, (riso) **depois** continuo, não é? Não tem [quem faça.]

(dado 335) F- [(rindo) Não, o meu é estrogonofe mesmo.] (f) É. O estrogonofe, você parte a carne em tirinha, não é? (est) De preferência. É- tempera com sal, eles mandam colocar pimenta, <so->- eu não uso. Aí você coloca na panela, <m->- manteiga, cebola picadinha (est) e deixa fritar. Joga a carne ali, já temperada, não é? Com o sal, os sal, e, aí, deixa fritar bem a carne. (est) Não coloca água nem nada. Vai mexendo, de vez em quando, **depois** você flamba com- você joga um pouco de-

(dado 336) F- Ah! Ir para Barra! Pois é. (riso) Eu <in...>- eu não- se eu for para Barra, eu penso no são bento. (est) Porque mesmo que **depois** (rindo) eu volte para Ilha, (f) o São Bento tem condução aqui, [que]- que [(inint.)]

(dado 337) F- [Ah! É uma] delícia, é. Porque durante o dia, você tem piscina, não é? (est) É. O almoço, eles colocam, também, assim, na- no lado de fora, na borda da piscina. Então, você passa o dia todo na piscina e à noite, não é? Ou **depois** do jantar, tem baile, brincadeira, boate- ah! É uma beleza, é uma-

(dado 338) F- Não, não, não, não. Não, **depois** acabou- quem fez foi um desse. Eugênio c, foi um desses que veio fazer a viagem, sabe? Até Manaus.

(dado 339) E- (rindo) **Depois** que você viaja uma vez de avião, você (est) não viaja mais de carro. (f)

(dado 340) F- [Não. Porque] ele é- ele é militar, não é? Então, eles ficam meio [<a->-] é. (riso e) Eles ficam meio assim, **depois** aonde trabalham, também, não é? No palácio, eles ficam meio- você sabe que os bicheiro estão muito-

(dado 341) F- [Não, já- usava,] mas não tanto, não é? (est) Não tanto. Eles agora, eles chegam a inventar, não é? (est) O- maneiras de falar mesmo. Ô, o meu garoto, junto com os colega, de vez em quando, eles estão com uma maneira nova, precisa a gente: "olha que vão ficar viciado, vai falar assim, ("**depois**,") (hes) não é? (hes) Na frente de uma professora, de uma pessoa." Quando vê, eles estão falando de um modo esquisito, não é? E- eles mesmos chegam até inventar. [(inint-)]

(dado 342) F- Aí, ela vai me dizendo e aí é que eu sigo um pouquinho, porque do contrário de repente, eles resolvem e terminam e, aí, acontece tudo. É casamento no mesmo dia é o nascimento da criança e- aí, eu prefiro não assistir. E **depois**, também, a <o->- a hora da novela é a hora que eu estou vendo janta, não é? Essas coisas assim. não me prendo mesmo.

(dado 343) F- É o que está acontecendo pela cidade, ela bota um repórter em cada- lugar- quer dizer que (hes) de tudo que está se passando. tem jornal de meia em meia hora, (est) quer dizer você fica bem informada, não é? (est) Eu gosto muito. E **depois** quando <ca->- acaba o dela, aí eu assisto o Haroldo de Andrade (riso) na globo, até meio-dia e meio só, também, **depois** não escuto mais ("rádio"). [Agora gosto muito música.]

(dado 344) F- Assisti. O da Elizete eu assisti duas vezes. (est) E do Néelson, o dia que (pigarro) a Elizete cantou, que foi um vereador que deu um jantar lá, ele se apresentou também. E **depois** eu já fui assistir, fui a (cunha-)- no dia vinte, dia dezoove eu fui assistir ao show do Néelson. Está muito bom ("não").

**Falante: N° 30 (inquérito)**

**Nome: Ari**

**Idade: 43 anos**

**Escolaridade: 8 anos**

**Bairro: Recreio**

**Profissão: Sem profissão**

(dado 345) F- Mandou, **depois** <mandaram>- o delegado mandou que [fosse]- fosse reconhecer, não é? Os ladrões, que eles tinham pego uma turma por aí, mas eu aconselhei e outras pessoas também aconselharam a não querer reconhecer. Não adiantava mais, não ia recuperar as coisa. O dinheiro, ainda se ganha outro, mas [e]... [e]... e o cordão?

(dado 346) F- Ah, é um pouco. Agora com esse... essa...com esse negócio de política, não é? Agora tem mais- esse Heitor Furtado, tem mais um outrozinho anda botando umas joaninhas por aí, mas que só (est) <a->- passam **depois** que [o]- que já (rindo)ocorreu o assalto, não é? (risos)

(dado 347) F- Adoram. Vascaíno doente. Um falou que se perdeu, porque não botaram o Roberto. (riso e) (rindo) [o Roberto]- o (f) Roberto é vascaíno, não é? (est) (dirigindo-se à filha) -- Andréia, fica quieta, Andréia. **Depois** eu te pego. Olha como é que é saliente. (riso e)Eu não entendo futebol nada não e não gosto muito não, não gosto de futebol.

(dado 348) F- (rindo) (inint) **Depois** dessa, ninguém pode prever nada, não é? Porque essa (est) estava com tudo, com tudo certinho para ir lá e voltarmos [com]- com o caneco. Quando acaba, ficou nisso. (est) Foi um a vergonha, não é?

(dado 349) F- (est.) E ele é... o negócio dele é o ponta, não é? (risos) Que ele- tem a ... (hes.) deixa eles falarem aí, não é? E acho é isso. [eu]- Eu vi o Telê. Eu fui na minha mãe **depois** da copa, dia dos pais, eu vi o Telê. Mas sabe que que tive vontade de xingar o Telê, (risos) vi o Telê. Ele estava...

(dado 350) F- É trinta e poucos (inint). O ano passado que ele falou. Falou que era trinta e poucos, [que ele]- que ele dava, e **depois** ele (inint) botava o meu filho lá dentro. Sem pagar nada.

(dados 351 e 352) F- Porque a minha cunhada está na faculdade, mas é paga. É lá em Campo Grande. E ela já ("tem") assim certa idade, não é? Deixou de estudar para casar. Com quinze, dezesseis ano, largou os estudos e **depois** teve vontade de estudar. Ela- é ela as... os dois filhos são professoras, não é? Meninas ainda nova. E ela terminou leciona e agora na faculdade e passou em oitavo lugar, (est) porque ela é inteligente, não é? Ela é uma pessoa inteligente. Mas [meu]meu sonho ("do") meus filhos fossem ("...") faculdade. Perdi o sonho com um, com o segundo, agora com esse. Ele tem a vontade, sabe? Mas não sei se consegue. Meu marido disse que paga, (inint.) que paga. Mas: "Ah, meu pai fica chiando, a gente não trabalha, a gente não ganha dinheiro. **Depois** meu pai fica chiando. Ai! Eu não quero nada assim não. Isso é esse: "Não (est) quero nada assim!

(dado 353) F- Carne assada é- eu aqui eu faço assim: eu boto lingüiça, um pedaço de tocinho, tempero, não é? E boto. Boto um pouco de banha no fogo, óleo, pingo um pouquinho de açúcar para corar e boto a carne e [vou]- vou pingando água sempre. Pego e fico um tempão ali para esperar a carne ficar bem cozidinha, **depois** coradinha. Às vezes eu ponho até um pouco d'água, quer dizer que para ela cozinhar um pouquinho, quando vai corando, aí que eu vou pingando a água.

(dado 354) F- Não, não foi ontem não. E eu esqueci o nome. Hum, mas filmes [eu]- eu, quando <era>, quando eu tinha eles pequenos, eu ia todo domingo o cinema. Todo domingo ia ao cinema, **depois** a gente ia jantar fora. Ia na churrascaria lá na Freguesia, não é?

(dados 355 e 356) F- Ah, casar, eu aconselho, porque isso é uma realização da mulher. A mulher foi feita para casar, não é? Para ter seus filhos. Eu acho que a mulher deve casar sim, mas ser ela mesma, ser independente, trabalhar fora ou trabalhar em casa, ter a sua vida, entendeu? Mas casar sim. Não muito cedo. Eu acho que a mulher deve casar **depois** dos vinte e cinco. **Depois** de vinte e cinco anos já é uma idade já amadurecida, não é? porque como eu. Eu casei na <ne...> nova, você sabe?

Falante: N° 31 (inquérito)

**Nome: Geo.**

**Idade: 58 anos.**

**Escolaridade: 8 anos**

**Bairro: Grajaú**

**Profissão: Industriário aposentado**

(dados 357) F- Muito inconstante nessa- nesse aspecto assim de- minha mãe é que dizia, quando eu era garoto, ("disse assim"): "Ah, você chegava perto de mim: "Ó, mamãe, (hes) eu vou para o Amazonas, ("vou") apanhar uma borracha-" Eu ("disse"): "vá meu filho!" Seu pai dizia: " Não vai! Não sei o quê, não deixa esse menino-" (inint) "pode deixar que ele não vai para lugar nenhum não". E (riso f) **depois** era verdade mesmo, que eu desistia, não ia para lugar nenhum.

(dado 358) F- E nós gostamos daí. Eu e ele e tal passeamos aí pelo Grajaú, aí rodamos esse negócio todo e tal. Então,



**depois** que essa moça fez essa reportagem, negócio de jornal, de prefeitinho, essa coisa toda, não é? (est) Aí o pessoal: (hes) "Ah o prefeitinho-" aí passo na rua: "Ah, o prefeito, olha o prefeito e tal." [Aí o outro-]

(dados 359 e 360) F- E quando chegou no dia seguinte, que eu desço aqui, o jornalista me chama ali [na]- na banca, não é? e eu, aí, eu vejo o meu retrato lá: "O prefeitinho do Grajaú! Conhece (buzina) todo e todos, não sei quê. O homem que atende a todo mundo!" (f) E até **depois** aconteceu um caso gozado, porque, **depois** que saiu aquilo, no dia seguinte, apareceu um senhor lá na praça (buzina) e (inint) ficou me olhando e disse assim: (f) "O senhor é o prefeito daí, não é?"

(dados 361 e 362) F- [Não, **depois** ela conversou.] Não saiu só meu retrato, não. Meu retrato saiu, foi o maior retrato que saiu na frente, assim, do jornal e tal, mas **depois** saiu aqueles três por quatro, aquela porção [de]- de retratos pequenininho de moradores aqui, não é? e outras pessoas falaram, não é?

(dado 363) F- [O meu garoto]- o meu garoto mais novo, ele põe o- a comida para o menino dele, para o meu neto, e o garoto ("diz"): "Não quero comer." Ele pega, recolhe o prato do garoto. E **depois** o garoto chega e diz assim: "estou com fome." Ele ("diz"): agora só jantar, você não disse que não queria comer?" Na minha- no meu tempo não, tinha aquele negócio de peninha, e a hora que queria ir, ia a vovó lá fazer a comidinha, entendeu?

(dado 364) (CONTINUAÇÃO DA CONVERSA ACIMA) A neta entrou dentro da banheira, que aí tem banheira, e pegou uma lata de talco, encheu a banheira de talco, saiu toda branca pintada, todo mundo riu, achou ("ela") uma graça danada, bonito: "Que engraçada a garota e tal-" não é? E o vovô **depois** (falando rindo) vai lá limpar a banheira toda e tudo bem. Por isso é que eu não quero papo com neto, a não ser conversinha assim, (falando rindo) mas não é só neto não, é geral.

(dado 365) F- Não, [eu]- eu vendia em farmácia e cobrava nas farmácia, não é? E **depois** quando (hes) melhorou o laboratório, porque o laboratório é uma potência, laboratório aqui é o melhor laboratório que tem aqui dentro.

(dado 366) F- Esses papo de pessoas fanáticas [que]- que- não é? É- acham que tudo é- aconteceu, porque fez isso, porque fez aquilo ("[e]-") e não critico, porque eles lá se sente bem, mas é para minha cabeça, não dá para escutar aqueles papo de- está entendendo? E de fanatismo, [de]- de bobajada, [de]- de fez e não sei quê, e **depois** vem um livro e assina cem cruzeiro e o outro duzentos, e a gente não sabe para quem que vai aquele dinheiro, e no meio de boas <pe->- e (hes) boas intenções também tem as más intenções, entendeu?

(dado 367) F- O tranqüilizante, o tranqüilizante, eu vou tomar [um]- um Valium, um remédio desse qualquer para dormir, então, eu tomo hoje de cinco miligramas, amanhã tomo de dez, **depois** de vinte, fico viciado naquele tranqüilizante, só vou dormir com aquilo. E vou dormir e no dia seguinte, eu vou acordar com os mesmo problema.

(dados 368, 369, 370 e 371) F- Com um não, eu não gostaria não, porque eu tenho um gênio meio enjoado, meio esquisito. Eu gosto de ter a minhas coisas, eu não gosto [de]- de privacidade de ninguém. Eu, **depois** que casei, eu entrando na casa da minha mãe, e eu nunca, eu fui lá abrir gaveta, e mexi, nem coisa nenhuma. E eu também não gosto que façam isso comigo, entendeu? Então, morando com filho é- ia ser um transtorno, porque eu tenho um modo, eles têm outro. E- não é? E aí ("ia **depois**"): "Poxa! Separou da mulher, separou da outra, separou do filho." Aí o cara é chato mesmo, não é? É enjoado. Então. Eu prefiro [não]- não entrar nessa. Mas gostaria [de]- de uma assistência maior, de um apoio maior, não é? E um domingo desses aí minha nora passou lá na praça (inint): "O senhor vai para a onde?" Eu digo: "eu vou para lugar nenhum, vou ficar aqui." "Vamos até o Carrefour lá. Dar uma volta, e **depois** o senhor (vai almoçar lá em casa e tal? Vamos." Então, ela não sabe, mas aquele domingo foi um domingo para mim <pro>- sair com filho, não é? A nora, fomos passear. Então eu voltei a mais ou menos o que eu era, aquele negócio todo. **Depois** ele vai embora para o lado dele, eu venho para o meu, tudo bem, não é? Então, é [esse]- esse negócio, porque- às vez a pessoa diz assim: "Ah, o sujeito não tem isso, e tal.

**Falante: N° 32 (inquérito)**

**Nome: Cid.**

**Idade: 47 anos**

**Escolaridade: 5 anos**

**Bairro: Inhoaíba**

**Profissão: Eletricista aposentado**

(dado 372) F- Campo Grande. É aqui logo. Aqui **depois** de Benjamim- É. Entre Campo Grande e Inhoaíba. Ali por

Benjamim Dumont, para lá um pouco ("a regional"). (pequeno silêncio)

(dado 373) F- Quer dizer, ("vinha"), trazia um caminhão, já deixavam ali na estrada, mas, se eles soubessem que ("isso") vinha vendido para alguém, ai/ ("ele") levava tudo, nós não compravam mais. Porque eles: "tudo bem, (inint) vendia para os senhores agora." Mas **depois** (inint) não estão mais aqui. Tem que vender, então, ("tem lugar para se")- dá de graça para eles, ("compreendeu")? (Voz de pessoa ao fundo) dar de graça.

(dado 374) F- Eu não sei, porque eu não sei se os outros países <custo> de vida não deve ser muito grande- que a Argentina esteve pior do que nós estivemos, não é? Está- o- (hes) a Argentina levantou, não é? (tosse f) Quer ver outro país também. Na Itália, teve uma época aí também que foi um- [foi horrível,] não é? Está lembrado? E **depois** levantou. Mas aqui acho que não- ("se") não tiver certo- não há patriotismo.

(dado 375) F- Ele terminou o científico. Faculdade, eu não posso pagar para ele. Não tenho condições, porque não "está"- não dá. O que eu ganho não é suficiente para pagar a faculdade. Então, quase <to...>- é o caso é o <seguinte>: eu (inint) o científico ("e") os filho. Até o científico eu sempre agüentei. **Depois**, eles terão que trabalhar e estudar, como os outros fizeram, não é? minhas filha, um dos meus filho. Justamente esse, coitado- É. É. Está desempregado.

(dado 376) E- ("Aqui na") Amaral Peixoto, não é? (est) ("Eu era ali")- nesse tempo, eu era escoteiro, eu era garoto. Ela morava ali na rua presidente de Moraes, onde é o palácio [do]- do governo. (est) É, ("saiu") o almirante (inint) Guimarães, **depois** veio o Amaral Peixoto. (est) É, nessa época eu era garoto. Então, (inint) eu era escoteiro, Amaral Peixoto ainda <e->- ainda ("até") autografou nosso livro, assinou e tudo.

(dado 377) F- Três vez quatro- quatro vez quatro, dezesseis. É uma base de cento e cinqüenta e- cento e quarenta, cento e cinqüenta e poucos mil cruzeiro. (est) Não me lembro. Mas **depois**, ganhar quatro salário mínimo, não é qualquer- ("não, são") pessoa especiais, porque- operário especializado, não é?

(dado 378) E- [É, não sobrou mais] [lugar] [para o homem.] [ [É.](inint)] [O cara fica só um ou dois dias na reserva e **depois** vai para um] [posto.] [Quase nada.] [É.] [Muito pouco.] [Que coisa,] [não é?] [os Vargas sempre] [foram] trabalhistas [de]- de lutar pelo povo.]

(dado 379) F- Ninguém mais pode entrar e sair todo mundo." Muito bem. Quando chegou ("daí"), o camarada disse assim: "Olha, (hes) daqui a pouco vai chegar aí [o]- o jardineiro aí que ele é- tem aí mais de quarenta ano, ele vai entrar. E **depois** chegou o Mendonça que é o chefe [do]- do departamento: "Vai entrar." Eu digo: "Não. Aqui ele não vai entrar. (tosse e) De maneira- de forma alguma."

(dado 380) F- Aquele tempo usava aquela espada grande, não é? (barulho com a boca) E era- e quem não- (est) é- é- ah! E não (hes) naquele tempo era aquela ignorância mesmo. Aí, pulamos aquilo ali, (foi)- o exército também **depois**: Ah, sai por aqui, vai embora. Quer dizer, era assim- (hes) para nós adquirirmos uns direito, (tosse E) foi tudo lutando, compreendeu?

(dados 381 e 382) F- Aí (tivemos) era uma coisa- é. (Tivemos- é) telefônica, gás, Carriso; tudo era uma coisa- tudo era Light, entendeu? Agora foi separando. Separou primeiro- o primeiro a separar foi- foi a telefônica, **depois** foi a Carriso, **depois** foi o gás. Foi o último a se separar foi o gás. Então, nós estávamos- aí, veio o- justamente o- era um coronel, coronel Rossi.

(dado 383) (CONTINUAÇÃO) O sindicato tinha força naquele tempo, não é? Tinha força, o sindicato, aquele tempo. Aí, ele aceitou, acatou, deixou- parou o carro dele, tirou as identidade dele, documento dle, nos entregou foi lá dentro, apanhou os livro dele, **depois** foi se fosse hoje em dia, (ia dar) o (hes) um mandato (inint) lugar.

(dados 384, 385 e 386) (CONTINUAÇÃO) E quando nós estávamos em greve, o sindicato nos dava cobertura de acordo com a situação que tivesse uma- uma certa importância para abastecimento, qualquer coisa que (a gente <ti...>-) **depois** <pa...>- **depois**- depois pagávamos, não é? **Depois** nós só pegávamos quando voltava ao trabalho. Aí, quando eu chego, diz assim: "olha, João Goulart foi deposto". Aí, eu- eu dizia: "Não é verdade". Que não (o que)- mas eu não sabia qual era o caso.

(dado 387) (CONTINUAÇÃO) Tinha revolta- é, justamente tinha. É justamente o sindicato mais forte que existia, não é? Na atualidade. E **depois** metalúrgico também. É o sindicato forças- que forçaram mesmo, que era do- esse Jair <s->- era

o Cerqueira, dos marítimo, do- do metalúrgico, o nosso e o do- (do marítimo).

(dado 388) (CONTINUAÇÃO) Mas ele, então, são <as->- tão safado, que até o rádio de pilha que ele deixou lá, as coisa dele, caneta e tudo, ele saiu do- (<pa...>)- pessoal que estava em intervenção a polícia que estava em intervenção apanhou tudo que estava lá. De valor, carregaram tudo, entendeu? Aí que eu vim saber **depois** porque que a greve era não era uma greve legal- não. Você- faz greve. Amanhã se eu sei que é para defender seu ponto de vista, eu não teria (me envolvido).

(dado 389) (CONTINUAÇÃO) Quer dizer que, então, conservação não gasta isso. Agora, eu não entendo o país, como é que está- (inint) agora. Passou para parece que setenta cruzeiro a partir de (dia <prime->)- **depois** de amanhã. Parece que é- (est) é- é-, setenta cruzeiro.

Falante: N° 33 (inquérito)

**Nome: Ago.**

**Idade: 60 anos**

**Escolaridade: 5 anos**

**Bairro: Marechal Hermes**

**Profissão: Aposentado (diversos)**

(dados 390 e 391) F- [Um] Monza. Ele tem uma- um outra Chevrolet- o filho tem um Opala, ele tem um (inint)- antigamente era (muxoxo) Veraneio. (est) Veraneio nova, do ano,(inint)- a filha bateu com o Fiat, desmanchou. Ali na Oswaldo Cruz, não é? Um mês **depois** ele comprou um Monza. E ela, ele não dá nada. Naturalmente, porque ela (hes) é assim. Está entendendo? (est) Ela é assim, está (inint)? Que as outras têm tudo. A outra, casada com oficial da Aeronáutica, (tosse de e) dá tudo a ela. ("Então,") ela vive mais na casa do pai do que na própria casa. (est) E essa não. (est) Não sei, (hes)um gênio estranho, um gênio esquisito, está (inint)? Com essa carinha de sonsinha, de vez em quando dá umas patada firme na gente- (inint) ("tu") quer abrir o livro, fica quieto, não é? porque não quer, **depois**, ("vai") dizer que eu já não me dava com ("o") pai dela. Hoje, eu me dou, não é? mas não me dava com ("o") pai dela.

(dado 392) F- E eu acho que moto é muito perigosa, porque eu já andei de moto, quando era rapaz- a gente("não") acha- quando é rapaz não acha que é perigoso, **depois** que fica velho assim, para os filho, acha que é perigoso, não é?

(dados 393) F- Gostosa, não é? Eu andei lá no Rio Grande do Sul. Andei de moto, Terezinha andou, toda medrosa se agarrando lá no filho. **Depois**: (imitando) "é, gostei". (f) (risos) ("Eu digo: "é você") (rindo) Está ficando transviada **depois** de velha." (f) (risos)

(dados 394 e 395) F- Ah, ela (hes) veio aqui para Marechal. Eu vim (inint) para cá, (hes) para Marechal em mil novecentos e vinte e quatro; e, em vinte e três, eu morei em Anchieta; (est) vinte e quatro, meu pai comprou- morou aqui, na ("Guatabu"). **Depois**, comprou uma casa em vinte e oito- então, eu, **depois** que saí da aeronáutica, em quarenta e oito, que eu comprei um táxi. ("que") Foi a pior vida que eu tive- que hoje se vocês me der uma frota de doze carro do ano- ("disse:") "Olha, eu te dou uma frota de doze carro do ano, pode escolher o tipo de carro que quiser.

(dados 396 e 397) F- Eu deito- não, porque ela não tem força, não é? Doutor Frederico bota a mão em cima do pulmão e (hes) dá aquela- aquele impulso, menina, estala tudo. (est) Parece um feixe de mola (fala rindo) de carro velho. **Depois** bota aqui na cintura; **depois** nas nádega. É <crap>! Estala tudo, não é? (f) Então eu mando a Terezinha.

(dados 398 e 399) F- Vinha andando, é. (hes) Escorando na parede, e eu deitado assim, não é? Ele virava ("ali") para a parede, ia pisando na coluna assim. (faz o gesto) Ele tinha uns dez a doze quilo na época.(rindo) (inint) ("O Milito era muito") sem - vergonha, **depois** de um certo tempo, uns cinco minuto, ele aí dava cambalhota na minhas costas, (risos) pintava o diabo, (inint)- caía lá da cama. No outro dia eu <fi...>- eu falei com ("ele")-isso com ele- ele já deve ter uns dezoito ano, não é? Ele ria que se escangalhava. Está um cavalão, não é? um rapaz forte, não é? Eu digo: "Milito, você se lembra, quando você (hes) andava na minhas costa?" Ele aí começou a rir. Eu digo: "Está rindo, não é? Seu sem vergonha, que você, **depois** de - cinco minuto, começava a plantar (rindo)bananeira na minhas costa, dar cambalhota"- uma vez ele me cegou mais de duzentas codorna.

(dado 400) (CONTINUAÇÃO) Então você tem que botar a ração assim no chão, não é? para elas ir ("aprendendo") fazer aquele rastilho até o comedor. **Depois** de três, quatro dia, elas já começa ("ir") no comedor baixinho, não é? Próprio

para elas. Milito foi lá, me entornou água em cima das codorna, fez uma lama [na]... [na]... [na]... (hes) na razão; as bichinha ficaram toda colada, (inint).(est)

(dado 401) F- Terezinha, guarda isso aí, porque, se esse besta abrir a caixa e ver que tem cinco mil cruzeiro, ele não vai aceitar os cinco mil cruzeiro e, ainda (hes), dá um (rindo) baile." ("**Depois** que ele foi embora que Terezinha-") "Olha, o Laurindo deixou isso aqui (f) com cinco mil cruzeiro." "Por que que tu não me avisou?"

(dados 402 e 403) F- [Eu] aí **depois** percebi. (tremulação) **Depois** de perder (f) uns fregueses novos assim, três ou quatro vez: (est) "Sim senhor eu vou trocar." (riso de e) E trocava mesmo. Trocava mesmo!

(dados 404, 405 e 406) F- Eu gostava de ver a discussão dos dois, não é? Ficava os dois discutindo aqui. Aí, esse aí é todo afobado, tudo que vem à cabeça, ele solta, não é? Aí, **depois**, (hes) ("virava assim") para mim: "papai, eu não tenho razão?" "Não estou nem prestando atenção à discussão de vocês." "É ("que") (inint)-" "Não, meu filho, você perde muito. Tem paciência. Você não pensa o que vai falar. Você fala tudo o que vem à cabeça." (hes) ("Que") às vez eu pego- ("pensar") que a discussão tinha acabado, aí o Marquinho leva cinco (rindo) minuto para pensar, para **depois** responder. (est) (f) O mais novo, não é? Ele está quieto, estavam discutindo ele- quando ele tinha que responder, ele ficava quieto. Eu digo: "Bem, acabou a discussão." Cinco minuto **depois** (rindo) o Marquinho ia responder. (f) Eu achava que ele pensava mais, não é?

(dados 407, 408 e 409) F- Minha garagem era- eu <des->- desisti, não é? Ele venceu pelo cansaço, não é? Cada telha quebrada, era uma surra que eu dava nele. Cada uma telha quebrada era uma surra. Aí eu desisti **depois**, não é? Ele (rindo) levou mais de duzentas surra- (f) (risos) Ele quebrou o vidro do ônibus da Suburbana, deu uma pedrada [no]-[no]-no vidro do ônibus da Suburbana. Aí quebrou, o motorista correu atrás dele, pegou ele, (rindo) botou dentro dum carro, (f)levou. Chegou lá no (inint)- na Suburbana, o Ferreira: "Onde é que você mora?" "Eu moro na Mipibu, trezentos e oitenta." "Quem é seu pai?" "Agostinho." "Que Agostinho?" "O dono-" não, primeiro ele disse: "Sabe que você vai preso e ("você vai")- seu pai vai ser preso também?" Aí disse que ficou com os olho cheio d'água, não é? "Quem é seu pai?" Disse: ("é o") Agostinho." "Qual é o Agostinho?" "Agostinho do posto de gasolina." "Puxa daqui para fora, (rindo) seu sem – vergonha, vai embora." (risos) ("E ele foi.") (risos) Aí o Ferreira me ("contou não é")? (f) **Depois** eu falei com o Euclides, Euclides Neves, o dono da Suburbana, não é? "Seu Euclides, o senhor **depois** vê quanto foi o prejuízo que o meu filho deu lá num carro. Ele quebrou um vidro do óculos traseiro do ônibus.

(dado 410) F- Oh! Eh! Gente só trabalha para os filho e para os neto. **Depois** de uma certa idade, você só vive para os filho e para os netos, está entendendo?

(dado 411) F- Ah, **depois** que você casar- ah, uma das coisas boas da vida é os seus filhos. E melhor ainda são os netos. Não tem coisa melhor não. Não tem coisa melhor! (hes) Eu- (hes) (inint) (rindo) se minha mulher não faz ligação de trompa, eu tinha um time ("de") futebol aqui. (f) (risos)

(dado 412) F- E ela não- nunca fez um aborto. (est) Nunca fez um aborto, porque diz que é pecado, não sei quê- está bom! Então vamos respeitar, não é? Mas **depois** ela teve que fazer uma cirurgia aí e então teve que fazer ligação de trompa. Mas é-

(dado 413) F- É, que (inint) não deu para mais, porque ela teve que (hes) ser operada e **depois** teve que fazer a ligação de trompa.

(dado 414) F- Aí você antes faz um exame. E para ver se você, por exemplo, você não pode ser analfabeta [para]- para ser motorista. Não pode ser analfabeta. Você antes- tu tem que prestar um exame. Aí presta o exame. Então, **depois**, você vai aprender a dirigir e conhecer as regras de trânsito, não é?

**Falante: N° 34 (inquérito)**

**Nome: Hel.**

**Idade: 62 anos**

**Escolaridade: 8 anos**

**Bairro: Ipanema**

**Profissão: Sem profissão**

(dado 415) F- Mas não é, gente, e **depois** só traz problema- problema para essa gente. (est) Porque eles não estão

preparados para isso. Quer dizer, começam uma coisa muito antes do que devia.

(dados 416, 417, 418 e 419) F- Ha! Bairro, ("no rio"), não. Eu morei em Laranjeiras alguns anos- **depois** que eu vim de São Paulo- eu morei, primeiro, no Rio Comprido. (est) Desde criança, moramos muito tempo lá. **depois**, quando casei, ainda morei no Rio Comprido. **Depois**, eu fui para São Paulo. Passei oito anos. **Depois**, voltei, fiquei em Laranjeiras. Alí, naquela- Jardim Laranjeiras, conhece?

(dados 420 e 421) F- Muito bom! Quietos assim- ali, morei muitos anos. **Depois**, casou-se meu filho, ainda fiquei morando ali muito tempo. **depois** que eu fiquei viúva, foi que eu vim aqui [para]- para- Ipanema. Morei na Montenegro, hoje Vinícius de Moraes.

(dados 422 e 423) F- Tudo! Aquilo é um trabalho fantástico, (est) com notas fiscais e recibos e talões e- (hes) é, enfim- quer dizer, eu ("ainda") acho, assim, uma coisa meio absurda. Mas, como aqui se faz muitas coisas absurda, (riso) vamos em frente. (est) É isso aí. E **depois**, então, eu voltei a Laranjeiras, ainda morei mais um pouco lá. **Depois**, ("vim")- fui viajar. Viajei, estive seis meses fora, daí, então, voltei para aqui. Para Ipanema. (est)

(dado 424) F- É. Dessa vez foi- eu fui também nos Estados Unidos. Fui, primeiro, ao Estados Unidos. fiquei lá- na época, na casa dessa minha prima que é em providência, no estado de Old Island. É o distante de Nova Iorque, de ônibus, umas quatro horas e meia, cinco. É, mais ou menos, perto de Nova Iorque. **Depois**, então, quando eu voltei desses seis meses fora, aí, eu vim morar aqui.

(dados 425 e 426) F- ("Eu") tinha uma tia que morava no- (hes) Portugal. Então ele foi para a casa dela. e (hes) o principal era o dinheiro da passagem, aquela coisa toda. **Depois**, de lá- ele ficou, lá, uma boa temporada, na casa dela, **depois**, conseguimos mais um dinheiro, então, ele foi [a]- a Roma, acho que foi à Espanha, esteve em Paris também- Londres é que eu não me lembro se ele foi, ("eu") acho que não deu <para> ele ir não. Foi só Roma, Paris e Madri.

(dado 427) F- Então, realmente, Portugal perdeu coisas [im-]- fantásticas, não é? (hes) Do que eles tinham conquistado. (hes) É não sei, por ser, talvez, pequeno é que- e por a vida ser mais barata, então, eles não- **depois** houve aquele domínio muito grande do Salazar, durante (hes) (est) sei lá, cinqüenta anos, quanto foi, não é? Então, eu acho que aquilo ficou, assim, ("um") Portugal meio parado.

(dado 428) F- Olha, eu quando volto, que eu passo muito tempo fora, quando eu (riso) chego aqui, eu tenho um choque. De começo, eu tenho logo um choque. E aquilo me dá uma revolta, ("não") sabe? eu fico, até, enfezada, fico irritada, fico tudo. **Depois**, eu vou entrando na rotina, aí, passo a ficar igual, não é? (riso) no fim, a gente fica igual. (risos)

(dados 429 e 430) F- [Vou para]!- Vou para lugaresinhos, assim, bem populares. (est) (inint) Por exemplo, lá em Portugal, (ruído) fui muito [àquelas]- àquelas casas de fado, (inint) mas que são, já, preparadas para o turista. ("Então, você-") a primeira vez, você gosta, ("tal"), mas, **depois**, você vê que aquilo não é, realmente, uma autêntica do povo, ("está"?) (est) então, **depois**, agora, dessas outras vez, então, eu, já, conheci pessoas, lá, que, já, me levaram às autênticas.

**Falante: N° 35 (inquérito)**

**Nome: Jos.**

**Idade: 59 anos**

**Escolaridade: 5 anos**

**Bairro: Rocha Miranda**

**Profissão: Faxineira, costureira aposentada**

(dado 431) F- Ah! Eu, para mim, esse bairro é tudo. (riso f) (est) Eu morava lá em cima, aí eu ia para lá, passava- quando eu tinha minha mãe viva, eu não- eu vinha toda semana. Que eu não agüentava ficar lá sem ver Rocha (rindo) Miranda. (f) aí, de manhã cedinho eu, (inint) meus filhos, já deixava a roupa toda arrumada assim na- nas cadeira, quando era de manhã cedinho, o primeiro ônibus a gente pegava. quando chegava aqui, batendo cedinho na ortá da minha mãe. **Depois** que ela morreu, não, já espacei mais, não é?

(dado 432) F- Ele resolveu ir para lá, nós fomos. Ficamos lá treze ano. Aí, **depois** se separou, eu voltei. não tinha condições, porque lá era um bairro pequeno e eu tinha muita filha moça, filho rapaz.

(dado 433) F- [Ah! Foram bem poucos brotos.] (riso f) (rindo) Broto foi só um primeiro (f) que eu arrumei e casei, aí vivi

vinte e cinco ano, **depois**, houve o <de->- desencontro, foi cada um para um lado.

(dado 434) E- E- e isso é importante, porque se não, **depois** eles acham que só a mulher tem que fazer.

(dado 435) F- Ah! Vou te falar (hes) foi tudo na minha vida. Eu era católica e de- adoro a religião católica. Era praticante mesmo, de ir em missa e tudo. mas, **depois** fui conhecer a messiânica, aí eu entendi que é ela [que]- que tem mais o que oferecer, não é? Porque ela a gente, através do (hes)- do ensinamento- a gente não precisa ter dom.

(dados 436 e 437) F- É, ó, deixa eu pensar. (ruído de música) como eu falei: tem pessoas que é- estava doente, ficou boa através do- **depois** que começou a freqüentar a igreja, não é? E, **depois**, se tornou membro, aí, vai lá, faz testemunho de fé. Ficou bom, vai lá fazer seu testemunho de fé. É bacana a religião.

(dado 438) F- Primeiramente, ela tem que freqüentar a igreja. Chegando ("a) bastante, ficado bem, não é? Assim no sentido de saber [se]- se quer. **Depois** faz as aulas. Aí, se tiver permissão divina, aí vai se tornar messiânico, não é?

(dados 439 e 450) F- Ele, antes de ir, ele chamou a polícia. aí, quando aí chegou um cara, que avisou que era uma cilada. aí, o Rudo levou o tiro por isso. Porque ele foi direto para lá, onde tinha o tal assalto. Quer dizer que ele chegou primeiro, levou o tiro, **depois** avisaram a- a Luana viu, não é? A Luana viu, assim, naqueles pensamento dela, ela viu o tiro. aí, perguntou quem sabia, disseram, ela foi para lá também. E o Tião chegou por último, porque ele passou primeiro na delegacia, não é? Aí o- a Luana começou a gritar o <Tião>- o rudç que estava deitado lá e pensou- ela pensou que era o Tião. Aí, começou gritar que amava o Tião. Que amava o Tião, quando ela viu era o Rudo. (risos) Aí, Tião chegou **depois** ainda foi ajudar não é?

(dado 451) F- Não. (inint) Não era, porque não ia dar certo, não é? Geralmente, quase todos casamento não dá. Por isso que, às vezes, a moça namora um rapaz <car->- um tempão, não é? **Depois** já vai casar por- e- por compromisso, não é? (est) Aí que (inint) é por isso que não dá- (hes) surge esses problema que está se vendo aí. Não é (inint.)? (ruído de vozes)

(dado 452) F- Acho mais o entedimento, a compreensão, não é? Compreensão é o fator principal. Que (hes) a pessoa entendendo, aceitando as coisa, dá certo. O meu casamento deu certo vinte e cinco ano. **Depois** foi- os problema foi [que]- que [tínhamos]- tínhamos doze filho, (vozes) não é? Quer dizer, a situação, os vezes, influi. A outra pessoa não tem aquele- aquela força, não é?

(dado 453) F- Aí, você cozinha tudo, não é? E **depois** você vai, numa travessa, arrumando as camada. uma camada de cada coisa e vai regando com azeite e vinagre. Aí ("termina").

(dados 454 e 455) F- Ah! Eu já- não. Aí, (hes) forra a- esse mesmo purê, não é? (est.) forra o tabuleiro e recheia de carne moída- carne moída assim com ovo, azeitona- (est.) **depois** cobre por cima. (est) Para você não ter dificuldade de cobrir, você arma assim num- (hes) põe num plástico, aí, arma a tampa do tabuleiro ali. **Depois** bota e puxa do plástico, fica ampadinho. Aí, você pincela com ovo, a gema do ovo e bota para assar. (est) É uma delícia, um salgadinho jóia mesmo.

(dado 456) F- Eu acho- eu sempre falo aqui em casa: eu acho que, quando a pessoa não tem filhos, não tem problema, mas eu acho, **depois** que tem filho, eu acho que não devia não. Eu acho que influi muito, não é? Na <in-> criação dos filhos e cuidar deles. Eu acho.

(dado 457) F- É, uma loucura, aqui <pintaram>- todas as ruas, não é? Pintaram, aquela confusão, para **depois**...

**Falante: N° 36 (inquérito)**

**Nome: Nad.**

**Idade: 57 anos**

**Escolaridade: 7 anos**

**Bairro: Inhaúma**

**Profissão: Costureira**

(dado 458) F- Não é. Eu tenho trinta e cinco ano de casada. (est) Eu morei numa outra casa, **depois** eu comprei esse terreno aqui e construí a casa. (est) Não é. Era grande assim, era pequenininha.

(dado 459) F- Foi crescendo, foi aumentando, não é? Porque eu vim para cá, eu já tinha meus dois filho, mas eu não é tinha condições de fazer a casa grande, aí fiz pequenininha, **depois** fiz mais um quarto, aumentei a sala, fiz outro banheiro,

fiz uma cozinha maior- (est) essa rea que não é tinha.

(dados 460 e 461) F- Não. Lá em Iporá? perto das sete queda. Quase na fronteira do Paraguai. (est) Tem Iporá? **Depois** tem a cidade de Guaíra, onde tem os sete queda, **depois** vem a fronteira do Paraguai, (est) bem lá [no]- no fim do Paraná do Paraná.

(dado 462) F- Trabalhei. Trabalhei na Loja Americana. (est) **Depois** eu trabalhar lá na Rua do Ouvidor, eu fui trabalhar no escritório como recepcionista. Naquele tempo não <era> não dizia recepcionista.

(dados 463) E- Sei, e **depois** a senhora parou-

F- Aí eu saí. Casei e saí, não? saí do trabalho para casar. Aí não voltei mais para trabalhar.

(dado 464) F- Porque, antigamente, você geralmente casava, não trabalhava, não? Isso há trinta e cinco anos passado. Então, não? Era difícil uma moça casar e continuar trabalhando. Aí, minha mãe também: "Ah! Você vai ficar trabalhando, não sei o quê. **Depois** vem as criança-" aí eu saí. (est.) Antigamente, hoje- isso que eu digo: hoje, a televisão ensina muita <coisa>, ensina coisa ruim, mas ensina muita coisa boa.

(dado 465) F- Não. Meu marido já viajou muito. Meu marido conhece o Brasil quase todo, porque ele trabalhava no instituto nacional de migração, (est) então ele viajava muito. Aí **depois** que ele se aposentou, não- nunca mais viajou. Tanto que ele ainda não foi lá na casa do meu filho. (est.) ele ainda não foi lá.

(dado 466) F- [Fica-], eu vou lá às vezes. Por exemplo: eu fui- quando a meninazinha nasceu eu estive lá, não? Foi em fazer um ano. Foi em outubro que eu fui. Fiquei outubro, novembro, dezembro. **Depois** vim me embora, não?

(dados 467, 468 e 469) F- Você vai daqui a Maringá, Maringá salta, aí tem que pegar outro ônibus. (est) Quando, lugar que você pega um ônibus só, ainda vai lá, mas tem que- não tem condição- não tem avião. Tem avião assim: você daqui a São Paulo, de São Paulo a Maringá e **depois** em Maringá tem que pegar ônibus. Aí não compensa, não adianta, porque **depois** você tem que viajar quatro horas e meia de ônibus. Não adianta. Você pode também ir daqui a Curitiba e **depois** de Curitiba pegar o avião. (pensa) Não, também não dá.

(dado 470) F- Primeiro eu queria conhecer o Brasil todo, aí **depois** (hes) pensaria em conhecer o exterior, não? (est) Mas não tem cidade preferida não. (est)

(dado 471) F- Como, que faz? (est) eu boto três xícara de farinha, uma gema, (est) duzentas grama de claybon, não? (est) [e um]- e um pouquinho de sal; royal, uma colherzinha e três colher de leite e mexo. Não? Amasso bem, não? Aí **depois** faço. [ou]- ou pode fazer empadinha ou empadão.

(dados 472 e 473) E- Deixa eu ver se eu me lembro. Sim. Você bota na- no liquidificador, duas cenoura descascada e partida miudinha, não? (est) Aí bota meio copo de óleo, acho que, dois ovos, não? Aí você bate no liquidificador e **depois** você tira e bota numa vasilha, bota farinha de trigo, o açúcar. Aí mexe e bota no forno, não? na forma untada com manteiga e bota no forno. **Depois** que ele está pronto, eu faço uma calda de chocolate e boto por cima.

(dado 474) F- Então trabalha três, quatro ano, tem aumento de não sei quantos por cento. De oitenta>- de quarenta por cento, **depois** quarenta por cento sobre aquele sal rio. vai subindo.

(dado 475) F- Ah, aquilo tudo, mentira. (riso e) Tudo, conversa. (rindo) Antes deles chegarem lá, eles prometem tudo, mas (f) **depois** que eles estão lá, eles nem se lembram do que prometeu. (est.) E quem votar pensando na promessa deles, (est) est roubado (risos)

(dado 476) F- [Aí <de->-] vejo Chico Anísio, Chico Anísio eu vejo. Aí só. O Jô Soares eu não vejo não. Eu vejo geralmente o <Flávio>- o programa do Flávio. (est) Gosto mais. E **depois** do Flávio Cavalcanti- do programa dele que, alô Brasil, não? Boa Noite Brasil, aí depende. aí eu, se tiver um filme bom, eu vejo, se tiver uma entrevista, eu vou ver. Aí depende da programação das estações, não?

(dado 477) F- Porque eu acho que a idade mais perigosa, na minha opinião, tanto para moça como para rapaz, quinze, até uns vinte e anos, sabe? vinte e pouco, eu acho que , - para aprender o que não <deve>- assim, não- ("por exemplo"), se viciar em tóxico, (est) entende? e outras coisa que não é normal para uma- um rapaz direito. Agora, **depois** que passa essa

idade, como meu filho. Meu filho não vai dar (hes)- se tiver que dar para alguma coisa, já tinha dado- não vai dar mais para mais nada.

(dado 478) F- Então as coisa- é mais fácil você estudar e um pai dar instrução, apesar que diz que é-está caro, mas tem mais facilidade. De (hes)- que dar a instrução hoje, (tosse f) (est) quer dizer que, antigamente, você tinha o ginásio, bastava. Estava ótimo? Hoje, não. (est) Hoje você tem que se meter numa faculdade e **depois** tem que-...

(dado 479) F- Antigamente, era venda, não era supermercado. Meu pai que fazia tudo. (est) Minha mãe não ia na rua comprar uma verdura. **Depois** nós fomos crescendo, ela mandava: "vai ali na quitanda comprar uma couve. vai na horta." (explicando) -- <tinha> tinha horta aqui em Inhaúma, não é? – [minha mãe] nunca- (inint) [minha mãe] não atendia telefone!

(dado 480) F- Bom, acho que nada, não? Mas só ir com- não? Eles ir mais- não ir tão, assim, confiante. Ir sempre com a esperançazinha, assim: "bom, eu vou ganhar, mas também posso voltar [com]- com- sem vitória, não?"

(dado 481) F- Ah! Eu acho que, **depois** dessa, eles vão aprender.

(dado 482) F- Porque você pode pagar às vez, você pode pagar uma empregada assim. Mas nem sempre você tem a empregada. Se você (hes) não souber fazer, você não sabe mandar, não? (est) Não sabendo fazer não sabe mandar. E **depois** o dia que não tiver empregada? se você não souber fazer nada, como, que vai ser? Então acho que a pessoa tem que saber de tudo.

**Falante: N° 37 (inquérito)**

**Nome: Pit.**

**Idade: 25 anos**

**Escolaridade: 10 anos**

**Bairro: Leblon**

**Profissão: Bancário**

(dado 483) F- Já trabalhando, não é? (est.) É, porque foi engraçado, não é? Primeiro pintou a prática, para **depois** pintar a teoria. Agora eu estou na teoria, estou no curso. Mas a prática realmente, sabe? É uma coisa assim meia violenta. É você, sabe? Entrar assim em caixa, não é? Eu sou caixa do banco. Ao meio-dia e se dar conta assim que, de repente, são três e meia, que você precisa beber uma água, aí você, sabe?

(dado 484) F- Que, às vezes, trazem um problema de casa, não é? de casa. Aí a Sílvia, sabe? Captava, não é? Pegava aquele lance e (inint). Não, mas não é nada disso." Aí chegava assim para o balcão, tirava assim o cara do caixa **depois** que ele era atendido, não é? Ou então tirava o cara na melhor, levava um papo, sabe? **Depois** ia lá: "aí, já acabou aquele lance do cara?" "já, está aqui, Sílvia, aí." "Ah! falou obrigada."

(dado 485) F- Hum! Muito forte, sabe? Ele conta- [o]- o Luís me contava assim passagens sabe? Fortíssimas. **Depois**, pintou também, sabe? Einstein através dele, sabe? Einstein foi também uma coisa muito forte, não é?

(dado 486) F- Mas não sei! Eu acho que filho é um lance assim, sabe? Muito, ih! Muito para lá, muito **depois**. Eu estou garotão ainda; já tenho um montão aí sabe? De coisa para fazer. Eu sabe? Que eu ainda não realizei.

**Falante: N° 38 (inquérito)**

**Nome: Leo.**

**Idade: 18 anos**

**Escolaridade: 10 anos**

**Bairro: São Cristóvão**

**Profissão: Salva-vidas**

(dado 487) F- [Só matou], é. (est) Aí **depois** ficou só a onça, o cachorro <mo->- maior barato era que a gente não podia é- o pessoal de fora, que não era da casa não podia meter a mão no cachorro (latido de cachorro) que a oncinha avançava, (est) e não podia meter a mão na onça, que o cachorro avançava.

(dado 488) F- Porque é um bicho noturno, ela ("passava") (inint), o dia inteiro para ficar dormindo (est) isso mesmo é que era chato, que eu dormia de noite, queria brincar com o bicho (barulho pancada cigarro) e o bicho (gesto) dormia de dia, não é? E de noite(latido cachorro) ("que eu") ia- estava dormindo, eu não podia brincar. Ela ficava me mordendo, todo



mundo, não é? Ficava me mordendo, mordeu a ponta da orelha, (riso) (inint)- é isso aí. **Depois**- eu ("acho") que lá em casa teve tanto bicho, sabe? Pô!

(dado 489) F- Ainda mais quando ela cresce, a jaguatirica adulta, ela é pequena, ela não cresce mais do que essa mesa, não, ela fica assim (gesto) pequenininha. Mas aí é- o pessoal do edifício começou a falar, não é? "É que essa onça **depois** vai crescer e tal", aí (inint) quando ela era pequenininha, a gente pegou e trouxe aqui no zoológico, aí, tinha um médico aí, que conhecia meu pai, (est) aí, a gente combinou, não é?

(dados 490, 491 e 492) F- Engessava a perna toda - era a perna direita. Aí, engessava tudo. Aí, eu- começou a ficar com essa (apontando) perna mais fina, aí, quando ia, ele tirava o gesso, no mesmo dia quebrava, ("para") **depois** ver, eu acho que uns meses, tirava o gesso, quebrava o pé de novo e engessava o pé no mesmo dia. (est) Só ia lá para tirar o gesso, quebrar o pé [e]- e examinou.(vozes) Aí, começaram a engessar as duas perna. Então, passei a infância toda com o gesso nas perna. [Desde garotinho,] nenenzinho. (barulho de batida) aí, **depois** aí eu me lembro que eu usava aquela- a única coisa que eu me lembro **depois** dos ferro é que (inint) usava aquelas botina com armação de ferro aqui, assim, (riso) aquelas botinona, aqueles bico, não é? Aqueles bico que batem assim: (batendo) toc, toc, toc- (riso) isso aí. Aí ("que") os pés eram assim, ("ó").

(dado 493) F- Domingo à tarde é assim: É sempre uma pelada. (est) Sabe? Uma pelada, aí **depois**- vamos (inin) [aqui]- aqui onde eu moro, é ("aqui"), a gente bota uma ("pelada-") ("gente") fica jogando bola, aí quando cansa, a gente invade a piscina do Pedro II, (riso) sabe? Uma brincadeira que não machuca ninguém.

(dados 494 e 495) F- [Barra,] eu gosto da Barra, que tanto que eu estava fazendo o curso, (est) quando eu estava fazendo o curso, eu ia para lá de manhã, **depois** ficava vendo, assim, nego passeando, sabe? O pessoal de lá passeando, não tinha nada para fazer. aqui não dá para gente fazer isso, não. ("e passear") (inint). Ser atropelado- (riso) (est) lá não, lá é calminho mesmo, heim? Não tem nada, sabe? Sempre tranquilo, sabe? (est) parece cidade do interior, passa um ônibus, **depois** passa um carro, ("variado, assim, no lance"), maior barato.

(dado 496) F- Lá perto de uma- é uma ilha que é um paraíso, aí. sabe? Em cima e embaixo d'água. O pessoal fica malquinho, sabe? [todo]- Todo o mergulhador novo que a gente pega e leva para lá, (est) fica maravilhado, sabe? Aquela formação de coral, sabe? Mas ainda vivo, sabe? (est) quer dizer, o coral **depois** que morre, não é? (est) Que vira aquela pedra, mas ainda vivo, aquelas ("espalhada tudo"), sabe? Lindo! Lindo mesmo.

(dados 497 e 498) F-. Eu estava pensando, não é? "Vou meter a mão no bicho". Aí, eu: (muxoxo)("não") Vou meter a mão, deis o bicho aí", "ah, eu meto a mão", "não, não, não vai dar". Aí, **depois** eu estava conversando com um cara, (rindo) aí-(riso) o cara estava falando que um colega dele, olha só, eu não tinha nem perguntando. Ele estava conversando comigo, ele vai e mergulha e estava falando: Pô, um colega meu uma vez levou uma dentada de uma moréia, e aí, que prendeu, o bicho morde, só larga **depois** que morre". Imaginou eu meter a mão, e ("levaria") dentada. (est) Mas foi no rosinho, aí, estava rosinho, uma vez também eu estava entrando para mergulhar, sabe? Cabo Frio, conhece Cabo Frio?

(dados 499, 500, 501 e 502) F- O pessoal falou para mim como é que era, a teoria, sabe? E a prática ninguém me ensinou, meti a mão numa moto que o meu colega trouxe, esse- o mesmo cara que bateu com a minha moto, trouxe uma moto emprestada aí, aí, eu peguei, fiquei andando, aprendi sozinho mesmo, só me lembrando o que o pessoal estava me falando. Aí, **depois** eu conheci um outro cara que trabalhava no Detran, que veio pedir um negócio para mim, aí- para mim, não, não é? Que tinha sido atropelado, aí, queria que a gente pegasse a placa de um carro, o carro que atropelou ele, aí, ele veio aí, tinha a moto- tanta vez que chegava aí, a galera (riso) já ficava ó, galera já ficava prontinha para meter a mão na moto dele. (est) Todo mundo- (riso) aí, ele: "Quer andar?" Aí, nego: "Não, não, quero não". Já subia na moto, (riso) brigava aí, eu ficava andando aqui por São Cristóvão. ("aqueles que bons tempos"). Foi (inint) foi naquela moto mesmo que eu aprendi, porque ele deixava é nessa moto do meu colega, só fiquei indo e voltando, sabe? Pela rua. Só aprendendo a lidar com a moto, **depois** que eu aprendi a andar mesmo de moto, com essa marrom, essa do meu colega, [do]- do Detran, o cara do Detran. Aí, que eu aprendi mesmo a andar de moto, não é? ficava dando volta em São Cristóvão, só. Me amarrei. Grande colega aquele. (riso) **Depois** sumiu, nunca mais vi. Aí, **depois** veio (vozes)essa aí que [era]- era do meu outro <m>- do meu irmão mais velho...

(dado 503) F- Aí, eu saí do Pedro II, aí eu <pa...>- eu- estava (barulho) me dando umas louca na minha cabeça, eu até esqueci de estudar, sabe? Aí, começou o ano letivo dos colégio- eu entrei com um ano, (hes) que eu entrei com um mês, um mês e três semana, quase dois meses de atraso no colégio, foi **depois** das aulas terem começado- e quando eu entrei, era matéria de revisão que eu estava dando no segundo ano, de matemática. (est) Aí, eu fiquei assim, ó. (Expressão facial)

(dados 504, 505, 506 e 507) F- "Vou dar a minha nota de compasso". Aí, a galera ficava com medo, isso é maior-garotinho, não é? Doze anos. Eu ia ficar ali naquela sala? A mulher é maior carneira, eu não. Aí, eu matava tudo que era aula. [não]- não-[assi]- Assistia a uma aula por mês, só a prova. (est) Que eu pegava (riso) o caderno do meus colega, estudava, aí fazia. Mas mesmo assim- (muxoxo) **depois** veio- ó, desenho, desenho que eu fui reprovado no primeiro- fui , **depois** (hes) passou ser [do]- das melhores matérias. Matemática, história- história, **depois** que eu perdi o gosto pela história, não sei porquê- e qual é a outra matéria? Inglês. (est) Inglês também eu estava bem, mas **depois** perdi o gosto pelo inglês, na oitava série, tanto que quando eu passei ("para o") primeiro científico, eu comecei a aprender alemão. (riso) [eu]- eu odiei inglês

(dado 508) F- Então vão dar dez notas. Então, se a gente se ferra numa nota, ("digamos") peso três mesmo- ó, mesmo se você tire três dez, (est) nas três prova de peso um, se você tirar cinco numas provas de- nas outras, você está acabado. (est) Você quer ver, trinta, **depois** são <se...>, não, não é isso, não. Se você tirar, abaixo da média, não, a prova [é]- é a média do Pedro II é seis e meio, ainda. (est) Ainda é alta, seis e meio.

(dado 509) F- [Então, ele começou- trouxe aqueles livro, aquelas coisa assim, aí, eu ficava (trepidação) folheando, (est) vendo, o maior barato, eu comecei a tomar gosto, sabe? ("Aí"), eu não sei o que que eu faço. De repente, vou fazer os dois, ("aí") (riso). Eu vou fazer o primeiro **depois** de velhinho, faço <seg->, faço engenharia. mas não sei, sabe? Agora, tem pessoa que manda fazer a engenharia, tem pessoal que manda fazer medicina. Eu preferia fazer medicina, aí.

(dado 510) F- (riso) É, pode crer, (riso) ainda mais que são duas matéria que- duas coisas que- não é? (est) Mas eu pretendo fazer um, **depois** que acabar, fazer outro. Sou um rapaz novo ainda, cheio de vida. (riso)

(dado 511) F- Aí, ele falou: "Olha aí, da próxima vez que você (imitando o pai)chegar a essa hora, ficar preocupando a gente, ninguém dormiu em casa e o caramba, próxima vez vou dar uma porrada em você." (riso)Aí, eu falei. "Que nada, não se trata disso: (riso) não, mas ele- aí, **depois** teve uma vez também que eu cheguei mais tarde. Minha mãe é ("mesmo") [meio]- meio louca, sabe? Minha mãe mesmo (est) super- mãe, é lá meia louca.

(dados 512 e 513) F- Só quero estudar. Ah! Tem esse lance também de trabalhar, não é? Porque é um negócio que fica meio chato **depois** da gente- um homem, não é? Um cara grandão e ficar pedindo dinheiro a meu pai, sabe? (est) É meio chato acho que negócio que eu gosto de fazer, eu não vou fazer nada, mesmo, só vai dar tempo ("de") fazer nada. Então, eu vou- quero trabalhar, ganhar um dinheiro, se **depois** compro meu carro, minha moto, sabe? (est) Um negócio meu, continuar estudando.

(dado 514) F- [(Sei lá").] Quer dizer, não pararia de estudar em parte, não é? Pararia (est)de estudar um ano, (riso) a não ser quando começar a gastar o dinheiro eu parava de estudar e **depois** começava de novo. A primeira coisa que eu faria? Comprar um lugar, sabe?

**Falante: N° 39 (inquérito)**

**Nome: San.**

**Idade: 15 anos**

**Escolaridade: 9 anos**

**Bairro: Engenho Novo**

**Profissão: Sem profissão**

(dados 515 e 516) F- Quando ela foi ficando maior, ela fazia: tricô, crochê, botinha, sapatinho para criança. Aí, foi crescendo, aí, foi ter aulas...acho que, com uns dezessete, ela foi ter aula de costureira mesmo... Aprendeu corte e costura, aí, começou a trabalhar como profissional, sabe? Aí, veio trabalhando até hoje. Conheceu meu pai, costurava, ela casou, não costurava, ("porque") eu nasci- (inint) logo **depois**, (inint) continuar para <costurar>- a costura, porque ela veio para cá logo **depois** que casou, não é?

(dados 517, 518 e 519) F- Então, (hes) nada mais lógico e normal do que entrar no- se bem que, quando eu (hes) entrei para o grupo de lá, eu já estava morando (hes) não, longe, no mesmo bairro, mas duas ruas **depois**, assim, duas quadras não, <entende?> Então, nas- c não teve nada a ver com ma não, e porque eu já" conhecia algumas pessoas do grupo: ó padre - então, eu chequei lar- teve uma vez que eu estava lá, essa menina perguntou: "quantos anos você tem?" Aí, eu falei: "Ah, tenho quatorze". Então, olha: "você é muito novinha, não pode entrar e tal. Porque eu gostaria de ("ser-") "você parece ter mais, não é?" ("ainda") Fiquei até contente. "Aí, eu gostaria que você entrasse no grupo jovem" eu <falei>: "Ah, tudo bem!" aí, <**depois**>-não, no domingo seguinte, que eu ia... <missa>ih, a máquina da minha mãe está atrapalhando. Eu

ia à missa das- da noite, então, eu conversei com essa menina, com a Leila: (inint) "Ah, você entra, vê- para ver como é que é!" Aí, eu fui no outro domingo, às quatro horas. Aí, ela fez uma fichinha, mas, assim, por fazer! Sabe, o nome, o endereço e tal. Aí, eu passei- passei a ir. Foi assim, não é? Aí, eu cheguei lá, eles (hes) apresentam as pessoas, e a gente vai participando, quando conforme (inint) primeiro, vê os outros falarem, vê como é que é o esquema mais ou menos, para **depois** entrar. [Participar] mais.

(dado 520) F- Então, eu me lembro que eu, quando eu vim para cá, eu falei: "Ah, tomara que a senhora pague logo aqui para gente voltar correndo para lá, que eu quero voltar lá para <perto> dos meus amigos." Agora, eu já não penso assim não, porque (hes) prova de que eles são amigos mesmo é que eles estão vindo aqui, sabe? Sábado mesmo, minha colega- logo **depois** que vocês saíram, chegaram duas colegas aqui.

(dados 521 e 522) F- Ela falou assim: "Não, mas [você]- você é recepcionista, você tem que estar lá." "Está legal! "Aí, eu peguei uma folha com papel- uma folha de papel, caneta, aí, fui lá para baixo e comecei a escrever bobeira, fazer jogo da velha, sozinha, (hes) sabe? Essas coisa assim. Aí, chegou lá o- aí, [o]- o patrão saiu assim seu José **depois**, <ele> ficou amigo, sabe? Aí, pegou e desceu <assim>- foi embora assim- aí, fiquei- aí, eu fui lá, abri o portão- aí, no princípio, foi chatinho, assim, sabe? Mas, **depois**, foi- foram pegando confiança, aí- aí, eu ficava de- aí, a minha tia falou: "Ah, <negócio> do cafezinho-"

(dado 523) (CONTINUAÇÃO) Ele não gosta de espuma, aí, tinha que tirar a espuminha do café- (riso) aí, (inint) subia a escada, levava lá para cima- aí, foi [mudando]- foi mudando. Aí daí eu comecei [a] como eu te falei! A apagar os ponto. Toma de passar borracha em ponto, para **depois** passar a caneta, (inint)- umas borracha grande para caramba, sabe?

(dado 524) (CONTINUAÇÃO) Trinta linhas com (ininteligível), faz as conta! Dá trabalho, não é?! (Irmão passando e cantando) (informante pedindo que se cale) aí, **depois**, eu como é? (inint) Começar a bater à máquina, tinha [uns]- uns- (criança falando) umas fichas que tinha (irmão fala também) era de salário família. Uma ficha de salário família (falando com o irmão)cala a boca!

(dado 525) (CONTINUAÇÃO) Então, ficava lá, na minha, <tec tec tec tec tec>, devargazinho. Aí, eu fiquei um pouco tempo. Fiquei lá uns. Três meses, aí, **depois**, eu saí, (hes) primeiro, eu saí, porque, sei lá, eu acho que estava muito cedo para mim e eu [não]- não ia querer- para mim, estudar à noite, trabalhar- porque, lá, era o expediente inteiro.

(dado 526) (CONTINUAÇÃO) Cada um ajuda na ("maneira") (inint). ("eu") Prefiro [não]- não <fazer>- [não]- não continuar não. Vou terminar meus estudos primeiro, aí, **depois**, eu vou ver! Tanto que ele me convidou para continuar lá e tal- falei: "Ah! Mas não vou continuar não, porque não vai dar."

(dado 527) F- Tem um ano atrás. "Ah, mas não tem campo, é muito difícil, quem já é, é, quem não é, não consegue entrar. Aí, colocam ("colocaram uma monte") de obstáculo, aí, eu já fico assim: "Poxa, tem tantas outra!" Aí, eu isolei. Aí, **depois** falei em <negócio> do campo do jornalismo." Porque, ano passado, quando eu estava dando é- na matéria dessas [e]- e provas, então, eu tive uma facilidade incrível, sabe?

(dado 528) F- Elas tem de tudo lá, sabe? Quanto todo arrumado, tudo muito limpinho. Sabe? Elas são super hiper educadas! Então, foi uma experiência, assim, muito boa, muito agradável. Gostaria de voltar lá. **Depois**, eu ainda estudei com uma que eu (fui)- fui lá ver também. Elas não vivem, assim, maravilhosamente bem, porque não tem condições, não é?

(dado 529) F- Então, (hes) na casa que eu nasci. Então, era minha mãe e [essa]- (hes) minha mãe e meu pai, essa senhora essa moça e o marido. Então, a minha mãe ficou grávida de mim, logo **depois**, essa moça ficou grávida. (inint),Então eu nasci, nasceu a filha dela, aí, a minha mãe foi subindo de vida, não é?

(dado 530) F- Eu já não estou nem dizendo ("para")- "não!" [não] Não tem o [relacionamento]- relacionamento com a pessoa, mas tem de pensar duas vezes e cuidar, poxa! Tem tantos modos para evitar, tantas maneiras, que eu acho impossível que a pessoa que nasça a que- [nasça]- nasça uma criança que vá ser odiada **depois**, porque a mãe não desejou, do que seja tirada assim- acho que é mais por causa da minha religião também, não é? [Que é]- (est) que é bitolação.

(dados 531 e 532) F- Então, vai ter que tirar mesmo! Agora, tirar, porque: "Aconteceu!-" Tirar, porque: "Ah; não vou ter dinheiro!-" Por que que não pensou que não ia ter dinheiro antes?! Só pensou **depois**?! Por que que pensou que:

"Aconteceu." Aconteceu, porque você quis! "Aconteceu, não foi assim! Então, [eu não] eu não (hes)- (falando com o irmão) **depois** fecha a porta lá, está? Muitas desculpas que as pessoas arranjam, e eu não concordo não.

(dado 533) F- Acho que, nesse ponto, eu sou muito equilibrada, para fazer as coisas! Eu não- nunca faço uma coisa assim: pa! Raramente, sabe? Eu faço uma coisa assim: "Ah, já! É para já!" Pensei agora, cinco minuto **depois** estou fazendo. Geralmente eu penso, às vezes, eu penso até demais, perco até as chance.

(dado 534) F- Agora, tem o tradicional que: compra amendoim, e torra, e tira a casquinha, (soprando) sopra assim, (rindo) suja tudo, não é? Você faz? Tem que tirar a casquinha. (soprando) Sopra e <tchum>: casca de amendoim para tudo quanto é lado! E **depois**, tem que moer o amendoim; aí, (inint) ficar com chocolate, aí- essa é o modo- é gostoso, não é?! É o tradicional. Mas esse outro modo que a minha tia me ensinou é tão gostoso quanto e não dá o mínimo de trabalho.

**Falante: N° 40 (inquérito)**

**Nome: AnaC.**

**Idade: 19 anos**

**Escolaridade: 9 anos**

**Bairro: Cascadura**

**Profissão: Sem profissão**

(dados 535, 536 e 537) F- Dia de semana- quando eu acordo, a primeira coisa- (falando rindo) abro os olhos, não é? (est) **Depois** ponho os pés no chão- vou para o banheiro, escovo meu dente- vou tomo o meu café, **depois** fico ouvindo som. Fico ouvindo (hes) Alberto Brizola. **Depois**, me arrumo, está? E (hes) vou para a escola. (est)

(dado 538) E- E você pretende fazer o que **depois** que terminar (voz de criança) o segundo grau? (f)

(dado 539) E- E mudou alguma coisa **depois** [que a televisão foi lá?

(dado 540) F- Pego de seis hora e largo só às cinco da tarde. Aí chego em casa, a ponto de, chegar em casa, almoçar- almoçar, hein? E dormir, est? (est) Aí, **depois**, acordo, janto, est? E me arrumo e vou para o baile. (est) É isso.

(dados 541, 542 e 543) F- Olha, para dizer a verdade, meu pai nem sabe que eu namoro (risos e) (est) Porque, para ele, namorar é **depois** que tiver um emprego (est) Ali, fixo, sabe? Cara ele é assim **depois** dos vinte anos também. Namorar **depois** de vinte ano para ele. (est) Tem que ver meu pai, minha filha, vocês precisam conhecer meu pai (est) É uma parada.

(dados 544, 545, 546, 547, 548, 549 e 550) F- Vocês pegam [a]- a batata, corta ao meio? (est) E deixam ela ali na- na vasilha est? (voz de criança) E **depois** (vozes ao fundo) e **depois** pega (vozes) (riso abafado) (inint) **depois** (f) que o bacalhau estiver fervido, tira, quando o bacalhau estiver já molinho, (voz) tira, põe numa vasilha e **depois** põe a batata e deixa <go->- cozer <naque->- naquela água do bacalhau. **Depois**, você limpa o bacalhau, est? Põe dentro de uma panela; limpa aquelas negocinho que tem- aquela pele melosa, est? Põe e bate o bacalhau(hes) enquanto a batata está lá cozendo- você corta a salsa em picadinhos e a cebola em picadinho e bate junto com o bacalhau socado, est? Bate. E **depois**, você tira a batata tira a casca da batata; pega o espremedor de batata, espreme em cima daquele bacalhau batido com a salsa e a cebola (est) E pega. **Depois** que você espremer a batata todinha, aí você pega, você pega um pouquinho [de (hes) de pimenta-do-reino com cominho, põe- é, pega quatro ovos, est; põe dentro da massa e amassa aquilo tudinho, est?

(551) F- É, com a mão. amassa, bem amassadinho e **depois** é só você fazer os- (hes) aqueles bolinhos e põe dentro da frigideira para fritar. Fica uma delícia.

(dados 552 e 553) F- Mas aí no caso, meu pai- é, faço! (inint) Mas é assim, gente, eu estou falando assim: desde cedo, até de noite que é quatrocentos bolinhos. **Depois**, é que- na parte da manhã, meu pai faz duzentos, est? E **depois** na parte de noite quem faz é o na parte da tarde quem faz é o sócio dele. (est) Bolinho para caramba, minha filha, você precisa ver!

(dados 554 e 555) F- [Por quê?] Como assim, amassar o bacalhau? (est) É amassar o bacalhau junto com a salsa e a cebola. Fica uma delícia. (est) E **depois** você tem que mexer, não é? Claro! Ovos inteiro, (est) est? E põe cominho e pimenta, **depois** só mexer com a mão, minha filha, fica uma delícia! (est) (ruído)

(dado 556) E- Conta aí [da rainha,] **depois** da Gretchen.

(dado 557) F- Antes eu tinha imitado a Gretchen aí quando ele chegou assim e falou assim: "<tan-ran-ran-ran! Terceiro

lugar!" Aí, **depois**, os jurado escolheu, não é? "Terceiro lugar: fulano de tal; segundo lugar: Fulano de tal." Já estava tremendo, já estava até me dando dor de barriga na hora, não é? ("Ficava") nervosa.

(dado 558) F- Os garoto tudo, não é? Querendo me pegar, sabe? Aí, eu ia lá, provocava mesmo, sabe? Aí fiquei, dancei. Aí **depois**, eu nervosa, não é, aí tinha uns garoto lá, no patins, aí pediu que os garoto escolhesse uma das garotas melhores.

(dado 559) (CONTINUAÇÃO) Aí eu peguei, dancei, aí todo mundo: "É essa?" Aí: "É!" Aí ficava em par duro eu e minha colega! Aí, peguei, tudo bem. Aí **depois** ele falou: "Ó, ganhou essas duas meninas.

(dados 560 e 561) (CONTINUAÇÃO) E eu não fazia isso. (est) Eu ia pela minha dança, (est) não pelo meu gesto, (est) botando a mão lá para ficar, os cara ficar tudo- **depois** eu saía de lá e os cara: "piranha!" Ia ficar passando a mão. **Depois** que ela saiu, os cara ficou tudo passando a mão na bunda dela, sabe? Eu acho isso ridículo.

(dado 562) F- Quando eu me casar, chegar para o meus filho: "Olha, a sua mãe foi rainha do carnaval e ganhou o primeiro lugar, Gretchen, no Madureira. "Tem que ser, <p"-> deve ser um orgulho também para os filho **depois** contar para os colega: "Pô! Minha mãe, vocês precisam ver, quando a minha mãe era nova, olha.

(dado 563) F- Não. Aí, quando meu colega me levou, aí eu fui bem lá- entrei- inclusive, quando eu raspei a minha perna, eu raspei com tanta pressa, não sei se já aconteceram com vocês; raspar a perna com pressa, dar um talho assim, aquilo ficar branco e **depois** sair sangue na <can->- aqui na canela. (est) Já aconteceram isso com vocês?

(dado 564) F- Mas dá para tapear. Então muito bonita as perna dela, bem queimadinha de praia, sabe? Era também filha do diretor dali. **Depois** eu soube que ela era filha [do]- do administrador ali do Pólo Um. Aí eu soube que ela ganhou porque ela era [filha]- (hes) filha do administrador dali . Claro, não é? De peixada, não é?

(dado 565) (CONTINUAÇÃO) Qualquer roupa ali do pó. O um eu podia escolher em cada loja grátis- (est) e **depois** eles me davam um cartãozinho, eu tinha crédito, qualquer loja, sabe? (est) Não precisava pegar nada, nada meu, sabe?

(dado 566) F- Sabe? Apesar de meu pai ser um homem todo e **depois** ele soube que eu fui rainha, sabe? (est) Porque, quando eu esqueci minha coroa- esqueci minha coroa, olha só! (risos) Eu fui ("capacho"), sabe?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)